

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

PORQUE AMAMOS  
LIVROS

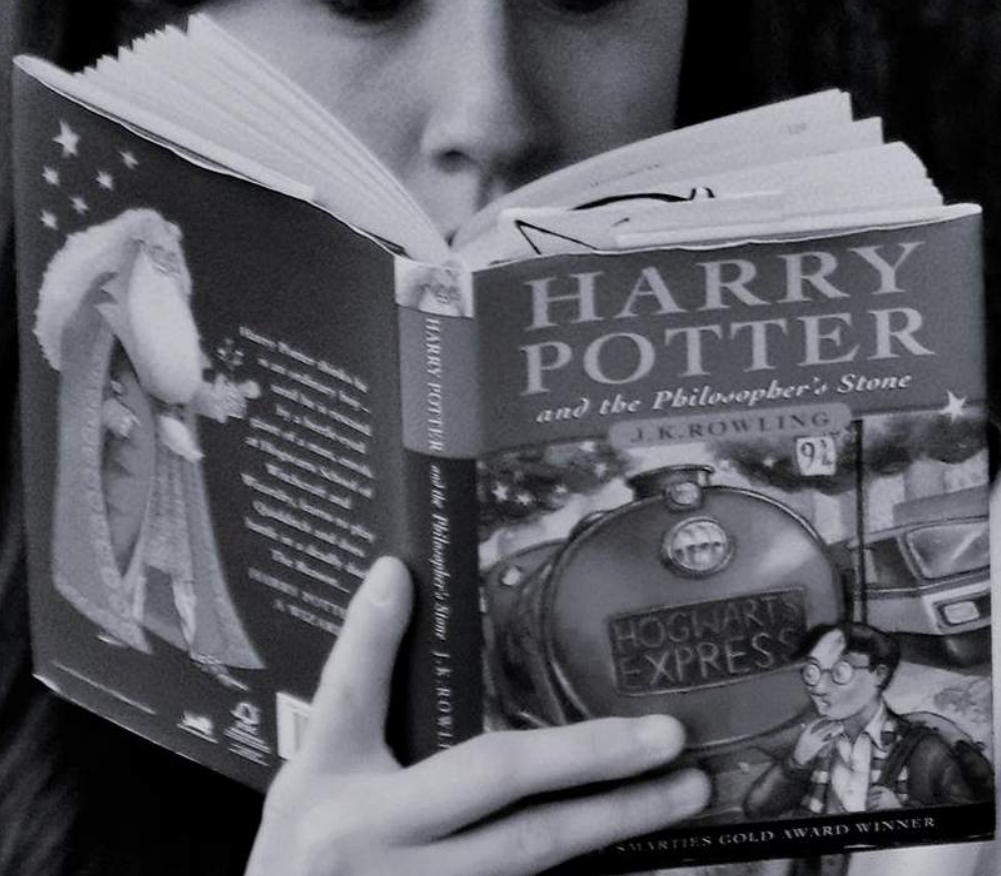
conexão

# Literatura

Julho/2021

nº 73

www.revistaconexaoliteratura.com.br



**INCENTIVO À LEITURA**

## Leia um livro e abra as portas para o conhecimento

\* **Confira** Histórias de fantasma para gente grande: ABY Warburg e a leitura da imagem, por Reginaldo Leite

\* **Confira** Eduarda Mansilla: glamour e memórias na Literatura argentina decimonônica, por Cristiane de M. Alves



**E MAIS**  
ENTREVISTAS COM ESCRITORES  
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS

# SUMÁRIO

JULHO DE 2021

**Editorial:** Por Ademir Pascale, pág. 03  
**Eduarda Mansilla:** glamour e memórias na Literatura argentina decimonônica, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 05  
**Dicas para leitura,** pág. 09  
**Literatura:** Romance: A música do seu coração - Cap. 17: Você um dia eu amei, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 10  
**Poema:** Infância descalça, por Manoel Alves Calixto, pág. 16  
**Seção "Leitores indicam",** pág. 17  
**Arte:** Histórias de fantasma para gente grande: ABY Warburg e a leitura da imagem, por Reginaldo Leite, pág. 18  
**Sustentabilidade urbana/humana,** por Dalvilson D. Policarpo, pág. 22  
**Entrevista com a escritora Camila Seixas,** pág. 26  
**Entrevista com o escritor Manoel Baruque,** pág. 30  
**Entrevista com o escritor Policarpo,** pág. 34  
**Entrevista com a escritora Tania Costa,** pág. 38  
**Entrevista com o escritor Bruno Evangelista,** pág. 41  
**Conto:** Encontro, por Angela Dondoni, pág. 45  
**Conto:** Demiurgo, por B. B. Jenitez, pág. 49  
**Conto:** Os enigmas de Yelena, por Caique de Oliveira Sobreira Cruz, pág. 56  
**Conto:** Trilogia pandêmica, por Fernando Gimenez, pág. 61  
**Conto:** Imaginários do Gato Pyn - A casa azul da alma, parte 2, por Flávio Vidigal Guimarães, pág. 67  
**Conto:** A travessia, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 71  
**Conto:** Conversa de coveiro, por Idicampos, pág. 76  
**Conto:** Alexia e o enigma do tempo (conto epistolar), por Lúcia Lebre, pág. 79  
**Conto:** O sétimo selo, por Luiz F. Haiml, pág. 86  
**Conto:** Entre mundos, por Miriam Santiago, pág. 89  
**Conto:** O caminho das poças d'água, por Mollero Tomé, pág. 92  
**Conto:** Serena soberania, por Roberto Minadeo, pág. 97  
**Conto:** Amanhece na cidade grande, por Roberto Schima, pág. 103  
**Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura,** pág. 112

## EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  
Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

## CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

## ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale  
Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

Para entrar em contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



# EDITORIAL

"Leia um livro e abra as portas para o conhecimento", frase que destaca a nossa capa de julho. Os livros exercitam a nossa mente, além do entretenimento. Por isso, sempre que puder, leia um livro e incentive os seus amigos e familiares a fazerem o mesmo.

Como sempre, o leitor poderá conferir excelentes dicas de livros, crônicas, contos, entrevistas e dicas para participação em antologias de contos e poemas.

Para saber como participar da nossa edição de agosto, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!



— revista —  
conexão  
LITERATURA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



**Ademir Pascale**  
Editor-chefe

# CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura

# Eduarda Mansilla: glamour e memórias na Literatura argentina decimonônica

Por Cristiane de Mesquita Alves



## EDUARDA DAMASIA MANSILLA ORTIZ DE ROZAS DE GARCÍA

Al publicar una nueva edición de mi *Lucía Miranda*, es obra de mis años tempranos, he creído no deber hacerle sufrir transformación alguna. Los defectos, como las cualidades de esta novela, son inherentes a la juventud de su autor, DANIEL entonces, hoy ya en plena posesión de su nombre verdadero.

No me parece justo ni prudente, que el artista maduro, retoque las producciones de su edad juvenil, porque, a decir verdad, entrando en esa tentadora senda, nunca acabaríamos de pulir y aun de borrar; pues si bien es un axioma que «para saber pintar es forzoso saber borrar», no obstante, hay también que dejarle a una producción artística ese sabor primero, ese *zest*, como dicen los sajones, que constituye su fisonomía verdadera. Washington, Febrero 4 de 1870 (MANSILLA, 1870. p. 8).

### Literatura

**Eduarda** Damasia **Mansilla** Ortiz de Rozas de García (1834(?)-1892) nasceu e faleceu na cidade de Buenos Aires, Argentina. Pertencia a uma família abastada social e economicamente, com uma linhagem intimamente ligada à política e à cultura. Isso a permitiu ter acesso à leitura, a estudar, a frequentar espaços culturais e viajar para outros países da América e da Europa. Ela era filha de um guerreiro da Independência, o general Lucio Norberto Mansilla, considerado um herói da batalha da Vuelta de Obligado; irmã do político e escritor Lucio Victorio Mansilla; sobrinha do influente político e militar Juan Manuel de Rosas, governador da Confederação Argentina de 1831 a 1861. Foi casada com o diplomata Manuel Rafael García Aguirre.

Para Zani (2019, s/p), Mansilla foi uma mulher politicamente ativa e envolvida nos debates mais importantes de sua época. Ela pertencia a uma família rica da elite de Buenos Aires, o que fazia com que tivesse informações sobre o cenário político-social da cidade portenha e dos demais países americanos e europeus, graças as constantes viagens, nas quais acompanhava o marido diplomata.

Eduarda foi uma dama argentina, que viveu de modo glamouroso: “Nos Estados Unidos, por exemplo, participou de salões e festividades na Casa Branca, tendo mantido contato com o Presidente Abraham Lincoln, em sua primeira estada no país (1861-1863), e com o Presidente Ulysses Grant, na segunda fase de sua viagem (1868-1873). Na Europa, conheceu artistas como Alexandre Dumas (pai) e o compositor Antonio Rossini, além de manter contatos com a Imperatriz Eugenia, esposa de Napoleão III.” (FRANCO, 2008, p. 1076). Morou nos Estados Unidos da América e na França, vestia roupas importadas e assinadas por estilistas renomados de Paris. E no período em que esteve na França, escreveu em francês e publicou *Pablo u la vie dans les Pampas* (1868- assinado com o pseudônimo *Daniel*), o livro recebeu elogios do escritor francês Victor Hugo. Posteriormente, o romance foi traduzido para o espanhol pelo irmão de Eduarda, o também escritor Lucio Victorio Mansilla, publicado no jornal *La Tribuna*, em 1870.

Apesar de ser uma mulher que viveu sob o luxo constantemente, Eduarda destacou-se na História da Literatura latino-americana, sobretudo por escrever uma obra que apresentava personagens femininas que lutavam pelo direito das mulheres terem acesso à educação. Suas personagens são mulheres que se orgulham pelo fato de saberem ler e escrever, como é o caso das filhas de Wilson, que são orgulhosas de sua identidade crioula e da seleta coleção de livros ingleses que possuem, ou de sua outra protagonista Lucía Miranda, alfabetizada por um padre na adolescência, exerce o trabalho de professora e tradutora entre *os timbues*. Assim como a autora critica os discursos propagados de não acesso à leitura e à educação para as mulheres, observado na postura de Mansilla quando denuncia a ignorância na personagem Dolores de seu romance *Pablo u la vie dans les Pampas*. Eduarda apresenta protagonistas femininas cultas ou preocupadas com a educação das mulheres.

É também apontada por muitos críticos literários como a primeira escritora da novela argentina (romance) no século XIX (ZANI, 2019). Embora seus textos literários estivessem inseridos em uma estética romântica pela periodização literária, contato e influência constante de/com escritores românticos, Mansilla não apresentou uma mulher idealizada e inacessível de forma predominante, como ocorria com as personagens femininas dessa estética. Sua literatura estaria mais para um realismo crítico – social. Para Franco (2008, p. 1079) “Eduarda perscruta ambientes e pessoas: expõe em minúcias os espaços e radiografa os comportamentos [...]. Seu relato tenta ser cordial, mas um fundo ácido não deixa esconder a diferença que acredita haver entre ela e as norte-

americanas. [...] a autora intercala, numa descrição que se pretende neutra, forçados elogios e críticas irônicas.” Tal premissa é observada nas memórias da escritora argentina em seu livro *Recuerdos de viaje*.

Além da Literatura, era apaixonada por música. Escreveu em vários jornais e revistas textos sobre essa temática, teatro e moda, como nos jornais: *La Tribuna*, *El Nacional*, *La Nación*, e para as revistas: *La Flor del Aire* sobre teatro, 1864, sobre música na *El Alba*, em 1868 e *La Gaceta Musical*, entre 1879 e 1885, sobre moda em *El Plata Ilustrado*, publicação semanal entre 1871 a 1873. Eduarda descobriu nas letras, na música e na arte o destino de sua vida. Ela sonhava em ser reconhecida por *escrever*, muito além do renome de sua família que carregava em seu sobrenome.

Dentre as obras publicadas por Eduarda Mansilla, estão:

- El Médico de San Luis y Lucía Miranda (1860)
- Pablo u la vie dans les Pampas (1868)
- Cuentos (1880)
- La Marquesa de Altamira (1881) (Teatro)
- Creaciones (1883)
- Ajenas culpas (1883) (Ensaaios)
- Recuerdos de viaje (1882, memórias)
- Los Carpani (1883) (Teatro)
- Un amor (1885) (romance)
- Outros



É lógico que muitos críticos literários não reconhecem Eduarda Mansilla, como uma feminista, e é até compreensível entender essa opinião por parte da Crítica, pelo fato de Mansilla está na condição de “mulher de elite do século XIX, Eduarda Mansilla sofreu pressões em torno do casamento e das demais cobranças sociais em relação a certas normas de respeitabilidade. Esses elementos relacionados ao universo cultural feminino transparecem em seu texto.” (FRANCO, 2008, p. 1090).

Por outro lado, só o fato dela *sem necessidade* (por tudo o que ela era, tinha e representava socialmente) expor o pensamento de que a mulher tem direito à educação, a partir da ação de suas personagens – justamente por esse anúncio e/ou denúncia vir de uma mulher com muita influência social, a Literatura e o próprio universo feminino devem sim, reconhecer a obra da escritora como mais uma obra que procurou valorizar a identidade e a luta pelo lugar de fala da mulher. Por este motivo, Mansilla a não optar por viver a futilidade comum as mulheres ricas de sua sociedade,

merece um olhar mais atento dos leitores/leitoras que procuram exemplos de mulheres no século XIX, que escreveram em prol das outras mulheres. E Mansilla é mais um desses exemplos.

### Referências

FRANCO, Stella Maris Scatena. Uma dama argentina em terras yankees: os Recuerdos de viaje de Eduarda Mansilla. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 1073-1092, setembro-dezembro/2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br>. Acesso em: 08 maio. 2021.

MANSILLA, Eduarda. **Lucía Miranda**, 1870. Disponível em: [http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/lucia-miranda-novela-historica--0/html/ff1ae964-82b1-11df-acc7-002185ce6064\\_3.html](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/lucia-miranda-novela-historica--0/html/ff1ae964-82b1-11df-acc7-002185ce6064_3.html). Acesso em: 08 maio. 2021.

ZANI, Mariel. Eduarda Mansilla, la primera novelista argentina, regresa a las librerías. In: **Diário vivo**, 30 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.diariovivo.com/eduarda-mansilla-la-primera-novelista-argentina-regresa-a-las-librerias/>. Acesso em: 08 maio. 2021.



**Eduarda Damasia Mansilla** Ortiz de Rozas de García

**Cristiane de Mesquita Alves** é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Autora do livro de poesias *Riscos de Mulher* (Editora Todas as Musas).



# DICAS PARA LEITURA



**No Refúgio dos Corvos**  
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



**Tempo de Amar**  
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



**No Fundo do Rio**  
Paulo Stucchi

[Acesse](#)



**Dialogando com as gavetas**  
Policarpo

[Acesse](#)



**Viver sem saber**  
Mariela Oppitz Sorgetz

[Acesse](#)



**Poesias ao Luar**  
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)

*“É preciso valorizar mais a publicação dos autores nacionais. O governo deve incentivar mais, os leitores e a mídia também.”*  
– Ademir Pascale



ROMANCE

## A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO: POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

### Capítulo 17: Você um dia eu amei

Literatura

---

**D**urante o ano de 1978, esse mesmo espaço, onde se encontravam instalados os estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, esteve também como minha sala de estudos para o vestibular da Universidade Federal do Amazonas, que ocorreu no início do ano seguinte, em Manaus. À noite, após o jantar, eu ficava horas a fio estudando. O silêncio profundo ajudava-me bastante na concentração. Começava às oito e alongava-me até às onze e meia ou meia noite. Muitas vezes, no entanto, esticava esse horário até às duas da madrugada, debruçado sobre os livros. As noites de sábado eram cruciantes, pois eu tinha de segurar o imenso desejo de sair de

casa, para me juntar aos amigos nos clubes e barzinhos da cidade. Estou convicto de que DEUS me ajudou.

– Que legal ter você conosco!!! Obrigado pelo seu carinho!!! Amigos, não esqueçamos jamais de andar pelos caminhos dos bons, conservando-nos nas veredas dos justos. A todos, desejamos um feliz e abençoado Ano Novo!!! Que os sonhos de cada um de nós sejam realizados!!! Ok? Em fundo musical, mais um êxito das discotecas: HOT STUFF com Donna Summer, considerada uma das melhores cantoras mundiais no estilo *disco*, nos anos 70. Aumenta o som sonoplasta!!! Pra você que nos honra com sua audiência, mais um grande sucesso: TENHO UM AMOR MELHOR QUE O SEU. Quem não se lembra? Querida assistente, você poderia ler os nove primeiros versos dessa canção?

– Leio, mas depois de dizer que o especial A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO está realmente trazendo músicas inesquecíveis. Diferente do que diz José Roberto, eu não tenho um amor melhor que o seu. Vamos aos versos?

*Todo amor que eu lhe dei você nem ligou  
 Todo o bem que eu lhe fiz você se esqueceu  
 Você não vai ter alguém melhor do que eu  
 Mas eu já tenho um amor melhor que o seu  
 Eu não quero lembrar que você existe  
 Quando penso em você até fico triste  
 Você um dia eu amei, mas não sei por que  
 Agora tenho um amor melhor que você  
 Você não soube querer o quanto eu lhe quis...*



Interpretada pelo cantor José Roberto, a composição musical é de autoria do “rei” Roberto Carlos. Vale a pena lembrar que no mesmo LP “Os Sucessos na Voz de José Roberto, Vol. II”, produzido pela gravadora CBS, no ano de 1971, estão incluídas as músicas “Resolvi Não Te Deixar”, “Benzinho”, “Que Estória é Essa”, “Você Tem Que Esperar”, “Por Você Esqueço Até de Mim”, “Pra Nunca Mais Chorar”, “Brigas de Amor”, “Por Querer Demais”, “Se Eu Sou Gamado”, “Não Vou Perdoar” e “Olhando Estrelas”. Disco exagerado de bom!!! Essas músicas fazem parte das nossas vidas, da história de cada um. Nos arraiais da cidade, na década de 70, ouvíamos muito o José Roberto. Nos próximos anos, continuaremos ouvindo e nos deliciando com essas canções, recordando bons tempos.

Quem indicou esse grande sucesso nacional foi o Jonas. Formado em 1980, ele tem se dedicado exclusivamente à sua profissão de Técnico em Contabilidade. E, apesar de trabalhar há algum tempo nessa atividade, só em janeiro de 1983 conseguiu montar o seu escritório contábil, na Rua Duque de Caxias, no Centro. A mensagem que ele encaminhou à coordenação do programa segredava:

Tenho muitas lembranças da minha infância. Nos festejos da padroeira da cidade, por exemplo, a Voz de Santa Teresa executava, todos os dias, as músicas do José Roberto. Ainda, hoje, são indispensáveis nos serviços de alto-falantes de qualquer arraial ou parque de diversão, principalmente nas pequenas cidades do interior do nosso Brasil. Não dá pra imaginar os arraiais e os parques de diversão sem essas canções. Parece marca registrada. E sabem por quê? Porque todos adoram essas melodias que falam de histórias de amor. Que as bênçãos do SENHOR nos alcancem a todos no próximo ano!!! Feliz 1984!!!

Com relação ao cantor José Roberto, a assistente de locução declarou que ele nasceu em Salvador, no Estado da Bahia. Em 1967, gravou um compacto simples com as músicas “Deixa o Meu Cabelo em Paz” e “Mãe-Iê”. Nesse mesmo ano, lançou o álbum “Os Sucessos na Voz de José Roberto”, com destaque às canções “Coração de Papel”, “Gatinha Manhosa” e “Não Presto Mas Te Amo”. Outros grandes sucessos da sua carreira: “Sou Eu Chamando Você”, “A Minha Vingança”, “Uma Lágrima” e “Tenho Um Amor Melhor Que o Seu”.

– Maravilha de programa!!! Sonoplasta, tudo em ordem? Que tal ouvirmos o José Roberto cantando TENHO UM AMOR MELHOR QUE O SEU? Na sequência, um grande e inesquecível sucesso internacional que o Brasil cantou e não esqueceu. Atenção, meus queridos amigos da técnica e sonoplastia: estaremos antenados para lembrar GOODBYE MY LOVE, GOODBYE, composição de K. Munro e M. Panas, na interpretação de Demis Roussos; e, ainda, a canção AQUI (*aqui onde você me achou, aqui onde você tanto chorou*) com a cantora Martinha. Sonoplasta, por favor, solta o som!!!

### **SONOPLASTIA:**

Músicas: TENHO UM AMOR MELHOR QUE O SEU (1), GOODBYE MY LOVE, GOODBYE (2) e AQUI (3).

– Estamos de volta!!! É um prazer enorme continuar em sua companhia!!! Em seu rádio permanece AQUI, composição da própria Martinha, que a interpreta. Queridíssima Kátia, temos alguma informação sobre a Martinha?

– Sim, claro que temos. A cantora e compositora Martinha nasceu na Cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em 30 de julho de 1949. Conhecida como “Queijinho de Minas”, apelido que lhe foi dado pelo “rei” Roberto Carlos, ela também fez parte do movimento Jovem Guarda. Outro grande sucesso da Martinha, gravado em 1968, intitula-se “Eu Daria a Minha Vida”, com extraordinária execução em toda a América Latina. O “rei” Roberto Carlos também gravou essa música.

– Fique ligado nesta notícia: O disco “Super Sucessos”, com doze inolvidáveis melodias, foi gravado, neste ano de 1983, pelo selo CBS. Acompanhem as faixas do álbum: “Guerreiro Menino – Um Homem Também Chora” (Fagner), “Masculino e Feminino” (Pepeu Gomes), “Sina” (Djavan), “Com o Rádio Ligado” (Rádio Táxi),

“Kryptônia” (Zé Ramalho), “Vinte Garotas Num Fim de Semana” (Leo Jaime), “Depois das Dez” (Simone), “Menina Veneno” (Ritchie), “Odalisca em Flor” (Terezinha de Jesus), “Seu Lugar” (Grafite), “Romance da Lua Lua” (Amelinha), e “Banquete de Signos” (Elba Ramalho).

\*\*\*

– HOT STUFF com Donna Summer é a música que ouvimos em fundo musical. No quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983?, a nossa ouvinte Analice, moradora da Rua João Bosco, Bairro do Juruá, indicou o álbum da cantora KATIA, lançado pela gravadora CBS, em 1980. O LP é composto por doze faixas. No Lado 1: “Cedo Pra Mim”, “Um Jeito a Mais”, “Você Me Fez Crer”, “Não Pergunte Mais”, “Não Vale a Pena” e “Atitudes”. No Lado 2: “Bons Amigos”, “Venha Ser”, “Sem Você”, “Pra Voltar”, “Uma Palavra” e “Você Tem Que Entender”. Com certeza, é disco de sucesso na carreira vitoriosa da cantora Katia!!!

Brindes à paz, ao amor e à felicidade, os cartões de boas festas encaminhados à Rádio e Voz Comercial Agá-Erre sempre foram recebidos com muita alegria. Em caligrafia artística, esse cartão de Natal, que foi lido pela assistente de locução, continha a seguinte mensagem:

É nossa obrigação ouvir nosso pai, que nos gerou, e não desprezar nossa mãe, quando vier a envelhecer. Empenhemo-nos, agora, em comprar somente a verdade, e não a vender; e também a sabedoria, a instrução e o entendimento. Grandemente se regozijará o pai do justo, e o que gerar um sábio, se alegrará nele. Alegremos nosso pai e nossa mãe. Diz o SENHOR: Dá-me, filho meu, o teu coração, e os teus olhos observem os meus caminhos. Feliz Natal e um Ano Novo repleto de vida e muitas bênçãos!!!

Essa mensagem primorosa foi-nos enviada pelo Enzo, meu colega desde o ensino primário, na Escola São José, morador da Rua Quintino Bocaiúva, Centro, a quem agradeço e retribuí os votos de boas festas.

Em clima de comemoração de final de ano e chegada do Ano Novo, a Rádio e Voz Comercial Agá-Erre destacou e homenageou todos aqueles que contribuíam decisivamente para o desenvolvimento econômico e social da cidade. Entre os mercedores dos aplausos, respeito e admiração dos tefeenses, foram distinguidos nesse bloco:

Armazém L. Siqueira; Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora; Casa Azevedo; Casa Martins; Casa Menezes; Casa Patrícia; Casa Saturno; Comarca de Tefé; Correios e Telégrafos; Escola Frei André da Costa; Ferragens Amazonas; Humaitá Atlético Clube; Junta do Serviço Militar; Ponto Chique; Posto Texaco e Supermercado de Estivas; e Representação do MPAS/INPS.

– Qualidade indiscutível em toda sua programação!!! Na cidade só se ouve a Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Estamos adorando este grande musical intitulado A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Na sequência: DESENCONTRO DE PRIMAVERA com Hermes Aquino.

### **TÉCNICA/VINHETA:**

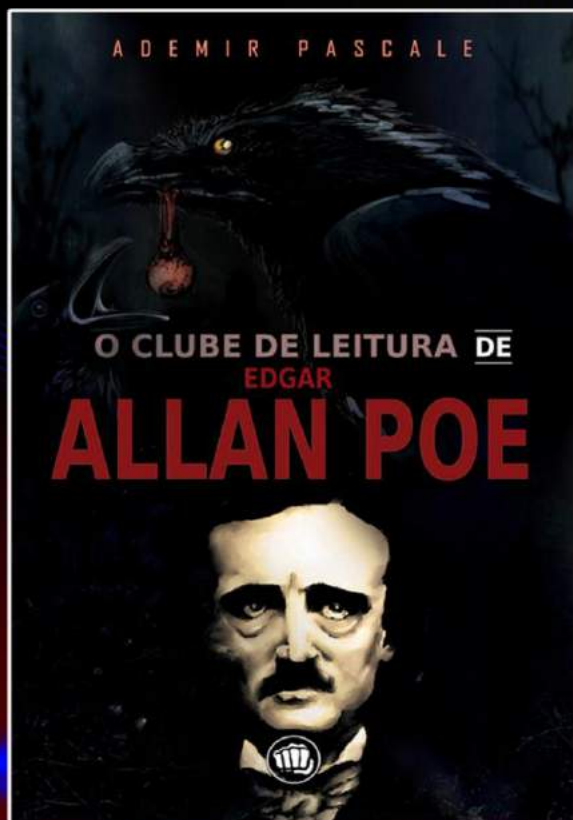
Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.



**\*Raimundo Colares Ribeiro** é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

As canções aqui mencionadas podem ser ouvidas no canal A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO:

<https://www.youtube.com/channel/UChNWlt896004mDu3xGSlhSw>



Situado numa sala de um antigo prédio do centro da cidade de São Paulo, o Clube de Leitura de Edgar Allan Poe, apresenta personagens intrigantes e problemáticos, iniciando pelo cofundador, um velho caolho de nome Clay, que não vê mais sentido na vida depois da morte trágica da esposa Virginia. Henrico e Marcelo, irmãos órfãos que tentam levar uma vida pacata em um sebo na garagem de casa, mas que eventos sobrenaturais assolam a vida de um deles, que é atormentado por corvos. Samanta é uma jovem gótica e solitária. Rafael, ex-vocalista da banda Nevermore, sente-se rejeitado pela rica família e vive nas ruas e noites paulistanas tentando encontrar um novo caminho. Bernardo e Kátia, casal que discute a relação entre casar ou apenas morar juntos, vivem aventuras perigosas. Mas, todos com algo em comum: a paixão que nutrem pela vida e obra do inigualável mestre do horror: Poe.

**DO AUTOR ADEMIR PASCALE**

**POLICE LINE**

PARA ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:

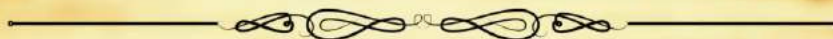
[www.selojovem.com.br](http://www.selojovem.com.br)

# **INFÂNCIA DESCALÇA**

**Por Manoel Alves Calixto**

a calçada da rua  
descalça estava  
quando meu pai passou por aqui  
dizendo que a vida iria mudar.

muitas e muitas noites  
em meu pequeno quarto  
escondi a lua  
mas a lua foi crescendo  
crescendo  
crescendo  
crescendo  
e o pequeno quarto ficou iluminado  
iluminado  
iluminado  
iluminado  
e na imensidão da luz  
senti o olhar do meu pai.  
até hoje  
quando vejo a lua  
mesmo sem nunca ter saído de casa  
lembro de meu pai partindo  
nunca entendi muito bem  
a calçada da rua  
descalça  
a mala pronta.



**Manoel Alves Calixto**

**Autor de:**

**1- Sapucaia da Silva na Cidade Fúnebre - 1981**

**2- Primaveras Alheias - 1983**

**3- Olhares & Janelas - 1986**

**4- O Poema que Você não Leu - 1993**

O poema \*Depois de....\* foi comentado pelo escritor Domingos Pellegrini Júnior

O poema "Sertão Brasil" foi publicado por Teresinka Pereira no Canadá.

E Publicado na França, na revista "Fer de Lance"





**LEITORA: LEANDRA SEIXAS - CUIABÁ/M.GROSSO**  
**LIVRO: O PARAÍSO NÃO É PERFEITO**  
**AUTOR: STANLEY FALL**



**LEITORA: LUCIANA REZENDE - CAMPO MOURÃO/PR**  
**LIVRO: AS PAREDES ERAM BRANCAS**  
**AUTOR: MAX MORENO**



**LEITORA: LÚCIA CORTEZ - SÃO PAULO**  
**LIVRO: EM BUSCA DA FOTOGRAFIA PERFEITA**  
**AUTORA: KATIA PARENTE**

— revista —  
**conexão**  
**LITERATURA**

# Seção "Leitores Indicam"

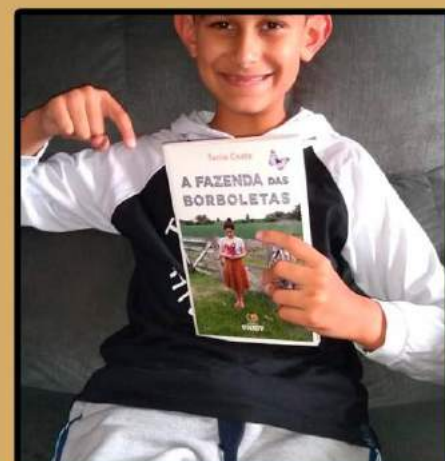
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



**LEITORA: ANGÉLICA GUILHERME - JABOATÃO - PE**  
**LIVRO: A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**  
**AUTOR: GEORGE ORWELL**



**LEITORA: MONICA KALMAN - LISBOA/PORTUGAL**  
**LIVRO: A LENDA DO VALE SECO**  
**AUTORA: KATIA PARENTE**



**LEITOR: ERICK FAGUNDES - CAPÃO DA CANOA/RS**  
**LIVRO: A FAZENDA DAS BORBOLETAS**  
**AUTORA: TANIA COSTA**

**TIRE UMA FOTO COM O LIVRO QUE VOCÊ ESTÁ LENDO OU QUE DESEJA INDICAR A LEITURA.**

**AUTORES TAMBÉM PODERÃO TIRAR FOTOS COM SEUS PRÓPRIOS LIVROS.**

**REGRAS PARA PARTICIPAR:**

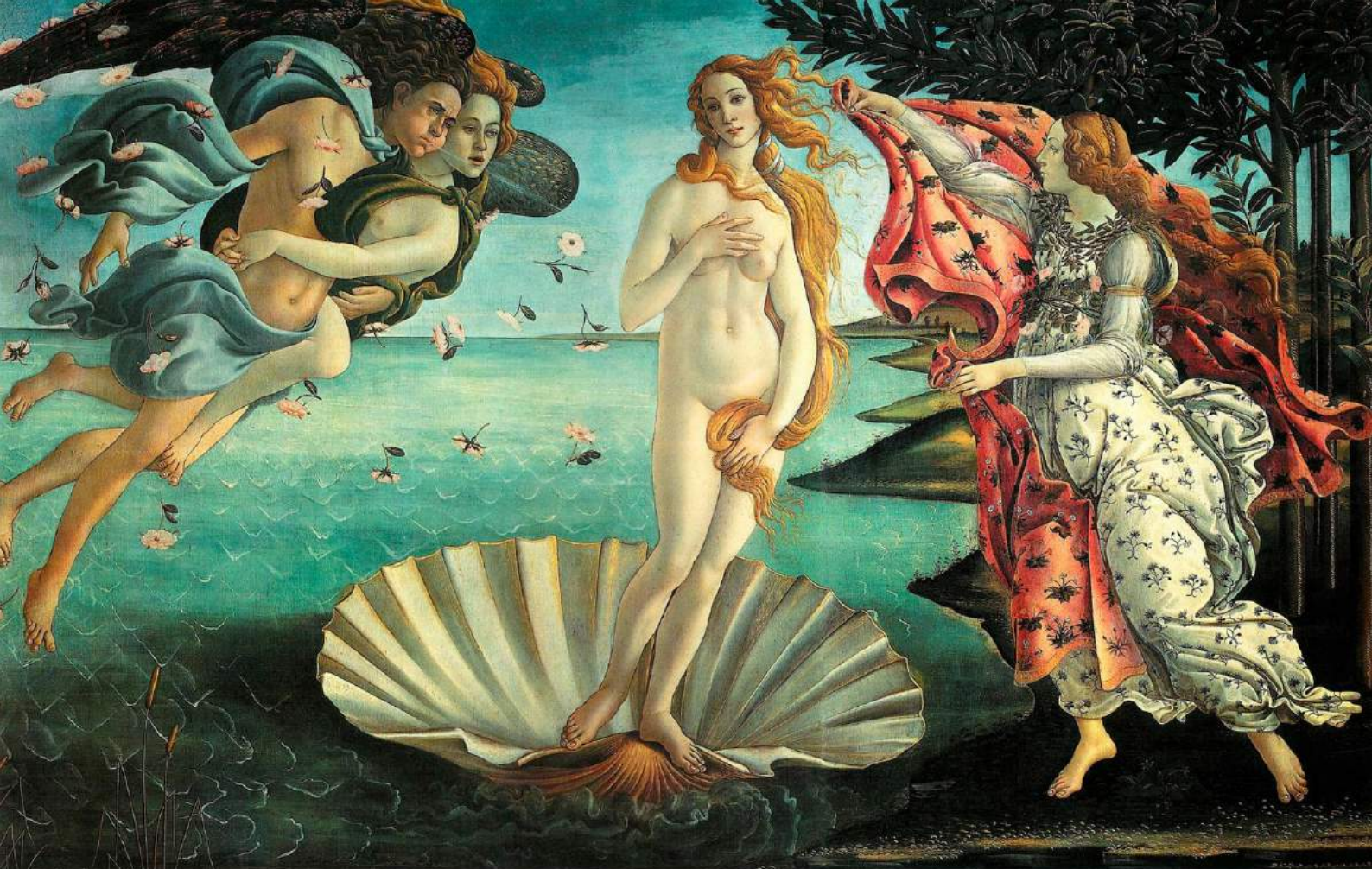
**- ENVIE UMA FOTO SUA COM O LIVRO (BEM NÍTIDA).**

**- NO E-MAIL QUE MANDAR A FOTO ANEXADA, MANDE NO CORPO DO E-MAIL O TÍTULO DO LIVRO E AUTOR, MANDE SEU NOME E ESTADO ONDE RESIDE.**

**DIGA TAMBÉM QUE AUTORIZA A PUBLICAÇÃO DA SUA FOTO.**

**- MANDE TUDO PARA O E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ademirpascalle@gmail.com) - AOS CUIDADOS DE ADEMIR PASCALE**





SANDRO BOTTICELLI (1445- 1510). O NASCIMENTO DA VÊNUS, 1483. TÊMPERA S/TELA, 172,5 X 278,5CM.  
GALLERIA DEGLI UFFIZI, FLORENÇA/ITÁLIA.

## HISTÓRIAS DE FANTASMA PARA GENTE GRANDE: ABY WARBURG E A LEITURA DA IMAGEM

POR REGINALDO LEITE

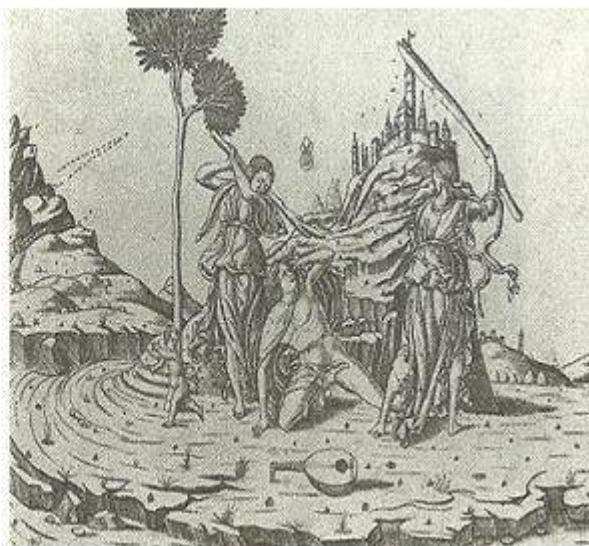
Arte

**N**a crescente produção de pesquisas e ampliação do campo editorial sobre a historiografia da arte e das teorias da imagem, vem-se somar “Histórias de fantasma para gente grande” de Aby Warburg (1866-1929) publicado em 2015 pela editora Companhia das Letras. O livro é uma coletânea – de conferências, artigos e palestras – do teórico alemão, organizada pelo sociólogo e Professor Doutor Leopoldo Waizbort, da Universidade de São Paulo (USP). São nove textos produzidos por Warburg, entre 1893 e 1929, que abordam estudos sobre a arte Antiga, Renascentista, do século XIX, dos povos originários dos EUA (*Pueblos*), além de nos apresentar o método *Mnemosine* idealizado pelo autor.

Aby Warburg, fundador de uma vultosa biblioteca de obras raras na Alemanha e que é transferida para Londres por conta da ameaça nazista, torna-se ponto nodal da chamada “Escola Alemã de Leitura de Imagem” devido aos audaciosos questionamentos e temas pesquisados, assim como, pelos conceitos inovadores elaborados ao longo das

pesquisas. O primeiro deles aparece logo no título da publicação, *fantasma*. Para Warburg, a apropriação de elementos da Antiguidade é cíclica – o dito *Nachleben* (sobrevivência da imagem) – e tais motivos reaparecem como fantasmas em composições criadas por artistas de diferentes séculos. São gestos, expressões fisionômicas, detalhes de panejamentos em tecidos, movimentos de cabelos, poses de personagens ou símbolos que expressam significados revisitados, caracterizando assim, a recepção da Tradição Clássica por meio de uma iconografia atemporal. Para Ele, os símbolos do paganismo estão eternamente presentes, pois o homem tem a necessidade de simbolizar.

O primeiro texto tem por objeto a leitura de duas obras de Sandro Botticelli (1445-1510) “O Nascimento da Vênus” de 1483 e “A Primavera” de 1482, no qual Warburg retorna aos relevos antigos e representações de ninfas e mênades para entender o significado de personagens, abordagem que liga a imagem a distintas áreas do conhecimento, tais como: psicologia, antropologia, arqueologia, história cultural, história das artes, filosofia, sociologia e literatura.



Albrecht Dürer (1471-1528). *Morte de Orfeu*, 1494. Desenho. Hamburgo/Alemanha.

A digressão continua num estudo sobre o desenho “A Morte de Orfeu” de 1494, do alemão Albrecht Dürer (1471-1528). Nele, Warburg faz uma viagem regressiva ao universo da cerâmica Antiga para observar a representação das cenas de batalhas e, com isso, verificar a “reaparição” de posicionamentos em grupo, gestos isolados e expressões fisionômicas nas obras de Dürer e seus contemporâneos. Também é abordado o eixo de produção visual, que segundo Warburg, oscila entre o Apolíneo e o Dionisíaco – da organização, equilíbrio composicional e sistematização da imagem (Apolíneo) ao processo de materialização dos conflitos internos, paixões e explosões de *páthos* (Dionisíaco).

Warburg ainda mergulha em estudos da Astrologia internacional, da Antiguidade pagã em Lutero e da relação de Manet com os antigos. Posteriormente, o autor traz dois

capítulos sobre sua convivência com os *Pueblos* do Novo México e alguns de seus rituais – como o da serpente – que proporciona uma luminosa viagem ao simbolismo reptiliano em outras culturas, para assim discutir o *engrama* (memória coletiva).



Aby Warburg (1866-1929). *Nativo dos EUA no ritual da serpente*, 1924. Fotografia. Instituto Warburg, Londres/Reino Unido.

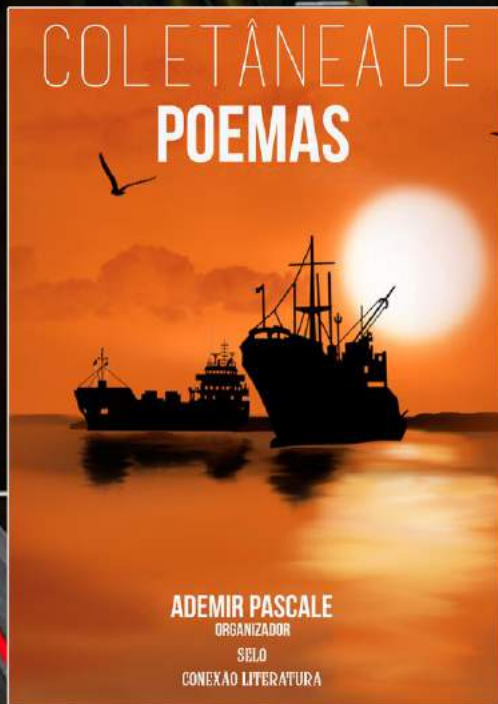
Em alguns momentos, Warburg ilustra seu texto com pinceladas de outro dos seus conceitos, as *Pathosformeln* – fórmulas carregadas de expressões e paixões. A partir daí, seu método de leitura da imagem é descrito. Intitulado *Atlas Mnemosine*, o processo tem por escopo reunir uma série de imagens relacionadas por semântica e ou sentido simbólico, formando assim, quadros sinópticos. Com a análise dos quadros citados, Warburg propõe examinar elementos que se mantêm constantes, caracterizadores de sentido e motivadores de significado mais amplo, numa relação do interior com o exterior da mente humana.

Os estudos e o método de leitura da imagem elaborado por Warburg servem de alicerce para teóricos e pesquisadores – de Ernst Cassirer, Erwin Panofsky aos estudiosos atuais – que buscam encontrar no documento visual respostas aos problemas oriundos de diferentes culturas e convergentes no ato do fazer imagético. A leitura atenciosa da obra Warburguiana torna-se relevante, não só aos pesquisadores acadêmicos, mas aos que desejam se impressionar com histórias de fantasmas que, eternamente, acompanharão os “fazedores da imagem”.



**Reginaldo Leite** é Cenógrafo, Professor Universitário e Doutor em Artes Visuais pela UFRJ. Desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado em História da Arte na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É integrante do grupo de pesquisa “Studiolo: Estudos em História da Arte da Antiguidade à Primeira Época Moderna”, filiado ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Autor dos livros “A Insanidade que nos une: um mergulho na arte de enlouquecer” (2020) e “Os Crimes de Platão” (2019).

# PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



LEIA OS EDITAIS E ENVIE  
O SEU CONTO OU POEMA

ACESSE:

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

# SUSTENTABILIDADE URBANA/HUMANA

POR DALVILSON D. POLICARPO



O tema de cara, propõe uma discussão localizada, ou seja, no espaço urbano, logo antrópico por excelência. Sustentar o urbano, o espaço alterado pelo homem que, para ocupá-lo, primeiro alterou suas características naturais em prol do seu estabelecimento, introduzindo aparelhos habitacionais, comerciais e industriais. Com os avanços técnico, técnico científico e técnico-científico-informacional, em segundo plano histórico, podemos acompanhar a agonia do planeta, a degradação generalizada capitaneada pelo modelo econômico.

Implantados, modelos econômico e de desenvolvimento, o homem tratou de extrair, com propriedade, os recursos naturais existentes para satisfazer suas necessidades de sobrevivência. Com o advento das revoluções industriais, acirrou-se a disputa por maiores lucros, onde o capital prevaleceu em detrimento a todo o resto, transformando a sociedade estabelecida em reféns do sistema e do modelo econômico de desenvolvimento.

Com o crescimento demográfico e sua posterior explosão nos grandes centros estabelecidos, por conta do êxodo rural e seus deslocamentos, a preocupação com a problemática ambiental se fez presente pois, a sustentação desses grandes centros, como polos de desenvolvimento, projetava uma escassez dos recursos naturais não renováveis.

Esta discussão começa a ter voz na década de 1960 e perdura até hoje, passando pelo viés do desenvolvimento e pela preocupação com a sustentabilidade. As definições, de ou para o desenvolvimento sustentável variam conforme a tendência de cada pensador, nos bastidores acadêmicos, com a disputa pela definição da expressão, que dará a autoridade a seu autor.

A interdisciplinaridade existente entre sustentabilidade urbana, crescimento econômico e preservação ambiental nos força a repensar desde o modelo de desenvolvimento futuro como o modelo econômico mundial ou mundializado. A academização das discussões não conseguiu decifrar a problemática ambiental, talvez, por conta dos patrocínios, abrindo espaço para os pensadores, que por sua vez, se alinharam às ONGs/OSCs, que na sua maioria, é patrocinada pelos mesmo que patrocinam as academias.

Os esforços da sociedade civil em melhorar o planeta encontra forte resistência nos países ricos de economia estável que se embasam na exploração do resto do mundo para se manterem neste patamar. Organizações internacionais de cunho humanitário que provocam a discussão desenvolvimentista ambientalmente correta, sucumbem ao poder econômico e mudam de foco conforme sopra o vento do capitalismo.

Concluo lembrando que Estocolmo, Eco92, Kioto, Cops e tantos outros mecanismos preocupados com a temática ambiental, fazem-se necessários por provocarem o imaginário universal a pensar, nas engrenagens, no combustível e no destino que este tema alcançara, levando a humanidade como passageiro. Contrapor Crescimento Econômico à Preservação Ambiental depende da opção pelo modelo de Sustentabilidade Urbana que melhor represente os anseios da humanidade, porém, se não formarmos seres mais conscientes ambientalmente, todos os esforços despendidos até o momento servirão apenas para acelerar o processo de degradação, implantado pelo capitalismo, incorporado

pelas instituições e absorvido pelos sistemas educacionais que presam pela formação para o trabalho urbano, em detrimento ao MEIO AMBIENTE.



**Dalvilson D. Policarpo**, 57, aposentado. Técnico de Meio Ambiente, Geógrafo, Pós em História da África e Docência Superior. Escritor, poeta, contista, compositor musical.



# VISITE A NOSSA PÁGINA



[www.leituraparahoje.com.br](http://www.leituraparahoje.com.br)

Livros Cristãos e Livros Motivacionais

# ENTREVISTA COM A ESCRITORA

## CAMILA SEIXAS

POR ADEMIR PASCALE



**Camila Seixas**, nasceu em 2000, em Curitiba, no Paraná. Artista amadora, fã de videogames e aspirante a escritora, começou a escrever ao fim dos seus 15 anos. Formada como técnica em informática no IFPR. Sempre esteve envolvida com projetos de filosofia e artes.

Escreveu desde fantasia até os romances de época. Em 2020 decide concretizar o seu sonho e publicar a sua última obra escrita para o mundo.

### Entrevista

---

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Camila Seixas: Eu sempre gostei de ler desde criança. Só realmente comecei a escrever ao final dos meus quinze anos quando já estava no segundo ano do ensino médio. Tudo começou em uma aula de literatura e com a criação de uma história com temas medievais, heróis e princesas. E então, não parei mais de escrever. Desde essa época era o meu sonho publicar um livro para o mundo. E agora com quase 21 anos, consegui finalmente realizar esse sonho com o meu primeiro livro “Coração de Escritora”.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Coração de Escritora". Poderia comentar?**

Camila Seixas: Coração de Escritora nesse momento é tudo para mim. Quando comecei a escrever jamais pensei que esse seria o meu primeiro livro publicado. O nome da minha protagonista é Emily, uma jovem de 20 anos com uma grande vontade de ser livre e fugir de todos os problemas que rodeiam a sua mente. Um livro com romance e acima de tudo superação de problemas. Uma história que em cada capítulo, um personagem diferente conta a história e fala sobre a Emily.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Camila Seixas: Em relação a pesquisa, quase não houveram, já que a maior parte da história é fruto da minha mente. Já o tempo de escrita começou no fim de fevereiro de

2020 e terminei 6 meses depois no final de agosto. Em relação ao processo de edição, revisão, criação de capa, etc, demorou também perto de 6 meses corridos.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Camila Seixas: Eu gosto muito de um trecho no capítulo três, onde um dos personagens finalmente compreende perfeitamente como Emily pensa e se sente em relação a todas as coisas. Sinto que é nessa parte que Emily finalmente começa a enxergar as suas possibilidades e o que realmente deseja para a sua vida. Mais do que tudo anseia se livrar de suas angustias e agora tinha alguém de bom coração para ajudá-la

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Camila Seixas: Todos podem adquirir um exemplar impresso através do site da Editora Viseu (eviseu.com), lá tem também todos os links para caso queira comprar o E-book, mas já adianto que o E-book está disponível na Amazon e Google Play, que na minha opinião são os lugares mais conhecidos para E-books.

Eu tenho diversas redes sociais, que podem ser encontradas através do @icamilaseixas mas a que sempre estou mais ativa é no Instagram e estou trazendo vários conteúdos legais sobre o livro, como trechos e alguns booktrailers toda semana.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Camila Seixas: Eu tenho muitos outros livros escritos, inclusive um que fiz esse ano, um romance muito inspirado em Orgulho e Preconceito de Jane Austen. Quero que esse seja o meu segundo livro publicado e se tudo der certo, conseguirei.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Chorar de alegria

Um (a) autor (a): Jane Austen

Um ator ou atriz: Johnny Depp

Um filme: Orgulho e Preconceito

Um dia especial: 29/02/2020

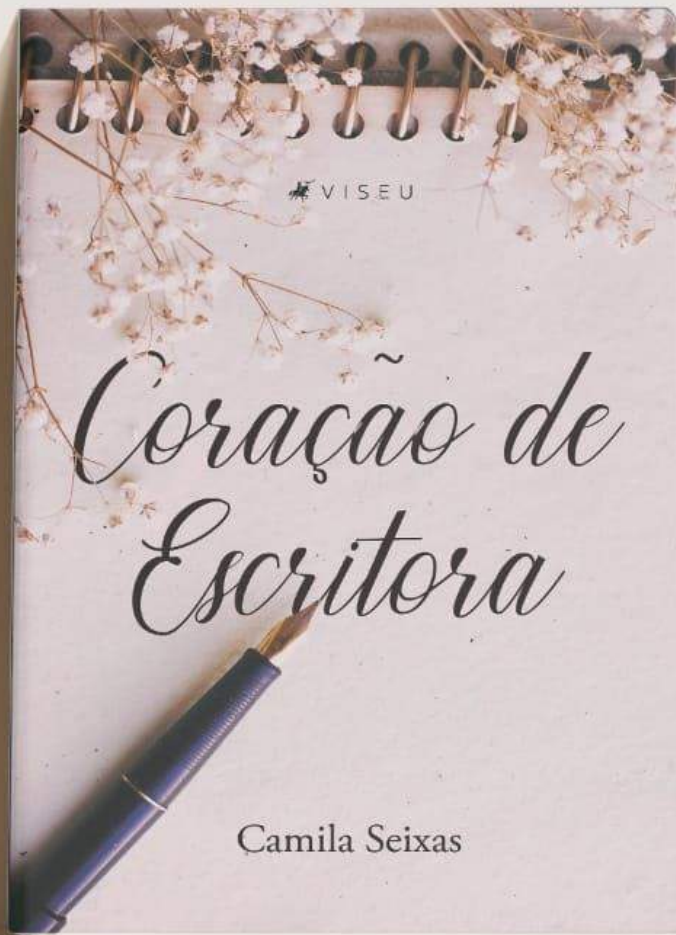
**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Camila Seixas: Gostaria de dizer que, esse livro é a realização da minha alma. Tudo nele foi feito com muito amor, cada conteúdo que fiz, cada trecho que mostrei aos seguidores. Trabalhei tanto que espero muito que tudo dê certo. Estou vivendo o meu sonho e quero aproveitar cada segundo.

Costumo dizer que a Emily apareceu para me salvar. Na época, ela apareceu justamente para que pudesse fazer das minhas palavras as dela. Hoje ela continua a me salvar, porque agora, ela tem o poder de salvar e mudar a minha vida.



VISEU



Siga a autora nas redes sociais: @icamilaseixas



REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

**Divulgue  
o seu  
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO  
PARA AUTORES**

**POR APENAS**

**R\$100**

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

**Bônus:**

Você ainda ganha a publicação do release no site da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

## DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

# SAIBA MAIS. ACESSE:

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

Ou escreva para: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale

# ENTREVISTA COM O ESCRITOR MANOEL BARUQUE

POR ADEMIR PASCALE



**Manoel Baruque** é viajante de longa estrada. Mas não é caminhoneiro. Trabalha há muitos anos como Avaliador de Penhor da CAIXA. Também é desenhista gráfico, profissão que está em segundo plano, atualmente. Escreve prosa e verso desde sempre, mas escreveu o primeiro livro em 2012, intitulado “EU ROUBEI A JULES RIMET, A HISTÓRIA COMO DEVERIA SER”. Após, lançou uma segunda edição, mais completa. Com a mesma receita “humor crítico”, temperada com poesia, publicou, agora, “COMO VENCER SEM VENCER A PREGUIÇA”. Em sua profissão, avalia metais nobres, diamantes... mas os seus verdadeiros tesouros são a esposa Anélia e o filho Gabriel.

## Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Manoel Baruque: O meu início no meio literário foi em minha adolescência. Mas não publiquei nada. Está tudo guardado. Um dia, quem sabe, darei uma chance àquele adolescente.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Como vencer sem vencer a preguiça". Poderia comentar?**

Manoel Baruque: Difícil comentar a própria obra. Em suma, o livro mostra a importância do preguiçoso e da preguiça na vida de todos nós, para frear o mundo em que vivemos, que vai desgovernado. É uma salada crítica, com o sal do humor e o açúcar da poesia. Diversos temas são abordados, incluindo política, espiritualidade, força do pensamento positivo...

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Manoel Baruque: O livro foi escrito em pouco tempo. Talvez, dois meses. Depois, fiz revisões e acrescentei detalhes. Por sinal, o livro mostra que estão nos detalhes as

respostas e que o preguiçoso, por ir devagar, consegue observar e refletir sobre os detalhes.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Manoel Baruque: Difícil destacar. Mas vou colocar um trecho que coloquei na orelha do livro: “O preguiçoso freia o tempo com o próprio tempo, da mesma forma que freia os contratempos com os próprios contratempos. Não se pode evitar a passagem do tempo ou dos contratempos. Mas se pode frear”.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Manoel Baruque: Por ora, o livro pode ser adquirido no próprio site da editora: [www.autografia.com.br/produto/como-vencer-sem-vencer-a-preguica](http://www.autografia.com.br/produto/como-vencer-sem-vencer-a-preguica) , e nos links das livrarias no final da entrevista.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Manoel Baruque: Sim, pretendo lançar uma terceira edição do livro “Eu roubei a Jules Rimet - A história como deveria ser”, acrescentando final surpreendente...

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Comédias da Vida Privada

Um (a) autor (a): Luis Fernando Veríssimo

Um ator ou atriz: Woody Allen

Um filme: O Dorminhoco

Um dia especial: 30/02/2021 (Onde tudo pode acontecer...)

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Manoel Baruque: A preguiça é a nossa força propulsora.

**PARA ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:**

[https://www.submarino.com.br/produto/3326991861?pfm\\_carac=3326991861&pfm\\_page=search&pfm\\_pos=grid&pfm\\_type=search\\_page](https://www.submarino.com.br/produto/3326991861?pfm_carac=3326991861&pfm_page=search&pfm_pos=grid&pfm_type=search_page)

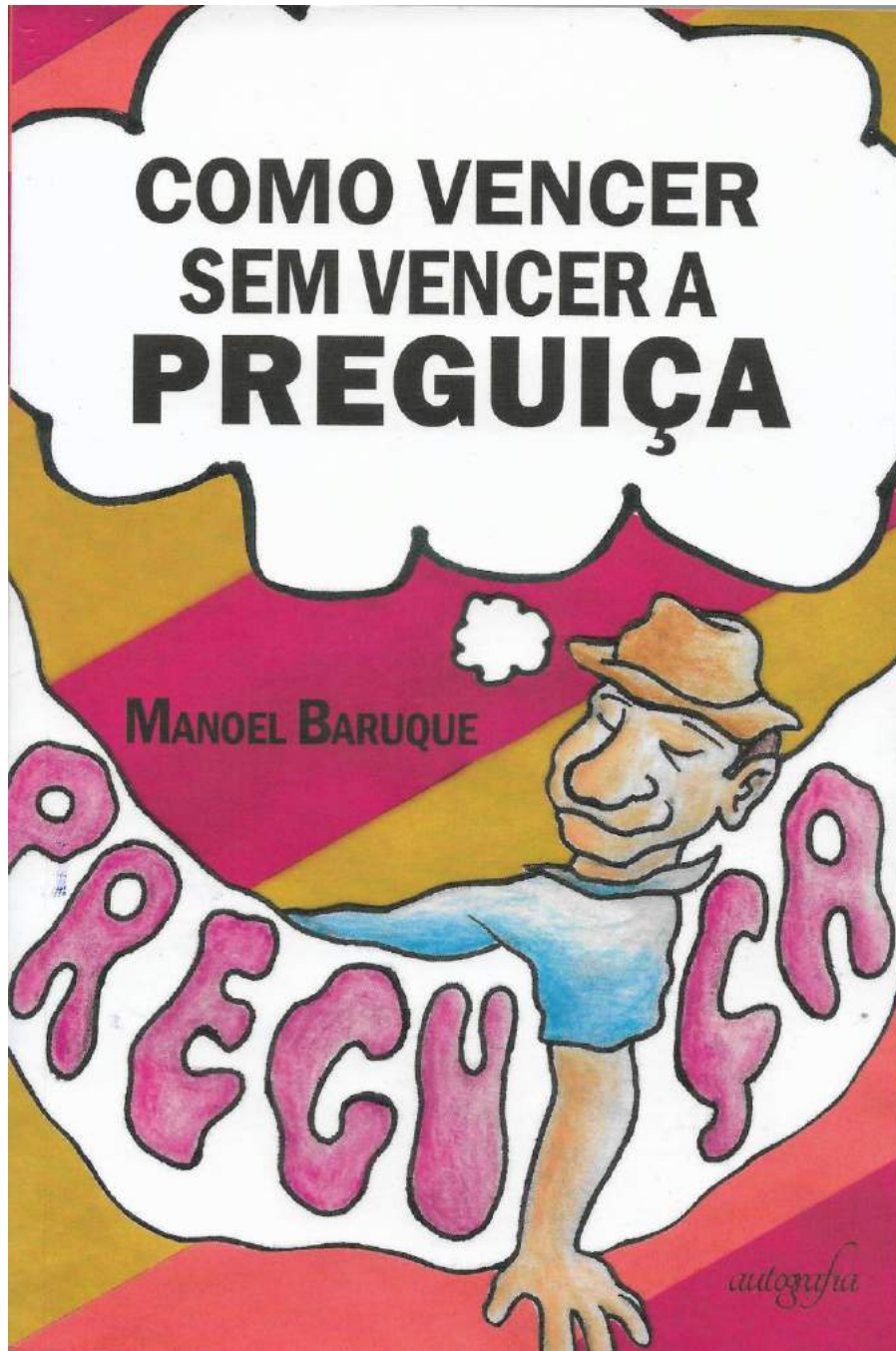
<https://www.americanas.com.br/produto/3326991861>

[https://www.amazon.com.br/Como-vencer-sem-pregui%C3%A7a/dp/6559435865/ref=sr\\_1\\_1?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5](https://www.amazon.com.br/Como-vencer-sem-pregui%C3%A7a/dp/6559435865/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5)

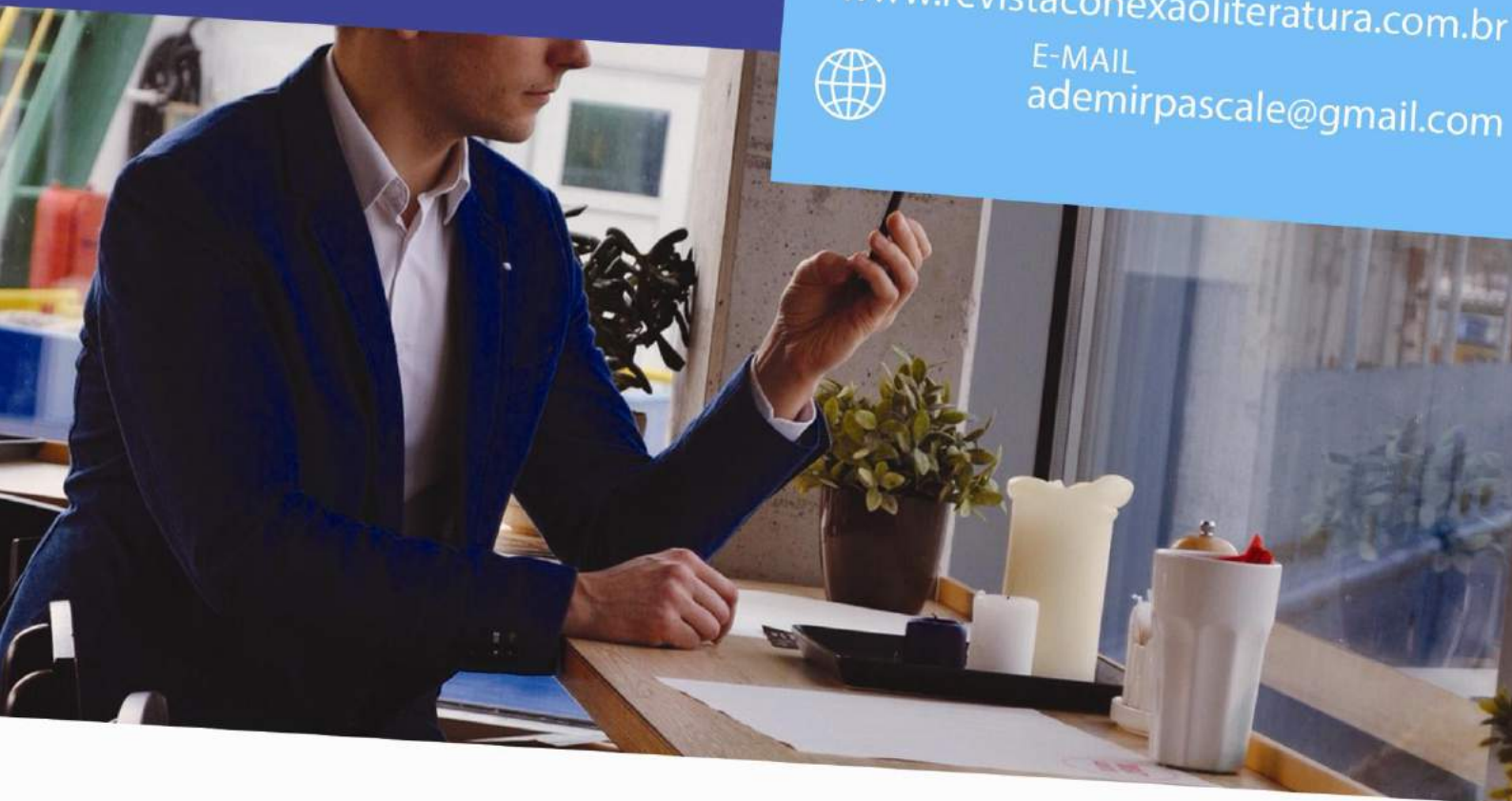
%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=9786559435869&qid=1623761143&sr=8-1

<https://www.autografia.com.br/produto/como-vencer-sem-vencer-a-preguica>

OBS.: o link do ebook estará disponível a partir do dia 07/07 no site da livraria Autografia <http://www.autografia.com.br>







agilidade



apareça



público-alvo

## PACOTE DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

POR APENAS R\$ 100

Somos especialistas em divulgação de  
livros e autores.

Conheça o Pacote Divulgação e veja o  
custo/benefício

O pacote inclui entrevista com o  
autor(a), divulgação nas redes soci-  
ais Facebook, Twitter e Instagram e  
publicação na revista literária e  
digital Conexão Literatura.

**BÔNUS:** Você ainda ganha a  
publicação do  
release no site  
da revista

SAIBA MAIS, ACESSE:

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

# ENTREVISTA COM O ESCRITOR POLICARPO POR ADEMIR PASCALE



57 anos, é Técnico de Meio Ambiente, Graduou-se em Geografia, Professor do Estado e Pós Graduou-se em História da África e Docência Superior. Metroviário por 31 anos, é autor dos contos “PEDAÇO DE UM AMOR e MÁGICO JAMELÃO” e poesias, participa das Antologias PALAVREIRAS2019 pela Editora Autografia, Poesias nas Montanhas de Minas, pela Academia Mineira de Belas Artes, COMPAIXÃO, pela Editora Apenas, O LEGADO DE H.P.LOVECRAFT, pela Revista Conexão Leitura, FLORBELA ESPANCA e 20 de Novembro Dia da CONSCIÊNCIA NEGRA pela Magico de Óz, MÃE – 2º Volume – editora Versejar; autor dos livros TRAJETÓRIAS E CAMINHOS DA SEGURANÇA METROVIÁRIA DE SÃO PAULO 1ª edição em português, 2ª edição em Francês, CONEXÕES ALÉM DA FAIXA AMARELA, IDARÁ IBI PEDRA DE XANGÔ NA TERRA DE ÍNDIO, MEU AMO, MEU DONO, MEU SENHOR JÁ FOI O MEU AMOR, SOLAVANCOS DA EDUCAÇÃO e DIALOGANDO COM AS GAVETAS, em breve, AINDA NOS FALAMOS.

## Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Policarpo: Sindicalista, lutava pelos direitos da categoria, onde fui acumulando documentos, pesquisas e formulando projetos, que após um tempo, organizei e transformei no livro TRAJETÓRIAS E CAMINHOS DA SEGURANÇA METROVIÁRIA DE SÃO PAULO, lançado em 2018. Como já escrevia coisas, memórias, contos e poemas, e gostei do resultado do primeiro livro, organizei meus poemas e lancei o CONEXÕES ALÉM DA FAIXA AMARELA, participei de antologias com contos e poemas e o gosto pelas letras foi aumentando. Com o advento da aposentadoria, resolvi me dedicar um pouco mais à escrita.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro “DIALOGANDO COM AS GAVETAS”. Poderia comentar?**

Policarpo: Nossa mente é um enorme armário, cheio de compartimentos onde guardamos, jogamos e perdemos, momentos de nossas vidas que nos fizeram felizes, nos

marcaram e passagens infelizes que preferimos escondê-las no fundo das gavetas desse armário. Por mais que tentemos ignorá-las, haverá um momento em nossas vidas que inevitavelmente essas gavetas serão remexidas, senão por nós, por alguém e aí os segredos voltam a tona com força e propriedade, cabe a cada um de nós aproveitar a oportunidade para jogar fora ou apenas reposicioná-los no fundo da gaveta. Dialogar com a gaveta me parece ser um bom exercício para resolver algumas ou todas as questões que nos incomodam.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Policarpo: Este livro surge quando parei de trabalhar, começando a ter mais tempo para reflexões sobre a vida de modo geral. Em um desses momentos me veio a ideia de como seria rever meu passado e como isso mudaria meu futuro e concluí que para isso haveria de ter um local onde pudesse sentar e me abrir, faltando apenas com quem. Busquei alguns ensaios de Freud, Lacan e outros pensadores da mente humana para me orientar, sem me aprofundar e assim surgiu alguém para ter essa conversa onde misturo minhas vivências com algumas fantasias, não sendo possível precisar quando é o personagem e quando é o escritor o alvo da conversa. Foi um magnífico exercício.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Policarpo: Na orelha da capa está um produto deste exercício:  
Uma incursão psicofilosófica etílica endógena do seu eu se confrontando com seu livre arbítrio em relação ao seu modo de viver, pensar e agir que se materializou, formando um consenso que se debate através de uma dialética emocional, personificada em forma de mulher, contradizendo tudo o que é real, transformando seu mundo, físico e mental em fumaça de charuto, conhaque e Parma numa mesa de bar de frente para o mar.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira?**

Policarpo: A dica preciosa que tenho como premissa é se ouvir antes de escrever. Acatar o que vem de dentro, se é do coração ou da imaginação, tanto faz, pois o que importa é escrever com um objetivo, uma proposta, passar um recado ou mensagem que faça alguém, em algum momento, pensar sobre o que está lendo. Eu diria, semear ideias.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Policarpo: Para ter o livro, físico ou digital acessem o site da Editora [www.eviseu.com.br](http://www.eviseu.com.br)  
No Facebook: Dalvilson Policarpo  
Instagram: donpolicarpo  
Site: FALA POLI

## Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Policarpo: O novo projeto está em fase final de organização e chama-se AINDA NOS FALAMOS onde reafirmo que nossas lembranças, através de falas, músicas, frases, filmes, ditados, do passado, trazem momentos e pessoas para nossa presença, numa forma evidente de que a comunicação com quem não está presente se dá e se dará sempre que lembrarmos da frase certa.

### Perguntas rápidas:

Um livro: A revolução dos bichos

Um (a) autor (a): Florbela Espanca

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Amistat

Um dia especial: Hoje

## Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Policarpo: A escrita existe para que o homem, ao registrá-la, plante, em quem ler, uma semente que poderá vingiar e dar bons frutos ou não, dependendo somente do terreno e do cultivador.



*Cinza no Céu*



**HORROR  
FANTASIA  
NOSTALGIA  
FICÇÃO CIENTÍFICA**

*Roberto Schima*

# CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE  
ROBERTO SCHIMA

**SINOPSE:**

A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO CO MO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QUAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELAS EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.



Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>

# ENTREVISTA COM A ESCRITORA

## TANIA COSTA

POR ADEMIR PASCALE



**Tania Costa** é escritora desde a adolescência mas conseguiu realizar seu sonho de infância, o de ser escritora registrada em 2020 quando conseguiu publicar seu primeiro livro, A Fazenda das Borboletas pela Editora UNISV.

Nascida em São José do Norte, vinda de família humilde, sempre teve muito gosto pela leitura. Casou-se cedo, teve três filhos, os quais criou sozinha. Depois de tê-los criado decidiu dedicar-se a sua paixão, escrever. Também é presidente de uma ONG que trabalha com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Tania Costa: Logo que aprendi a ler, aos sete anos de idade, adquiri o gosto pelos livros. Desde muito pequena comecei a escrever pequenos contos, devido à falta de recursos e a timidez nunca publiquei, mas nunca desisti dos meus sonhos. Possuo vários manuscritos guardados. Em 2019 decidi que iria publicar um romance então comecei a procurar editoras. Através de uma prima que a muito não via, consegui o contato da Editora UNISV, do meu editor e hoje amigo Jociandre Barbosa, mandei meu original, ele aprovou, fechamos o contrato e finalmente com muita dedicação e amor consegui publicar o livro A Fazenda das Borboletas.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "A Fazenda das Borboletas". Poderia comentar?**

Tania Costa: O livro é um romance de época que se passa na histórica cidade de São José do Norte. A protagonista é Ana Carmela, uma moça à frente de seu tempo que cresce no interior sonhando em ir para a cidade grande e ser diferente das demais pessoas que convive, porém ela conhece um rapaz de sotaque estranho que pode fazê-la mudar de opinião, surge um conflito interior mas Ana Carmela é uma moça decidida, especial, quer fazer o que lhe parece mais correto.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Tania Costa: Na verdade este é um projeto que tenho há bastante tempo, a pesquisa vem de longa data através de fotos antigas e cartas que ficaram de herança para mim, eram de minha avó materna. Também de agradáveis conversas com minha mãe e pessoas da localidade sobre a época em questão. Para concluir o trabalho, depois das pesquisas comecei a escrever e terminei bem rápido, as ideias estavam todas na mente e no coração. Fiz um livro com poucas páginas por ser o primeiro, temia que por ser de um autor desconhecido as pessoas não quisessem adquirir um livro grosso sem conhecer o conteúdo. Acredito que o que importa não seja o número de páginas, mas a história estar completa para satisfazer aos leitores.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Tania Costa: Gosto da cena 14,” A Menina Muda “ é o título por tratar-se de uma personagem que será muito importante para a protagonista, ao ponto de tornar-se quase a protagonista do segundo livro, a continuação que está quase pronto.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Tania Costa: O livro está nos sites [www.americanas.com.br](http://www.americanas.com.br) , [www.submarino.com.br](http://www.submarino.com.br) , [www.shoptime.com.br](http://www.shoptime.com.br) , [www.editoraunisv.com.br](http://www.editoraunisv.com.br) .

Para saber sobre meu trabalho pode me seguir no instagram [tania.costa.escritora](https://www.instagram.com/tania.costa.escritora), no facebook Tania Costa

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Tania Costa: Sim, o livro A Fazenda das Borboletas, Nas Asas do Amor já está na editora quase pronto, deve chegar até julho para o lançamento. Também estou escrevendo o próximo com o título, a princípio, “Rumo ao Desconhecido”.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Dom Casmurro

Um (a) autor (a): Machado de Assis

Um ator ou atriz: Elizabeth Savala

Um filme: O Presente

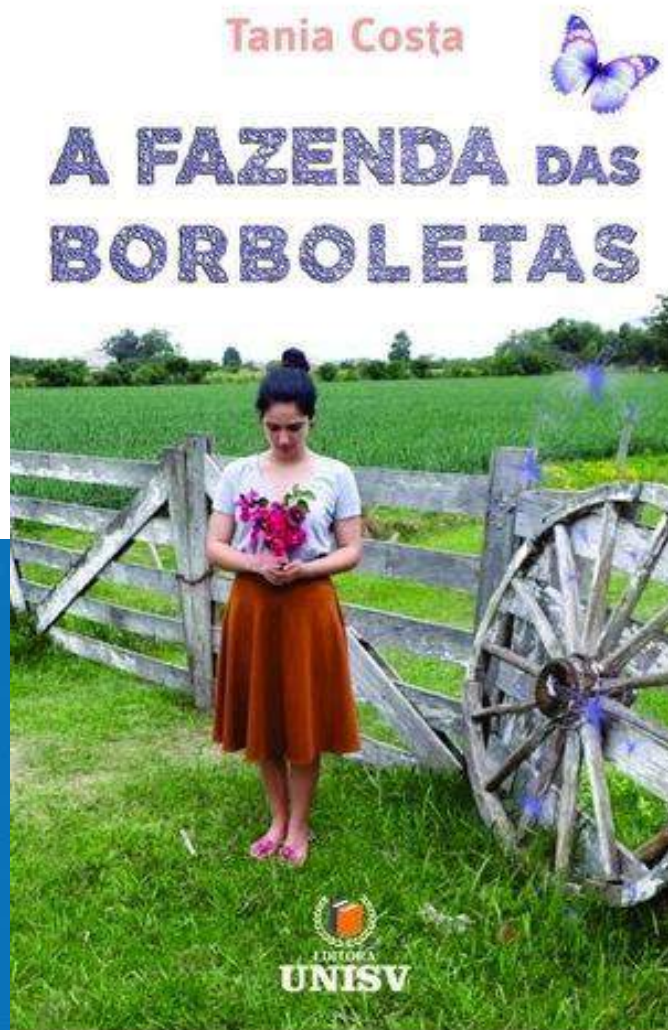
Um dia especial: dia da realização do meu maior sonho, o lançamento do meu livro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Tania Costa: Desejo encerrar dizendo a todos os sonhadores que nunca desistam dos seus sonhos, nunca é tarde para novas realizações. Pior do que ter sonhos e não realizar é desistir de realizá-los

“Há tempo para todas as coisas...”

Eclesiastes: 3





# ENTREVISTA COM O ESCRITOR BRUNO EVANGELISTA

POR ADEMIR PASCALE



**Bruno Evangelista**, escritor paraense, professor de Matemática e funcionário público tem como um de seus hobbies a leitura de romances policiais e ficção científica e também aprecia livros de poesia. Recentemente, adentrou no mundo literário como escritor, o que trouxe uma experiência única para sua vida, a qual não pretende interromper de forma alguma, pois para ele os caminhos da felicidade estão, intrinsecamente, ligados ao que gera prazer ao ser humano.

## **Entrevista**

---

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Bruno Evangelista: O início foi de maneira não planejada. Passei a escrever alguns pensamentos e reflexões de forma descompromissada, sem a real intenção de publicar. No entanto, com o passar tempo, percebi que o que colocava no papel poderia ajudar outras pessoas a refletirem sobre certos cenários da vida.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Retirando a máscara das víboras". Poderia comentar?**

Bruno Evangelista: Sim! Juntamente com a escritora Priscila Lima, que também é professora de matemática e Psicóloga. O Retirando a máscara das Víboras é um livro que leva as pessoas à autorreflexão de como se comportam diante da realidade contemporânea. As pessoas nem sempre agem de forma honesta, muitas vezes, são movidas por impulsos ambiciosos e pela necessidade de mostrar uma falsa felicidade. Sendo que muitos, passam uma vida inteira, vivendo de aparências, vivendo sob máscaras. Existem, mas não vivem em sua plenitude. Então um dos objetivos do livro é propiciar um “despertar” às pessoas que o leiam.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Bruno Evangelista: Na verdade, o livro surgiu a partir de minhas anotações e observações sobre o cenário atual das relações humanas. É claro que depois que resolvermos fazer o livro houve a necessidade de mais pesquisas sobre o assunto. As pesquisas foram realizadas em alguns artigos científicos e livros de Psicologia, Sociologia e Filosofia, que sustentaram as opiniões que defendemos na obra. Do início à conclusão da obra se passou cerca de um ano.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Bruno Evangelista: Sim! Posso explicar sobre o capítulo 2 do Livro, chamado: As Víboras e a Loucura. Nele traçamos um paralelo entre o desenvolvimento de doenças mentais e o modo de vida da sociedade contemporânea. Pois, a forma de se viver na contemporaneidade está contribuindo, sobremaneira, para o aumento das doenças mentais. Não é à toa que o século XXI é considerado o século da depressão pela OMS. Além do Mais, utilizamos alguns trechos de frases de filmes e series como, por exemplo, a frase do filme coringa:

“Todo mundo é péssimo hoje em dia. É o que basta pra gente enlouquecer ...,(Joker, 2019)”. A partir dessa frase, desenvolvemos análises no capítulo 2, sobre como o ser humano pode chegar à loucura por influências do seu meio externo, pelo o ataque das chamadas “Víboras Sociais”.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Bruno Evangelista: O livro foi publicado pela Editora ChiadoBooks e está disponível em diversas livrarias online, em formato de ebook e físico. Você encontra a obra nos sites da Livraria Atlântico, Livraria Travessa, Livraria Martins Fontes, Amazon e Livraria Cultura em Portugal no site da Chiadobooks. Kobo e FNAC Portugal. Para quem quiser saber um pouco mais sobre o livro pode visitar a nossa página no Facebook: <https://www.facebook.com/macaradasviboras>.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Bruno Evangelista: Sim! Priscila e eu estamos desenvolvendo pelo menos dois trabalhos que iremos publicar brevemente. Um livro de poesias chamado “RECORTES DE MINH’ALMA”, cujo o enfoque é sobre sentimentos comuns, que vivemos no dia a dia. O livro é interessante por que ele traz uma perspectiva interna, uma visão de mundo que sai do plano da realidade externa.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: A hora da estrela.

Um (a) autor (a): Clarice Lispector.

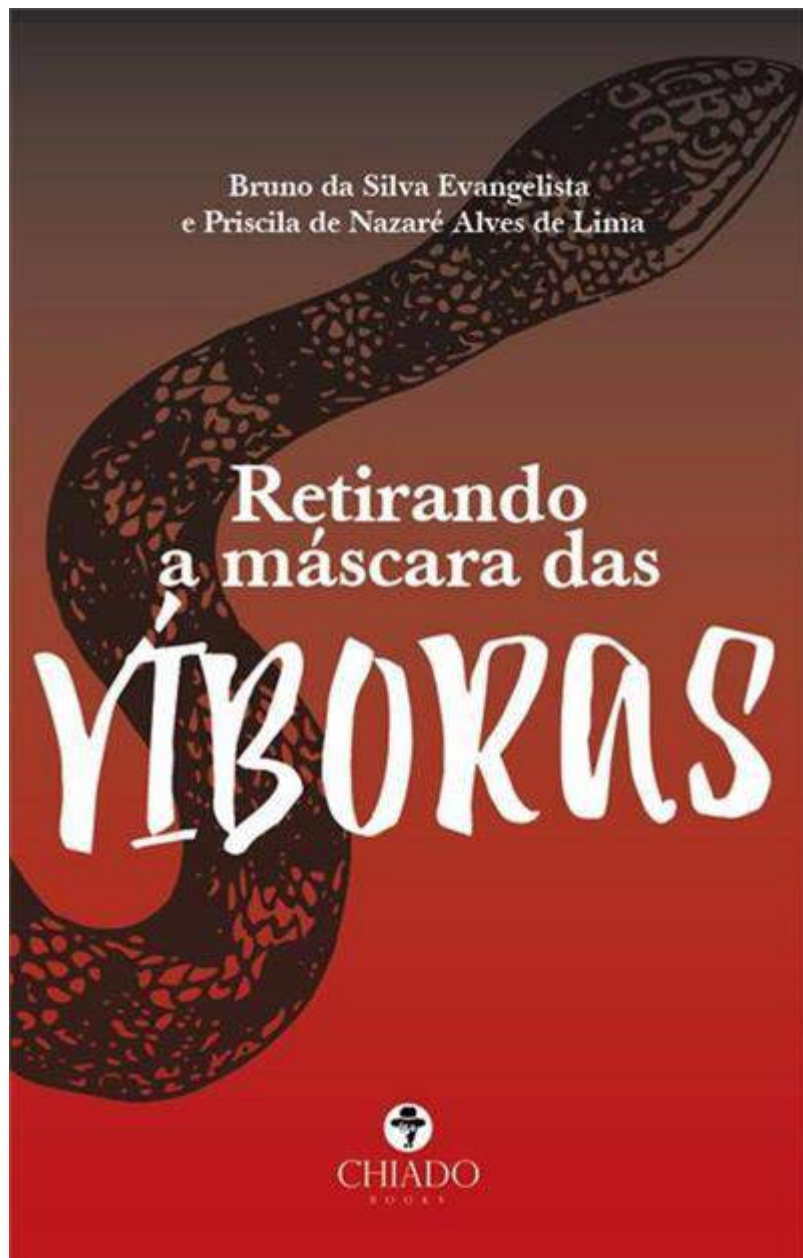
Um ator ou atriz: Keanu Reeves.

Um filme: Matrix

Um dia especial: Todos, quando se faz algo que ama.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Bruno Evangelista: Sim! A melhor maneira de melhorarmos uma sociedade é compreendendo como ela funciona para que assim possamos nos ajustar e chegarmos mais próximos de vivermos uma vida mais tranquila, feliz e plena.



**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

**COLETÂNEA DE  
POEMAS**

**ADEMIR PASCALE**  
ORGANIZADOR  
SELO  
CONEXÃO LITERATURA

**LEIA OS EDITAIS  
CLIQUE AQUI**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**



**CONTO: ENCONTRO**

**POR ANGELA DONDONI**

*A Cristiane de Mesquita Alves*

## Conto

---

Consegui bolsa para o doutorado, enfim daria andamento a minha pesquisa sobre as análises dos contos de Júlia e Machado. Mudei-me para Curitiba. Minha amiga me indicou um pensionato em que ela ficara quando morou na capital.

Quando o táxi parou em frente ao sobrado, fiquei admirando a arquitetura e como estava tão bem preservado.

Toquei a campainha, uma senhora de uns oitenta anos veio me receber. Entrei na sala principal e pensei que tivesse sido engolida por um túnel do tempo, fiquei meio paralisada: canapé, estatuetas, poltronas, tapeçaria, piano... Ao passar para a sala de jantar, não acreditei, vi uma escarradeira. Dona Úrsula, pediu que eu sentasse, entrou na cozinha e trouxe um aparelho de chá, nunca tinha visto uma porcelana como aquela.

"Essa casa e tudo que há nela, pertenceu a minha avó, está tudo como ela deixou."

Contou-me que a avó falava francês fluentemente e era excelente pianista.

"Essas salas testemunharam muitos saraus, minha avó dona Filomena, tocava e cantava"

Ela me levou até o quarto, não conseguia acreditar em meus olhos, admirava cada metro quadrado daquela casa, com sua mobília e a decoração do século XIX. Me perguntava:

"Como poderia aquilo...?"

A senhora me informou que tinha mais três pensionistas: um mexicano e um casal de namorados, que também fazia pós graduação, contou-me que não tinha família e que por isso resolvera alugar os quartos.

"Sirvo o jantar na cozinha, a partir das oito, se precisar de mim, meu quarto fica no térreo, ao lado da biblioteca, também pode procurar pela Ema, que cozinha e cuida da casa"

Agradei, tomei um banho e só acordei no outro dia.

Com o tempo, tornei-me próxima de dona Úrsula, ela me contava muitas histórias sobre a avó, a família, eu passava horas ouvindo e sentia, como se tivesse vivendo naquelas narrativas.

Um dia de muito frio e cerração, estava em meu quarto tentando concluir o primeiro capítulo da tese, quando ouvi baterem na porta.

"Minha filha, acabei de preparar um bolo e chá de amendoim. Não quer descer para conversarmos um pouco?"

Dona Úrsula tinha se afeiçoado a mim e sua presença trazia uma nostalgia que me fazia bem, também sentia uma ligação com a casa e os objetos que não podia compreender.

Depois do lanche, dona Úrsula convidou-me para irmos à biblioteca, queria ver comigo alguns retratos de família. Sentei-me confortavelmente em uma poltrona aconchegante, ela mostrava-me as fotografias e comecei ter sensações diversas como se de alguma forma eu reconhecesse aquelas pessoas.

"Deve ser o clima desse sobrado"

La dizer a dona Úrsula que iria voltar ao quarto, precisava concluir o capítulo, a orientadora, solicitara pra ontem.

Quando abri os lábios ela se levantou, puxou a gaveta da escrivaninha, tirou um camafeu com o retrato de uma senhora e disse: "Essa é minha avó, dona dessa casa"

Eu peguei o camafeu, olhei, meu coração veio na garganta, minhas mãos tremiam, a mulher do camafeu, era eu. Desmaiei.

\*\*\*

Acordei em minha cama.

"Ufa! O doutorado, a casa, dona Úrsula... Foi tudo um sonho! Graças!"  
Senti que segurava algo na mão fechada, abri e olhei, era o camafeu.



**Angela Dondoni**, nasceu em Cascavel, Paraná, tem formação em Português-Literatura, é professora e mestre em Letras. Publicou poemas e contos em algumas Coletâneas. Membro da Academia Internacional Mulheres das Letras e autora do livro *Encontros com Poesia* (no prelo). Stagan: angeladondoni\_w

Revista

# PROJETO AUTOESTIMA

[WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM](http://WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM)

## PORQUE TER AUTOESTIMA FAZ TODA A DIFERENÇA

A Revista Projeto AutoEstima foi criada em maio de 2020 pela publicitária Elenir Alves. As edições da revista são digitais e a periodicidade é mensal, abordando textos sobre incentivo, motivação, autoajuda, gastronomia, cultura, lazer, cinema, beleza, saúde, psicologia, bem estar e muito mais.

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima.

Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves

100%  
ENERGIA

NASCIDA PARA O  
BEM ESTAR DOS LEITORES

MOTIVAÇÃO

Venha **conhecer**  
a **nossa** revista

[www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com)



# CONTO: DEMIURGO

POR B. B. JENITEZ



**Conto**

— **A**s opções são simples — conclui — Ou é fisicamente possível criar um universo-bebê em laboratório, ou não é possível. Weinberg e outros já mostraram que é teoricamente possível. Assim, para cada universo natural existem bilhões de universos artificiais (usando o número conservador de uma única tecnocivilização por galáxia). Portanto, com toda probabilidade, o nosso universo é um daqueles criados artificialmente e podemos concluir que Deus existe. Q. E. D.

Se você quer ver físicos discutindo religião, basta lhes dar uma mesa de jantar com um bom vinho e uma noite estrelada. E os jantares ao ar livre na casa de Antony e Wanda correspondiam a experimentos gastronômicos regados a ótimos vinhos. Tony retrucou:

— Que Deus? Uma civilização ou mente habitando um universo-mãe? Isso é um deus falível e limitado, o Demiurgo dos gnósticos — Antony é um ateu que reverencia sutilezas teológicas, digamos assim.

— OK, uma Demiurga que gera universos-bebês — concedi, sorrindo para Rosa por ser politicamente correto. — Mas isso explicaria o problema do ajuste fino das constantes universais e das leis da física, que não só permitem como parecem promover o surgimento de estrelas e da química orgânica. Os universos-bebês herdaram essas leis, com pequenas mutações, e aqueles que mais favorecem a emergência de Gaias pensantes acabam gerando mais filhos e assim por diante.

— Calma, mais devagar... — interrompeu Mauro — Você está caindo em uma regressão sem fim! Quem criou o primeiro universo-bebê? Como surgiu o primeiro demiurgo? — O raciocínio afiado de Mauro, nosso filósofo de plantão, ainda não fora afetado pelo vinho.

— Isso eu não sei — confessei — Talvez haja um período de evolução cosmológica pré-biótica baseada no mecanismo de geração por buracos negros de Lee Smolin. Bom, outra vantagem da teoria é explicar o fato de que a origem de nosso universo – e a receita para a construção de universos-bebês – é compreensível por mentes limitadas. Universos com mecanismos de criação complicados demais para serem entendidos não tiveram filhos...

— Hum, isso não é física! É ficção científica... — resmungou Alfonso, enquanto adicionava mais uma porção de *paella* ao seu prato. Marta, sua esposa bióloga, comentou: — Bom, eu gostei da mistura de seleção natural com cosmologia, mas como é que você testa isso?

— A explicação sobre a compreensibilidade do universo... — ponderou Tony enquanto distribuía a última rodada de vinho — Lembra aquela frase de Einstein dizendo que a

coisa mais incompreensível sobre o mundo é que ele é compreensível? E tem também aquela do Wigner sobre a não razoável eficácia da Matemática na descrição da natureza...

— Sim, sim — tentei reforçar o argumento — A ideia de um multiverso onde a vida é irrelevante pode explicar as coincidências cósmicas, mas não o fato de que o mecanismo de criação de universos seja inteligível por mentes finitas... Não é ficção científica, e pode não ser ciência, mas é uma questão filosófica que... — comecei a dizer.

— Bah, filosofia... *Shut up and calculate!* — finalizou Alfonso.

Ana Lúcia chutou meu tornozelo. Todos deram risadas. Bebi meu vinho em um único gole e fiquei olhando uma gota deslizar pela taça vazia. Wanda e Tony trouxeram as sobremesas e a conversa derivou para os cortes de verbas promovidos pelo novo governo, o repique da crise econômica mundial e a ascensão dos neofacistas na Europa. Em um canto, Ana Lúcia conversava com Marta e Wanda sobre as dores de cabeça que andava sentindo.

As estrelas continuavam a brilhar impassíveis, ignorando nossos pequenos e humanos problemas.

oooOOOooo

Segui o conselho de Alfonso: calei-me e calculei durante cinco anos. É claro que não fiz isso sozinho.

Minha palestra no Congresso Internacional de Astrobiologia terminou assim: — O projeto *Leibnitz* não visa determinar o melhor dos mundos, mas apenas verificar se pequenas mudanças nas constantes universais poderiam otimizar o número de tecnocivilizações por galáxia. Demonstrei que um pequeno aumento da massa do bóson  $W_{\pm}$  poderia aumentar tanto o tempo de vida médio como a zona de habitabilidade das estrelas dentro da série principal, sem afetar outros processos estelares ou cosmológicos importantes.

Os aplausos não foram muito entusiásticos. O *chairman* abriu o período de debates: — Perguntas?

— Por que pequenas mudanças? Determinem logo o máximo da função de *fitness*, a função de utilidade! — observou Susskind.

— Não sabemos como fazer isso — argumentei — Existem variáveis demais... O professor Smolin pode esclarecer melhor porque as mudanças precisam ser infinitesimais

de modo a permitir que a seleção natural cosmológica funcione — Smolin, porém, ficou quieto, talvez apenas apreciando o fato de que suas ideias estavam se tornando *mainstream*.

— Não é seleção natural — corrigiu a física Maya Chialvo — É seleção artificial, ou melhor, engenharia genética cosmológica.

— Desculpe-me, é verdade — assenti.

Smolin finalmente entrevistou: — É estranho que, dado que o universo está razoavelmente otimizado para suportar seres complexos, aparentemente estejamos sozinhos na Galáxia. Cadê todo mundo?

— Sim, nossos resultados tornam o Paradoxo de Fermi mais grave. Mas lembremos que mesmo que existisse apenas uma tecnocivilização por Galáxia, ainda teríamos centenas de bilhões de universos-bebês.

O microfone foi passado para o professor Boscovitch, um astrofísico da velha guarda: — Você está nos contando que seu grupo desperdiçou milhares de homens-hora e enormes recursos de computação de alto desempenho a fim de fazer esse tipo de... er... teologia? Não seria melhor gastar isso em algo útil?

Achei o tom de voz de Boscovitch bastante autoritário. Lembrei-me então que eram bem conhecidas suas simpatias pelos neofacistas. Esclareci: — O projeto *Leibnitz* é uma colaboração Wiki 5.0, os pesquisadores são voluntários trabalhando nas horas vagas. A rede virtual com computação em nuvem usa apenas o tempo ocioso dos *clusters* de computadores dos diversos grupos envolvidos — Eu esperava questões mais técnicas, mas todo mundo estava fazendo observações genéricas.

— E em quanto tempo estaremos em condições de produzir um universo-bebê? — ironizou Boscovitch — Milhões de anos?

— Na verdade, eu estimo que em apenas algumas centenas de anos, se fossem usadas explosões de antimatéria para produzir um falso vácuo.

— Se criarem bombas de antimatéria, nossa civilização não durará tanto... — alguém resmungou na plateia.

— Os cosmólogos contentaram-se até agora em compreender o universo de diferentes maneiras. Cabe a nós transformá-lo — parodiou Vilenkin.

— Fico abismada com a hubris de vocês físicos — declarou Maya. — Querem determinar como Deus poderia ter feito um universo melhor!

— Deus não, mas o Demiurgo — murmurei comigo mesmo.

oooOOOooo

Ao retornar da viagem, encontrei Ana Lúcia em pior estado. — Meu amor, você devia ter me avisado! Eu voltaria mais cedo...

— Para que? Isso faria a quimio funcionar melhor? Você sabe, o Dr. Castelli sabe, e eu sei que não vai... — Coloquei um dedo sobre seus lábios — Não diga isso...

— Pena que o seu Demiurgo deu apenas o chute inicial, e depois nos deixou sozinhos... — ela disse, seus olhos brilhantes me fixando. Fiquei calado, tentando beber um café que já estava frio. Uma chuva de outono respingava em nossa janela.

— Fui com minha mãe na igreja, domingo passado — ela disse baixinho.

— Irei com você, se isto lhe fizer bem... — prometi enquanto acariciava sua face.

— Deus é um complexo memético autoconsciente que vive no hemisfério direito de nossos cérebros, você sempre dizia — Ela concluiu: — Então, se Ele não pode ajudar, pelo menos pode escutar nossas orações.

oooOOOooo

— Os novos resultados dos grupos do Mauro, do Alfonso e do Ion chegaram, agora com variação combinatorial em dezenove parâmetros — anunciaram Sue Lan e Emílio, entrando em minha sala sem bater— Você não vai acreditar!

— Por quê? — tentei me recompor ao desviar os olhos do retrato de Ana Lúcia.

— Estávamos errados! Aumentando a massa do  $W^\pm$  acaba por dificultar a evolução biológica: o nível de radiação ambiente e a taxa de mutação também caem bastante. A dinâmica de placas tectônicas, vulcanismo, terremotos, também é reduzida... — relatou Sue Lan, entusiasmada.

— E sem placas tectônicas ativas, nada de vida multicelular — reconheci.

— Os dados parecem indicar que realmente estamos em um máximo local da função utilidade... Os parâmetros do universo atual otimizam a taxa de mutação, a taxa de especiação, e a probabilidade de evolução de civilizações. Parece que o Demiurgo existe mesmo! — Emílio sorria.

— Essa função utilidade não leva em conta o sofrimento dos seres viventes... — reconheci, meio tardiamente, voltando a fitar o retrato de Ana Lúcia.

— O quê? — disse Sue Lan, sem entender.

— Quero dizer, o importante é gerar o maior número de civilizações, ou talvez produzi-las de maneira rápida, e doze bilhões de anos é bastante rápido frente a um trilhão de anos de duração presumível do universo.

— Eu sei disso — Sue Lan observou.

— E não importa o sofrimento dos seres, nem que cada civilização dure muito ou não. Mesmo se a civilização morrer durante a criação do novo universo... Basta apenas que ela atinja a maturidade e seja capaz de criar universos-bebês... que por sua vez criarão outros universos-bebês, num processo sem fim, como salmões morrendo após a desova... O melhor dos mundos! — murmurei, não sabendo se devia odiar ou ter pena do Demiurgo.

— Não, não, apenas um máximo local — corrigiu Emílio. — E quem sabe, um dia, o sofrimento dos seres possa ser incluído na função utilidade... — Um vento frio espalhava os papéis da mesa. Me levantei a fim de fechar a janela.

Eduardo entrou na sala, tranquilo como sempre — Souberam da última? Boscovitch publicou um *paper* na Nature mostrando um jeito bem mais simples de produzir e confinar anti-matéria...

Consegui com algum esforço alcançar a janela. A tempestade era negra no horizonte.

**B. B. Jenitez** é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor associado (livre-docente) no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Trabalha na área de Física Estatística Interdisciplinar e Neurociência Teórico-Computacional, tendo publicado cerca de 60 artigos em revistas internacionais. Foi o primeiro pesquisador brasileiro a publicar na *Nature Physics*, artigo o que conta hoje com 670 citações. Ativo na área de divulgação científica, é responsável pelo portal *Anel de Mídias Científicas* (anelciencia.com) que possui links para 440 blogs, 130 canais YOUTUBE e vários *podcasts* de ciência e ficção científica em português. Publicou *O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol...* (2014) pela Editora Multifoco, *Projeto Mulah de Tróia* (2016) pela Drago Editorial, *Demiurgo: Deus e Acaso* (2020) e *Projeto Mulah de Tróia 2* (2020). Participou de várias antologias: *FCdoB-2010/2011* (Tarja Editorial), *Solarium 3* (Multifoco), *Galáxias Ocultas* (Editora Illuminare), *Teslapunk 3* (Cavalo Café), *Antologia Asimoviana* (Arkanus Editorial), *O Livro da Ficção Científica Brasileira* (Madrepérola), *Estrelas Inalcançáveis* (LN Editorial), *O Espantoso Mundo da Antecipação* (Elemental Editoração), *Ano Zero* (Lura Editorial) e *Almas Fabricadas* (Madrepérola).

Cedrik, junto de seu fiel companheiro, Sandial, o Ancião e da bela Vivian, protetora do misterioso livro Necrofilium, embarcam em uma incrível jornada para salvar o seu povo de um destino cruel. Buscando inspiração no clássico trabalho de Robert E. Howard, Roberto Fiori cria um herói único, dotado de extrema força, músculos avantajados capaz de levantar em cada braço mais de 75 quilos e, ao mesmo tempo, escalar facilmente uma parede de 20 metros de altura. Com Cedrik: Espada & Sangue, Roberto apresenta um mundo fantástico e apaixonante perfeito para os fãs de bárbaros, magia e lutas épicas.



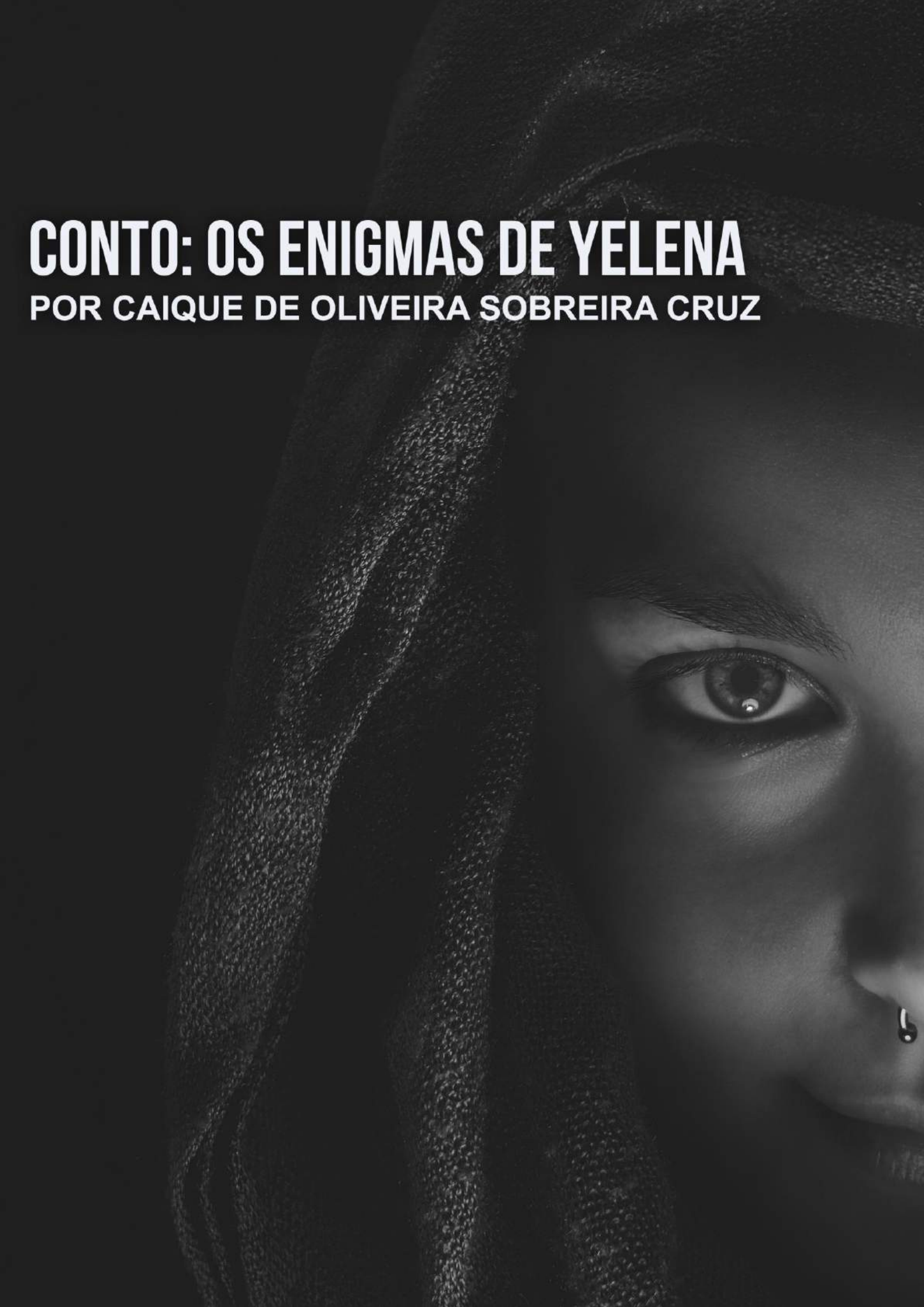
## CEDRIK - ESPADA & SANGUE POR ROBERTO FIORI



ADQUIRA O SEU  
CLIQUE AQUI

# **CONTO: OS ENIGMAS DE YELENA**

**POR CAIQUE DE OLIVEIRA SOBREIRA CRUZ**





## Conto

---

Já faz 22 anos que algumas incógnitas permeiam a minha intranquila alma, ou melhor, o meu cérebro. Desde que eu conheci Yelena, uma colega na época do colegial, quando tínhamos apenas 16 anos, em uma troca de turmas sem precedentes realizada pela direção da instituição, sem qualquer explicação, acabamos por ficar na mesma turma naquele fatídico ano de 1999. A primeira vez que a vi, um enorme pavor me assolou, a sua presença me causou temores e tremores inexplicáveis. Seu rosto era extremamente pálido e o seu semblante, no geral, expressava desesperança e indiferença, sem apresentar afetividade quanto a absolutamente nada. Ela se portava enquanto uma criatura inanimada, dizia-se gótica, mas a sua profundidade e complexidade era muito maior do que um estilo de vida cultural ou uma visão de mundo. Eu nunca havia presenciado um vazio tão imponente como este que chegou a me suscitar calafrios. Daí em diante, coloquei-me na condição de observador incrédulo que precisava compreender aquela pessoa, custando o que custasse, correndo o risco de não conseguir continuar a minha jornada de vida se não pudesse apurar e deslindar todo aquele mistério em que estava envolta. Ela aparentava ser e não ser ao mesmo tempo, estar e não estar. A contradição em sua imanência fervilhava naquele *locus*. A minha busca, então, tornou-se indelével, uma predestinação ao garoto de nome José, mais conhecido como Zé ou Zezinho.

Mesmo agora, aos 38 anos, ainda me estremeço das cabeças aos pés ao relembrar aquela primeira soberba aparição de uma figura que não temia nem a vida, nem sequer a morte. Aquela garota não esboçava nenhum apego a nada, ao invés, a tudo renunciava, trilhava a sua vida sem depositar nela qualquer sentido, apenas vivia, como um processo em movimento sem qualquer axiologia, tanto que, as últimas palavras que ouvi os seus lábios recitarem foram: “a solidão é a minha ocupação, o meu ofício”. Talvez, por azar do destino, a sua falta de sentido tenha se tornado o meu sentido de vida, a obstinação em conseguir compreendê-la deve ser a minha perdição. Meus conhecidos duvidam que de fato ela tenha existido, creditam ter sido um delírio da minha imaginação fértil e, à época, os pesadelos me eram constantes, porventura, eu tivesse trazido o mundo dos sonhos para a sala de aula. Mas, o fato inconteste é que na contemporaneidade eu encontrei alguns indícios de seu paradeiro, portanto, se por acaso fosse apenas um imaginário, ele continuou até agora e se reverbera até mesmo em redes sociais, dentre outras exposições concretas donde pude verificar a presença dela, de tal sorte que para manter a tese de um mero espectro fantasmagórico eu teria que aderir a um pós-modernismo extremado, não crendo na concreticidade, apenas convencendo-me de que o que está externo a nós são meras representações ideais. Porém, eu nunca tive vocação para mágico, portanto, ainda creio na materialidade, nunca entraria na frente de um trem, por estar convencido de que ele me desfiguraria por inteiro. Por isso, eu prossegui no encalço das respostas que necessito sobre Yelena, apesar de nunca ter havido na minha personalidade uma aspiração de ser um Sherlock Holmes do mundo real. Ela não era e não é uma fábula, pode parecer indecifrável, mas, ainda assim, é de carne e osso. Evidentemente que, provavelmente, seja a “bela alma” descrita pelo romantismo alemão das primeiras fases.

Em meio a perquirição, pude descobrir que ela se tornou uma mulher muito culta, mas, ainda aos 38 anos, continua a esboçar por onde passa, segundo relatos, a indestrutível impressão de que não há nenhum norteamento para a sua vida. No entanto, parece aos meus olhos que eu estava errado quando julguei essa expressão como algo esvaziado de substância, seguramente esta capa apenas camufla uma identidade farta em conteúdo, mas inacessível a mim. Essa avassaladora constatação demonstra a minha fragilidade ao tentar compreender alguém que tem uma ascendência maior do que eu possa sequer cogitar alcançar. Em grego ela seria a reluzente, aquela que cobriria de luz toda a *pólis* ateniense na Ática, acima de qualquer “mundo das ideias” postulado pelos parques encavernados que acreditavam que o inteligível estava em outra dimensão em relação ao sensível. Ela é filha de Zeus e Leda. É possível que, em meu inconsciente, eu sempre queira ter sido o rei da Lacônia, em sua fase mitológica, para que pudesse estar mais próximo de Yelena, conseguindo desvendar as suas verdadeiras nuances. Ou mesmo um Eslavo, se levarmos em conta a versão absconsa da nomenclatura utilizada neste desafogo, pois, como um clandestino, escondo-me ao pôr do sol, observando recôndito o decair do crepúsculo e o alçar rutilante da sua personificação nos céus de nosso mundo incorrigível.

Após o momentâneo passeio historiográfico, segui o meu itinerário e estive uma temporada na Rússia para compreender as suas origens, lá eu encontrei mais algumas “Yelenas”. Com isso, a sua particularidade parecia que iria desmoronar diante de mim, mas, infelizmente, os termos se apresentaram, por fim, apenas como elementos formais, afinal, a essencialidade que eu almejava desvendar não estava brotando no cotidiano. Hegel afirmava que uma árvore não pode esconder toda a floresta, porém, por mais que eu tente ser um ingênuo hegeliano, apenas poucas árvores pude avistar em terras tão glaciais, mesmo as homônimas me tornaram cada vez mais álgido, o tropicalismo da minha querida gleba já o fora extraído de mim de há muito. A floresta não estava onde eu procurara, e acabei caindo no dilema do maldito projeto de filósofo antecessor a Hegel que falava sobre algo que não conhecia. Como saber o que seria a expressão da “coisa-em-si”, se não temos acesso a ela? E como confirmarmos a sua existência se não a conhecemos? Como saber se conhecemos ou não, se somos limitados e ela nos é inacessível? Mesmo sem saber o que exatamente eu estava procurando, tive a certeza de não ter encontrado. Nesta contradição, eu vi a razão ser destruída, logo eu que só queria fazer um manifesto em seu favor, mas, ao contrário, só reafirmo o irracionalismo. Fugir dessa contradição seria ter de me resignar sem a descoberta da essência, conformando-me com a aparência para me estabilizar numa falsa ataraxia estoica, comprimindo as minhas emoções visando a uma falseada *autarkeia*, longe do reino da efetividade. Ergue-se diante de mim o labirinto de Creta, não consigo mais ser humano, demasiadamente humano, apenas uma espécie híbrida à qual Dédalo preferiu trancafiar. Ao menos aniquilamos a linearidade, fazendo emergir das cinzas Hoffmann e Heine. Abaixo a galhardia romanesca moderna! O insólito e o cômico, em interdependência, vestem-nos com melhor etiqueta, como vimos em Kafka ou, até mesmo, no miserável do “Boca do Inferno”, aquele salafrário gaudério. Estamos encarcerados em uma paródia societal onde o abominável se traveste de esplêndido, uma embaraçosa dialética social que mostra a identidade aparente

para esconder a desigualdade em essência e, é isto que nos é imposto enquanto concepções de "belo e sublime", senhor "filósofo". Deplorável situação estática.

Voltando a Yelena, seguindo as pistas do seu sobrenome, sem precisar utilizar Prada como indumentária, estive nos percalços do malvisto mercenário Giovanni Giustiniani, o imbatível genovês, que estava invicto até avistar em alto mar a queda em ruínas e chamas das grandes fortalezas de Constantinopla. Assim como ele, sinto-me desfalecendo aos poucos, vendo as minhas muralhas arruinadas pelo sentimento de incompletude. Contudo, continuei a minha investigação como um medíocre pesquisador moderno, um trivial e insensato “especialista”, só consegui encontrar fragmentos antepassados dela que, por falta de uma teleologia, fizeram-me descartar a hipótese da união entre passado, presente e futuro. A totalidade necessária para compreender quem tu és, Yelena, parece-me inconcebível dentro dos marcos intelectivos do meu tempo histórico, talvez você seja a última grande síntese da história moderna, como posso compreender algo de tal magnitude? O mero especialista, José, o Zé, ajoelha-se e perece defronte da abrangência universalizante do seu espírito incalculável. Restou-me a emergência da resignação foucaultiana, a luta não tem futuro, a luta só tem presente, e um presente específico em cada luta, sem interligação geral com as demais. Irrompem em nossas almas amarras gigantescas. A resignação frente ao real estrutural estabelecido e o ataque à razão, limitando as suas aspirações e a possibilidade do humano fazer a sua própria história, como posto pelo iluminismo, torna-se a nova verdade dogmática. Como a causalidade, em nossos tempos, tornou-se nada além de uma palavra, tive que descartar o passado e o sobrenome de Yelena. O meu percurso para compreendê-la, então, deveria partir do presente. Entretanto, no rastro das últimas pistas encontradas, seria inevitável ter de me confrontar com uma das maiores turbulências da história humana, o ano de 1789 e o esplendoroso assalto aos céus. Mas, incapaz, não logrei decodificar as suas últimas pegadas. Monet, Pissarro, Courbet, Debret, Delacroix e outros, são muito intensos e expressivos para a minha rude compreensão estética, ainda não consigo sentir toda a arte como Yelena expõe, os impressionistas não estão no meu radar. Todas as vezes em que me aproximo de Yelena e das suas motivações fico mais asfisiado, afogado, imerso numa dialética circular, não consigo me compreender quando não a compreendo. Não conheço as minhas capacidades de interpretar, representar e alterar o mundo pela arte. O meu realismo literário é uma porta de entrada perigosíssima, incontornável. Certa feita, ainda em 1999, Yelena me disse que tomaria nota das objetivações dos meus insights, mas, o medo me impediu de extrair do ideal uma reprodução real dando-lhe o espelho reflexivo que pudesse expor as minhas aflições. Sim, o medo. Mesmo já tendo tomado o conselho do célebre poeta brasileiro de que o medo não é o lugar perfeito para se guardarem as horas. É possível que, naquele instante, fosse a minha única chance genuína de poder entender a essência dela, mas, ao fim e ao cabo, eu não valho uma lágrima dessa dama.

Enfim, mesmo depois de todo o esforço, sei que ainda não alcancei nem a metade da trajetória rumo à completude que Yelena guarda em si. Sempre mal-afamado por todos os cantos, recantos, espaços e, quem sabe até axés, onde pisei. O rabugento e lamurioso Zezinho do contra, o cavaleiro desmoralizado assemelhado ao utópico descrito por Cervantes. Numa ocasião, em uma aula, Yelena mirou em meus olhos e disse que a sorte

estava rindo para mim. Eu deveria ter escutado com maior atenção e realizado uma introspecção para mudar os meus trejeitos introvertidos. Se ela, a sorte, estava sorrindo pra mim, quem sabe, o mais correto teria sido sorrir de volta. Quem sabe, sob a áurea das sentenças sinistras daquela moça decidida e de uma frieza sem igual, eu pudesse levar como uma verdade que a sorte acabara de se tornar a minha sombra, incorporando-se a mim tal qual um segundo nome. Porém, é tarde demais para ouvir os conselhos firmes e valiosos de Yelena, não a vejo pessoalmente há 22 anos. Hoje em dia nem a coruja de minerva Hegeliana conseguirá acompanhá-la. E, sinceramente, não sei se sentir a sua presença novamente seria algo progressivo ou regressivo, mas, faz-se necessário, para sentir que ainda existo, pois, eu penso, mas não sei se, por isso, existo, não tenho essa convicção. Muitas dúvidas e poucas certezas. Não conseguirei realizar um salto adiante antes de compreender totalmente Yelena, sem adaptar remorsos, dissabores e dores. As correntes do passado são muito fortes. Os grilhões apertados e pesados. As perdas sempre sugerem a impossibilidade da repetição do que foi bom, impedindo o próprio devir. Nada mais vem a ser, pois, não poderá vir a ser como já o veio a ser, nunca mais viera ou mesmo virá a ser, as rupturas não cessam. Estou convicto de que apenas alguém da envergadura de Yelena, que vive sem prestar contas ao mundo, poderá me fornecer a luz no fim do túnel. Isso significa que Vygotsky e Maiakovski tinham razão, eu só conseguirei viver em conjunto com o outro e, este outro, apresenta-se sob o nome de Yelena. Os melhores editores dizem para eu ajustar a minha escrita, aperfeiçoar os meus termos, pois, muitas vezes, faço-me incompreensível, com uma linguagem “oculta”, mas, como posso me fazer compreensível aos outros se nem eu mesmo ainda me compreendo? Eis a questão.

**Caique de Oliveira Sobreira Cruz**, nascido em 15/08/1994 na cidade de Salvador/BA. É graduado em Direito e mestrando em Políticas Sociais pela Universidade Católica do Salvador. Especialista em Sociologia pela Universidade Estácio de Sá. Educador Popular de Sociologia pela ADEP-UERJ. Pesquisador Interdisciplinar pela FAPESB. Escritor em diversos sites e blogs sobre temas variados como: economia, política, história, sociologia, literatura, etc. Autor do artigo "A subsunção do real ao estético, a miséria do pós-modernismo" publicado pela Revista de Estudos Latino-Americanos na edição de 2018, volume 8, p.426-461. Autor dos contos: "Salva-me, socorrista" publicado na Revista LiteraLivre 21ª Edição, "A história que não acabou e não pode acabar" na 22ª Edição da LiteraLivre e "Nestor, o advogado do diabo" na 24ª Edição da LiteraLivre. Participou das Antologias "Tempo de Amar" Volume I com o conto "Salva-me, Socorrista" e volume II com o conto "Inominável personificação da Literatura".



# CONTO: TRILOGIA PANDÊMICA

POR FERNANDO GIMENEZ

## Conto

---

O clima estava frio na cidade. Mas, no condomínio a coisa esquentou! Tudo começou com um incidente pouco importante. Alguém saiu de carro e deixou o portão aberto. Pode ter sido esquecimento. Falha do motor. Um botão do controle remoto apertado inadvertidamente. Não importa. Mas, alguém reclamou no grupo de Whatsapp do prédio. Desculpas foram pedidas. Alertas foram dados. Parecia que a coisa tinha sossegado. Ledo engano!

Há pouco mais de trinta dias, os condôminos haviam acordado de tomar decisões coletivas pelo grupo de Whatsapp. A necessidade de afastamento social e o espaço pequeno da sala de reuniões impediam o encontro presencial para discutir e decidir sobre problemas do prédio. Aproveitando o assunto da segurança, a síndica botou em votação a instalação de câmeras de vigilância em todas as saídas e corredores de todos os andares do prédio. Mas, não deu muito detalhes.

Logo, alguns apressadinhos aprovaram a ideia. Mas, outro grupo de moradores queria mais detalhes. Apesar de poderem usar o fundo de reserva para este tipo de gasto, queriam saber por que tantas câmeras, qual o preço, se não havia outras prioridades. Alguém comentou sobre vazamentos no prédio. Dúvidas razoáveis surgiram. Mas, antes de qualquer resposta da síndica, a moradora mais antiga do prédio, dona Juvenira, comentou:

— Se é para melhorar a segurança, a gente tem que resolver a questão da Jaqueline.

A Jaqueline é uma garota de programa que mudara para o prédio há um ano e meio. Mesmo na situação de pandemia, ela continuava recebendo clientes. Se bem que o movimento tinha diminuído bastante. A Jandira aproveitou a deixa e falou:

— Juvenira está certa. Esse entra e sai de velho no prédio é um perigo. São do grupo de risco. Podem trazer o vírus pro nosso condomínio.

O que ninguém imaginava é que a Jaqueline estava acompanhando a conversa. Ela costumava acordar só depois do meio-dia. Mas, nesse dia ela acordara cedo. Movimento andava fraco. Dormiu cedo na noite anterior. Ela ficou quieta. Continuou seguindo a troca de mensagens. Esperava que o Juliano, do sétimo andar, falasse alguma coisa. Ativista dos direitos humanos sempre defendeu a liberdade de cada um. Em defesa de Jaqueline, em outras oportunidades, alertara que o regimento do condomínio garantia o direito de qualquer morador receber visitas. Ninguém podia afirmar que os velhos que visitavam Jaqueline eram clientes.

Juliano não se manifestava, no entanto. Quem entrou na conversa foi o Josualdo. Enfermeiro do Hospital das Clínicas, estava a caminho do plantão e escreveu:

— Não tenho nada a ver com a vida da Jaqueline, mas esse entra e sai no prédio é um risco para nossa saúde.

Jovair, advogado de porta de cadeia, resolveu mostrar conhecimento. Se meteu nos dois assuntos:

— Antes da gente decidir sobre a instalação de câmeras, temos que ter três orçamentos. É o que diz o regimento. E, quanto à Jaqueline, apesar da opinião de nosso velho esquerdista Juliano, o interesse coletivo se impõe sobre o individual. Nossa saúde em primeiro lugar.

Nesse momento Juliano resolveu falar:

— Velho esquerdista é o caralho! Sou é humanista.

E continuou:

— Aqui nesse condomínio tem uma bando de gente de direita. Vivem querendo controlar a vida dos outros. É um bando de macacos sentando-se nos próprios rabos pra falar dos rabos dos outros.

Ao ver isso, Jaqueline se animou:

— É isso aí Juliano. Um bando de gente aposentada que não tem o que fazer.

Porém, Juliano decepcionou Jaqueline:

— Nesse caso, Jaqueline, eu concordo com dona Juvenira e dona Jandira. Suas visitas estão colocando nossa saúde em risco.

Antes da reação de Jaqueline, ele ainda conseguiu escrever:

— E o Josualdo que é enfermeiro também. Não devia voltar pro prédio enquanto essa pandemia não for controlada.

Depois dessa mensagem, houve alguns minutos de silêncio virtual. Ninguém se manifestava. De repente Jaqueline escreveu:

— É um monte de gente mal-amada. A Jovenira e a Jandira não se conformam com o fato de que seus maridos frequentam meu apartamento. Se revezam no sábado à tarde em vadiagem comigo. Dizem que vão jogar truco no bar do Juscelino. Mentira! Sobem aqui pro meu apê.

E Josualdo, entrou na conversa:

— Ah! Então é por isso que você não me visita mais, né Juliano? Tá com medinho! Filho da puta! Com essa conversinha mole de humanista! Adora fazer sacanagem das grossas comigo de madrugada. Todo fantasiado de milico! Com chicotinho e tudo!

Silêncio geral no grupo do Whatsapp. Depois de uma hora a síndica, Juscicleide, sugeriu:

— Vamos deixar o assunto das câmeras pra depois. Não é sangria desatada! Parece que há outros assuntos mais importantes para vocês resolverem em suas casas.

E encerrou a conversa:

— Se precisarem de algo estou aqui. SE CUIDEM.

## II

O uso de máscaras para prevenção à contaminação por um vírus altamente maligno se tornou obrigatório. Pelos caminhos da cidade, todos usavam suas máscaras. A maioria de cor branca. As máscaras. Mas, havia uma variedade muito grande de cores e estampas. Do rosto das pessoas, só os olhos permaneciam visíveis.

Nas imediações do Passeio Público, por onde ela costumava caminhar, eram poucos os transeuntes. Alguém tinha visto cobras nas árvores do local e fotografara. O Passeio Público estava fechado há dois meses. A fotografia viralizou pelas redes sociais. A notícia afugentou aqueles que, todo dia, faziam caminhadas no entorno do Passeio Público.

A notícia de que era parte da rotina do local os funcionários levarem as cobras semanalmente para tomar sol nas árvores foi pouca noticiada. Sem a informação, o medo tomou conta das pessoas. O entorno do Passeio Público esvaziou.

Naquele dia, ela estava de folga. Trabalhava em uma farmácia. Nas imediações do Passeio Público. Fim de tarde. Parou para observar aquela cobra pendurada em uma das árvores. Ela sabia que não tinha perigo. Com a cobra. Quanto ao vírus, se protegia. Uma máscara feita por ela mesma. Estampada com desenhos de pequenas nuvens. Os olhos negros pairando sobre as nuvens.

Logo, ele chegou. Funcionário do lugar, estava recolhendo as cobras e as levando ao serpentário. De máscara também. Uma máscara comum. Branca. Notou a mulher. Atrás da grade do Passeio Público. Sorriu. Ela sorriu também. Mas, nenhum dos dois viu o sorriso. É claro! Mas, perceberam pelo franzir da pele próxima aos olhos.

Como era a última cobra a ser recolhida, ele se aproximou da grade. A moça, mesmo protegida pela grade, recuou um pouco. Ele disse para ela não ter medo. Ela se aproximou. Mais do que a serpente, os olhos esverdeados dele a atraíram. Tinham um brilho incomum. Refletiam os raios do sol poente.

Conversaram um pouco. Ela quis saber de como era o trabalho dele. Ele perguntou o que ela fazia. Logo, ele disse que estava encerrando seu turno. E ela comentou que estava de folga. Ele pediu para ela lhe esperar. Podiam conversar um pouco. Morava sozinho e, com os revezamentos no trabalho, já não encontrava os companheiros. Ela aceitou. Os olhos brilhantes dele a tinham impressionado.

Sentaram-se em um banco na praça em frente ao Passeio Público. Estavam sós. Com o espalhamento do vírus, até os moradores de rua que ficavam naquela praça tinham ido embora. A conversa foi boa. Ela morava em uma quitinete na Treze de Maio. Entre a Riachuelo e a Presidente Faria. Muito perto.

Depois de algum tempo, ela o convidou para ir até sua quitinete. Os olhos brilhando. Os dele também. Os dois com o rosto afoqueado. A temperatura subindo.

Mal chegaram na porta da quitinete, tiraram as máscaras. Se beijaram com os lábios ardendo. As máscaras ficaram sobre o tapetinho da entrada. Nele, em inglês, a expressão welcome home! Entraram. As roupas ficaram no pequeno espaço que fingia ser sala. Abraçados e nus, chegaram logo à cama. Atrás de um armário que dividia a quitinete em dois ambientes. Foi um sexo quente.

Dez dias depois, os corpos se encontraram no necrotério. As máscaras não tinham sido eficazes. O vírus era incrivelmente potente. O calor da pele e o brilho nos olhos de ambos era o princípio da febre. Primeiro sinal da contaminação. Nenhum culpado. Mesmo, se não tivessem se encontrado estariam mortos.

### III

Ele já estava entrando em sua terceira semana de isolamento social. Não era uma quarentena, pois saía uma vez ao dia. Da sacada espiava o movimento na rua em frente ao prédio. Notara que entre três e quatro da tarde, a rua ficava deserta. Descia. O deserto se transformava em reino de um só homem.

Nesse reino ele se aquecia ao sol da tarde. Desde que começara o isolamento, o clima se tornara ameno. Mas, com tardes ensolaradas. Tardes de outono. Sem sinal ou ameaça de chuva. Ele estranhara tal clima. Muito diferente do usual na cidade onde morava. Mas, gostava de seu reino ensolarado.



Além das saídas diárias, a cada dez dias uma visita à mercearia da esquina. Fora duas vezes. Na véspera do primeiro dia de isolamento e no décimo primeiro dia. Fora preciso na provisão de secos e molhados necessários para os dez dias.

Ele era um dos poucos que ainda usava esta expressão - secos e molhados. E seu bairro era o único que ainda tinha uma mercearia de esquina. O merceeiro se divertia com seu cumprimento. Bom dia, merceeiro. Vim em busca de meus secos e molhados da semana. Era sempre assim. Era um freguês leal. E metódico.

Na véspera do primeiro dia de isolamento social, o merceeiro estranhou a compra dele. Mais do que o usual. Não comentou. Estranhou, também, quando ele não veio no sétimo dia. No décimo primeiro dia compreendeu. O freguês acertara o volume da compra. Para um novo ciclo. Dez dias. Mas, seguiria metódico? Apesar da mudança de ciclo, o cumprimento continuava o mesmo. Bom dia, merceeiro. Vim em busca de meus secos e molhados da semana. Metódico, porém impreciso.

Ao completar a terceira semana, o freguês deveria aparecer. O merceeiro estava fuçando uma gaveta. No balcão dos enlatados. Estava emperrada há muito tempo. Uns vinte anos. Com a freguesia arisca, sobrava tempo. Faltava dinheiro.

Com uma chave de fenda forçou a gaveta. Conseguiu desemperrar. Um vidro de tinta para canetas vazio impedia que a gaveta abrisse. Há vinte anos ele tinha vendido o último vidro que tinha na mercearia. Se lembrou disso quando puxou a gaveta e viu o vidro vazio. Foi o freguês metódico quem tinha levado o último vidro cheio. O merceeiro pensou. Será que ele ainda usa caneta-tinteiro?

O merceeiro estava certo quanto à mudança de ciclo. O freguês chegou enquanto ele fuçava na gaveta. Além do vidro de tinta para canetas vazio, encontrou uma caixa de fósforos, um envelope antigo de postagem aérea, uma caderneta de espiral com anotações de compras. Era de um freguês antigo que já tinha morrido. O merceeiro descobriu que as compras dos dois últimos meses não tinham sido pagas. O defunto deu um calote antes de morrer. O merceeiro pensou. Será que os herdeiros pagariam? Ao mesmo tempo, desistiu da ideia. Não sabia por onde andariam esses herdeiros.

O merceeiro estava colocando o que encontrava em cima do balcão de enlatados. Ao lado das seletas de legumes. As seletas de legumes faziam parte da compra periódica do freguês metódico. Junto com as duas latas de atum. Eram duas seletas também.

O freguês metódico entrou. Cumprimentou o merceeiro. Bom dia, merceeiro. Vim em busca de meus secos e molhados da semana. O merceeiro notou a imprecisão. Já se passara mais de uma semana. Não disse nada. Melhor não contradizer um freguês. Ainda mais metódico. Vai que ele não gosta. E a freguesia já anda escassa!

O freguês metódico viu o vidro de tinta para canetas vazio ao lado das seletas de legumes. E disse ao merceeiro. Comprei um vidro desses aqui há muitos anos. Depois perdi a caneta-tinteiro. Hoje estava desemperrando uma gaveta da minha escrivadinha. A caneta-tinteiro estava dentro dela. Será que ainda funciona? Ao que o merceeiro respondeu:

— Também desemperréi uma gaveta e encontrei este vidro. Ainda está fechado. Leva pra você. Não sei se a tinta está boa. Depois você me conta.

— Daqui uma semana lhe conto.

— Dez dias, não? Você mudou sua rotina. Comentou o merceeiro, arriscando-se a contrariar o freguês metódico.



**Fernando Gimenez** é londrinense e professor universitário há 39 anos. Atualmente é professor da Universidade Federal do Paraná Criador e editor da Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo e da Revista Livre de Cinema. Em 2012, se tornou blogueiro em busca de um canal de expressão em que pudesse fugir do formalismo da escrita acadêmica. O prazer da escrita levou à publicação de livros de forma autônoma. Seus livros são de acesso público e gratuito em [issuu.com/fgimenez](http://issuu.com/fgimenez).

# CONTO IMAGINÁRIOS DO GATO PYN

POR FLÁVIO VIDIGAL GUIMARÃES

A CASA AZUL DA ALMA  
PARTE 2



**Conto****Continuando o texto anterior...**

**M**ayaninha com a voz respeitosa e formal, disse:

— Desejo conhecer os valores de meus ancestrais...

A Letra guardiã expressou de modo irritada e de tom de voz desprezível:

— Vocês dois, dão a impressão de dois curiosos inoportunos e inúteis!

Avisamos que aqui neste Reino da “CASA AZUL” somente pode conhecer e caminhar nas dependências da casa se adaptar ao nosso modo de pensar o absoluto, ou seja, tem que ter algo com o “absoluto” se tiver a letra “A” no início de uma palavra no nome, coisas, ideias e fatos.

Ficai sabendo que os antigos ancestrais tinham o “absoluto” e tudo tinha uma finalidade, ou seja, ter uma utilidade de louvar e de agradecer a vida, a tribo e os Deuses!

Vocês do mundo utilitários, são tratados como mercadorias lá no mundo real e também todos objetos são para uso vendável.

Já aqui na Casa Azul, tudo é diferente...

Aqui trabalharemos para ser úteis ao absoluto!

Tudo para desconstruir o que vem da linguagem de vocês, do mundo material, onde não se tem cuidados reais para com os seres da natureza.

Portanto, avisamos que os inúteis do mundo real, aqui na casa Azul, tem que deixar suas ideias do mundo material, real, das utilidades e das mudanças e acatar as obediências do mundo do absoluto das letras daqui do Reino da Casa Azul.

Entendido?

Mayaninha depois de ter ouvido tais afirmações disse em tom confiante:

— Sim, se for para conhecer a Casa Azul, tudo bem. Mas afirmo que eu e meu amigo Gato Pyn não somos inúteis! Não tratamos a natureza mal. Por que pensa assim?

Depois que Mayaninha disse aquelas palavras a guardiã “A” disse em tom firme, mas sereno e objetivo:

— Minha pequena, aqui no Reino da Casa Azul, não és permitido falar assim. Antes, deveria se apresentar e depois retirar a primeira letra de teu nome, no caso a Letra “M” e com isso, passa a se chamar de” Ayninha.”

Ao ouvi tais afirmações da guardiã A, Mayaninha e Gato Pyn, tentaram se conter, não conseguindo, sorriram, o que deixou a guardiã irritada.

E Mayaninha perguntou:

Mas por que a gramática não é levada a sério aqui?

Não se deve ter a Letra A de forma absoluta.

A letra “A” ao ouvir tais palavras, não pode evitar que a raiva se apoderasse de si e disse em tom de ordem:

Aqui, não existe gramática como você pensa! Não tem nada a ver com o teu mundo real. E que fique claro: obedeça ao procedimento das normas desse Reino da Casa Azul! A primeira letra de teu nome pessoal não existe mais! Entendido?

— Sim — respondeu Mayaninha.

Com a semelhante reação do Gato Pyn, percebendo que eles não tinham escolha, tiveram que acatar as ordens da guardiã “A”.

Gato Pyn, não estava nada satisfeito com essa estranha sensação de perder a Letra G de seu nome, e que agora tinha que acostumar-se a ser chamado de “Ato Pyn”.

— Poxa, logo agora vou ter que ouvir meu nome de forma diferente. Será que os nossos ancestrais tinham a mania de falar dessa forma?

A guardiã “A” percebeu os pensamentos das queixas do Gato Pyn, indiferente e não dando respostas aos dois, em seguida, entregou os dois a uma outra guardiã, agora do grupo “B” e ela levou eles a área de um imenso jardim.

Aos poucos, Gato Pyn e Mayaninha, foram se deparando com as primeiras impressões e lá eles foram advertidos a não fazerem nenhum movimento brusco, pois os seres e as plantas do jardim são muito sensíveis.

Ao chegarem numa determinada área do jardim, chamada de “Lugar da Beatitude”, notaram que era composta de muitas rosas brancas, de aparência de cristais e, aos poucos, a guardiã “B” representou eles ao anjo da letra “B” da palavra “Beatitude” e Mayaninha logo ao vê-lo, teve boas impressões, encantando-se com a bonita “Beatitude”. Já o Gato Pyn se mantinha quieto, reservado e atento.

Beatitude, olhando fixamente os dois, com ar de leveza, fez algumas perguntas:

— Vocês estão dispostos a deixarem aqui os seus antigos hábitos de seus sentidos sensoriais egoístas?

Desejam realmente conhecer as dependências e as belezas, as riquezas e a sabedoria daqui da “Casa Azul”? Para isso, terão que somente usar os seus sentidos internos, ou seja, os seus sentidos subjetivos extra-sensoriais.

Aos ouvirem as questões, Gato Pyn e Mayaninha foram afetados pelas estranhas sensações internas.

Eles não se sentiam bem em ter que renunciar aos hábitos anteriores. Eles não faziam a menor ideia de como era possível usar somente os sentidos interiores.

Mas depois de um breve silêncio, Gato Pyn e Mayaninha foram convertidos pela Palavra “Beatitude “ a prosseguir na caminhada no interior misterioso daquela “Casa Azul“ dos Ancestrais.



**Flávio Vidigal Guimarães.** É poeta, escritor, artista plástico, deficiente auditivo, dedica seu tempo em escrever no Facebook e no Instagram, é aqui na revista “Conexão Literatura “. Tem formação em Teologia e Educação Social, mora em Parintins, cidade do interior do Amazonas.

# CONTO: A TRAVESSIA

POR GILMAR DUARTE ROCHA



**Conto**

Ismael a muito custo conseguira voltar à margem do caudaloso rio D'alma. Era meio dia e sol a pino torrava os miolos de qualquer ser vivente naquele meio de mato. A temperatura dobrava de intensidade e matava vivo qualquer ser que respirasse ao relento, o que demandava abrigo imediato debaixo de uma frondosa árvore, abundantes naquela região.

Ele saía de casa de manhã cedo, aproveitando a carona de barco de um pescador amigo de sua família de nome Antônio da Morte, que se mudara com a família para tentar a sorte na capital, distante seiscentos quilômetros de selva daquele mundo inóspito.

Ismael tinha quatorze anos. Menino, para o padrão burguês e pequeno-burguês das cidades e dos latifúndios; gente grande, mão de obra bruta e necessária para angariar recursos no caso de famílias carentes que habitavam aquela região ribeirinha. A situação específica de Ismael piorava porque a mãe, que mal passara dos trinta e poucos anos, contraía o Mal de Chagas e não tinha forças sequer para cuidar dos serviços básicos domésticos, como lavar roupa, passar e fazer comida. As suas irmãs menores, Maísa de 12 anos; Ana Flor, de 10, é que praticamente cuidavam dos afazeres domésticos da casa. Restava à mãe forças apenas para cuidar das hortaliças no quintal e vigiar os irmãos menores Samuel, de 8, Maria do Ó, de 6, e o pequeno Pedro José, de 3 anos. O seu pai, Otacílio, era um morto-vivo por assim dizer. Passava os dias escornado numa cadeira de rodas, cedida por um benevolente padre missionário, depois que fora acometido de um AVC de grandes proporções, deixando-o praticamente em estado tetraplégico, quase um vegetal, demandando os cuidados e a atenção onipresente da irmã mais velha, Ira, de 16 anos.

Ismael era, por conseguinte, o esteio e o arrimo da família. Todo santo sábado tinha que atravessar o rio D'alma; andar quase quinze quilômetros e vender na feira de Bom Despacho, um arrabalde de pouco mais de mil habitantes, dez ou doze quilos de mirtilo (blueberry), uma fruta rara na região, mas que prosperava com fertilidade no âmbito da pequena propriedade deles. Era uma dádiva, pois o mirtilo era a fruta mais cara do mercado de Bom Despacho e geralmente era revendida para consumo de famílias mais abastadas na capital.

Ismael levava de manhã cedo o cesto de mirtilo nas costas; vendera-os em questão de uma hora no mercado; com o dinheiro auferido, comprava uma cesta básica de alimentos; alguns biscoitos; remédios genéricos para os pais; colocava tudo no cesto que trouxera o mirtilo e voltava para casa, caminhando, carregando o fardo nas costas (que agora pesava o dobro) por volta das 10 horas. Geralmente alcançava a margem do rio D'Alma às 12 em ponto, como foi naquele dia.

Acontecia que em tempos de chuva, os rios da região, principalmente o rio D'Alma, cresciam e transbordavam. Logo, nessa época de cheia, Ismael não podia usar a sua pequena e frágil canoa para fazer a travessia da sua casa (que ficava na margem oposta



do rio). Dependia sempre de carona de algum vizinho, que geralmente possuíam embarcações de maior calado.

Vinte minutos de espera embaixo de um pé de um jequitibá-rosa, eis que apareceu Simeão, um sujeito de comportamento esquisito, que sempre precisara da ajuda do seu pai enquanto este tinha vida plena e saudável, mas que, ultimamente, afastava-se inexplicavelmente da sua família. Viu que o homem e mais dois filhos adolescentes se encaminhavam para a clareira onde os ribeirinhos do lado oposto guardavam os barcos em época de cheia e perguntou:

— Seu Simeão, hoje não pude atravessar com a minha canoa. Daria para senhor me dar uma vaga no seu barco?

Simeão, um campônio alto, magro, de cabelos longos e desgrenhados, de barbas compridas e sobranceiras fartas, que escondiam os olhos fugidios e sombrios, mal virou o rosto para Ismael e respondeu:

— Trouxe carga demais hoje, rapaz. O barco está pesado e o rio está perigoso. A correnteza aumentou. Não está vendo? Espere o próximo barqueiro.

Ismael abaixou a cabeça e se resignou. Olhou para o tronco improvisado para amarrar os barcos na clareira e viu que só restavam duas embarcações. Iria esperar a boa vontade daqueles barqueiros que iriam atravessar fatalmente o rio ainda naquela tarde. Assim ele esperava.

Passaram-se uma, duas horas e Ismael esperava sentado embaixo do jequitibá, pensando na vida e vendo as águas da margem do rio avançando e avançando. Aguardaria, renitente, a chegada de um filho de Deus.

De repente, colocou a mão no bolso da calça e retirou um pequeno pedaço de papel onde sua mãe havia rabiscado algumas garatujas, onde ela lembrava-o de que não poderia esquecer um remédio vital para a manutenção da vida de seu pai, remédio que o próprio Ismael havia esquecido de comprar na semana anterior, quando fora à feira.

Ele suou frio. Angustiado, abriu o cesto para se certificar de que havia comprado o medicamento. Havia. Respirou aliviado. O problema agora era realizar a travessia levando todos os mantimentos e os remédios de maneira intacta.

Apesar do calor infernal, conseguiu alguns minutos de sono e sonhos. Sonhava que um dia seria dono de uma mercearia na capital, que teria um barco do tamanho de um navio, que conseguiria comprar livros para conhecer muitas coisas da vida, que moraria numa ampla casa de veraneio à beira da foz do rio D'alma, e que colocaria todas as suas irmãs na escola...

Fora interrompido dos sonhos idílicos pelo barulho do trote de cavalos que chegavam à beira do rio. Desceram das montarias de aluguel um senhor conhecido e o seu ajudante. O homem de fartas banhas, conhecido pelo nome de pastor Everaldo, que chegara recentemente à região pobre, sem dinheiro e sem posses, mas que conseguira prosperar à custa de ajuda e dízimos em troca da pregação esporádica da palavra sagrada

ao campesinos ribeirinhos. Sim, seria ele, o cristão, o homem que difundia a palavra do Senhor e que não poderia lhe negar o transporte através das águas turbulentas.

Com a ajuda dos tropeiros, o sacro homem gordo transportava fardos e fardos de mantimento para a sua embarcação de grande calão, a maior das duas que restavam estacionadas.

Com a ajuda dos tropeiros e do ajudante, Everaldo colocou o grande barco à beira do rio. Foi nessa hora que Ismael, que se mantinha um pouco à distância, se aproximou do pastor e suplicou:

— Pastor Everaldo, sou Ismael, filho de Otacílio, o inválido. Eu preciso apenas de um pequeno espaço em seu barco para atravessar o rio e levar mantimento e remédios que o meu pai está carecendo

O homem abundante olhou o rapaz com os olhos atravessados e devolveu:

— Sinto muito, garoto. O rio está perigoso hoje e não posso correr o risco de desperdiçar os mantimentos dos nossos cristãos que se abrigam na minha fazenda. O nosso peso já é o suficiente.

O homem das palavras sagradas virou às costas ao pobre rapaz e ordenou que os tropeiros empurrassem o barco rio abaixo.

Veio então à mente de Ismael as palavras que aquele homem sempre repetia nos seus sermões, como: “De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo? Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se’, sem porém lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta.”, palavras do evangelista Tiago.

Ismael acreditava nas palavras da salvação. Estava cada vez mais convicto que essas palavras eram sábias e que elas faziam efeito na boca de quem tinha fé e que ele era um rapaz de fé. Iria esperar o dono do último barco que restava estacionado no mourão da clareira.

Entre a fé e a esperança existe algo chamado desespero. Algo imensurável, humano, às vezes, incontrolável. A tarde se esvaía; as horas passavam; o sol começava a se esconder no horizonte se despedindo com o lançamento de raios e luzes de cor alaranjada ao longo do curso do imenso rio. A noite abria o seu manto de ébano.

Ismael tinha tudo para se desesperar, mas lembrando-se das palavras da salvação, que foram passadas para a família deles justamente através do insensível pastor Everaldo, ele persistiu orando e torcendo para que o dono do último barco surgisse logo, pois à noite, em breu, era praticamente impossível realizar a travessia do grande rio revolto e seu pai, sem o remédio, dificilmente veria o sol do dia seguinte.

Cerca de seis, seis e dez da tarde/noite, ele ouviu tiros e gritos. Ismael procurou uma outra árvore mais próxima e se escondeu atrás de um tronco. Os tiros chegaram

perto e ele viu um mulato barbudo, desconhecido na região, correndo desesperado na direção do rio.

— Atirem — gritou uma voz grave. — Antes que ele entre no rio.

Assim que o barbudo fugitivo pisou o pé na água, um balaço atingiu as suas costas e ele desabou na sequência à beira d'água.

— Pegamos o bandido — essas palavras foram proferidas por um policial conhecido de Ismael, que observava todo o movimento, escondido atrás da árvore. Ele percebeu que o policial era o chefe de polícia de Bom Despacho. Após abaterem o bandido, o policial deu ordem aos dois recrutas que o acompanhavam:

— Amarrem uma corda nos pés desse miserável. Vamos arrastá-lo até Bom Despacho. É a última vez que ele ataca gente trabalhadora como o velho Atanásio da Paz. O pobre do velho foi transportado para a capital. O ferimento foi grave.

Os policiais foram embora arrastando o bandido morto.

A noite avançava. Quando notou que os policiais se foram, Ismael saiu do seu esconderijo e ficou matutando sobre o nome Atanásio da Paz. Um estalo, então, um clarão veio à sua cabeça: Atanásio da Paz era um comerciante de açaí que socorreu várias vezes o seu pai — financeiramente — no tempo em que seu pai estava bem de saúde.

Outro estalo, outro clarão, que parece ter vindo direto do céu, que principiava a ficar estrelado. Foi correndo até a clareira e passou vistas no último barco que restava atravessar o rio e que o dono ainda não havia aparecido.

Ismael de não saber ler, mas sabia as letras do alfabeto e sabia soletrar alguma coisa. Correu os olhos curiosos e viu 4 letras garrafais (a primeira seguida por um ponto) pintadas em negro no costado do barco de cor branca:

A.PAZ

— A. A. Pê a pa – paz. Paz. Esse é o barco do senhor Atanásio da Paz, que mora no Vale do Açaí, três quilômetros depois de nossa casa. Vou levar o barco para a família dele e avisar que ele está ferido e que foi levado para um hospital na capital.

\*\*\*

Um barco de cor branca, bom, potente, de quatro remos, mais só dois eram usados naquele princípio de noite atravessava, sem muita dificuldade, apesar da forte correnteza. Na travessia, Ismael não levava apenas mantimentos, remédios, notícias para a outra margem do rio: levava consigo fé e esperança.

**Gilmar Duarte Rocha**, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.

# CONTO: CONVERSA DE COVEIRO

POR IDICAMPOS



## Conto

---

**C**onversa de coveiro

Ui! Ui! Uiii... Ui! Ui! Uiii... Ui! Ui! Uiii...

Os moradores perdiam o sono, reféns dos gritos alucinantes, no início do dia, nas mediações do Cemitério da Solidão; lá as almas cansadas de Belford Roxo descansam...

O assunto tomou fôlego, quando o coveiro do cemitério iniciou a contação do caso. Diz o cavador de buracos:

— Reza a lenda de joelhos: a história do grito na alvorada...

Os defuntos tagarelam na madrugada, comentam distantes de nós, a trajetória de suas vidas, tendo os ouvidos atentos dos funcionários do cemitério como testemunha.

O ancião, aposentado no INSS, traz registrado na carteira de trabalho os trinta e cinco anos de exercício da profissão de coveiro.

O homem calejado das marcas de sepultamento relata os fatos, precisamente.

Os anos 70 (continua ele) começaram de botinas pretas, com os direitos individuais suprimidos no Brasil. Neste cenário surge Vigília, menina de pouca educação, protagonista do próprio prazer, feminista arretada, cruzou a língua com a totalidade da galera da “rua do meio”.

Naquela rua aconteceu parte significativa da história do hoje município de Belford Roxo, Baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro.

Vigília Mendonça de Carvalho estampava uma beleza incomum, decorada por olhos tipo jabuticaba, exibia um corpo escultural, despertava o pecado — um atentado à moral — paraíso da imaginação da garotada...

A danada constituiu matrimônio com José Tarde, senador da república, político biônico, empossado pela ditadura militar, sem nenhum voto; fruto de interesses jamais revelados...

O velho senador da ARENA (Aliança Renovadora Nacional) estava mais pra lá do que pra cá, mas moralista, dizia:

— Mulher é propriedade particular!

O Estado brasileiro durante quase duas décadas, os anos de chumbo, instituiu o bipartidarismo: contando com o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), oposição e a ARENA, situação.

A esposa do político arenista praticava o orgasmo no chuveiro quente, saía na mão, viajava na maionese...

Vigília virou senhora distinta, casada, nunca havia traído o marido; até o fatídico dia do enterro do prefeito de Nova Iguaçu. Onde se apaixonou pelo jovem coveiro do Cemitério da Solidão; encontrara a alma gêmea, a banda da laranja, a cara metade. O bonitão, digno de modelo de filme de terror, enfeitiçou a fêmea carente.

O galã fez do romance um trampolim pra classe média, deitou na sopa, só andava de roupa de marca, todo engomadinho; vivia feliz com os presentes da bela namorada.

Ao nascimento do Sol, bem cedo, o marido dirigia-se ao escritório. A adúltera aproveitava para amanhecer nos braços do guardião dos espíritos. As catacumbas presenciavam o sexo sem limites, embalado pelos gritos de Vigília: — Ui! Ui! Uiii... Ui! Ui! Uiii... Ui! Ui! Uiii...

O romance terminou, com um suposto suicídio dela, na banheira da mansão do senador; situada na Rocha Carvalho, famosa “rua do meio”.

O esposo, sabido do adultério, mandou enforcar o amante na jaqueira; aquela do lado direito da capela, logo na entrada do cemitério.

A corda, enrolada no pescoço do moço, quebrou o ápice da coluna vertebral, arremessou os olhos fora da face; exibindo sinais típicos de tortura: prática comum da administração fascista da época.

A vidente, no velório de Vigília de Carvalho Tarde, revelou uma visão dos amantes: via-os abraçados, escorregando na rampa da morte, em direção ao inferno...

O idoso coveiro escutado, atentamente, pelos vizinhos do Cemitério da Solidão, concluía a história romântica; abrindo as cortinas do mistério do grito na alvorada...

Ui! Ui! Uiii... Ui! Ui! Uiii... Ui! Ui! Uiii...

**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

# CONTO: ALEXIA E O ENIGMA DO TEMPO

POR LÚCIA LEBRE

CONTO EPISTOLAR



**Conto**

Festo, Ilha de Creta. Grécia. Ano 1920.

**S**ou Alexia Deskalakis. Pesquisadora arqueológica, nascida em Festo, Ilha de Creta, Grécia. Tenho 30 anos de idade. Sobre a minha cidade paira um mistério, pois nunca conseguiram descobrir, exatamente, o que significam os elementos esculpidos, em argila, na forma de um disco encontrado nos destroços do Palácio de Festo após um terrível terremoto há muito tempo ocorrido. Em 1908, o arqueólogo italiano, Luigi Pernier fazia escavações nas ruínas do palácio, quando encontrou o objeto. Esse fato sempre deixou a maioria da população curiosa, pois diante de tanta evolução, como ninguém conseguiu desvendar tais signos? Várias tentativas foram feitas, mas todas sem fundamentos científicos. Fiz desse fato um propósito de vida e algo me diz que não fazendo isso, não serei verdadeira, então irei até às últimas consequências para decifrar cada um desses pedacinhos, todos, alinhados em sentido horário. Além do meu forte interesse pela arqueologia sinto-me capaz de tal feito.

Museu de Heráklion, Ilha de Creta

Ver de perto aquele objeto tornou-se, para mim, uma obsessão e não sei exatamente o motivo. A viagem até a cidade vizinha não foi cansativa. Detive-me às minhas anotações, durante o percurso, acrescentando diversos tópicos relacionados a antigas pesquisas. Muitas lacunas precisavam ser preenchidas e por mais que eu me dedicasse continuava sem respostas sobre o misterioso disco e esse foi o motivo que me levou ao Museu de Heráklion onde o objeto encontrava-se exposto.

Cheguei ao meu destino quase na hora do encerramento da visitação, mas pelas indicações recebidas logo na entrada consegui acessar o local onde estava o alvo da minha admiração. Ao deparar-me com ele nem percebi que do outro lado havia uma pessoa; eu estava tão impactada pelo disco, que me assustei quando um homem se aproximou de mim e disse: - Fantástico não é mesmo? – Não havia um motivo específico, mas tive uma sensação estranha ao ouvir aquela voz enigmática. Olhei para ele e com um, leve, aceno concordei com a sua colocação; afastei-me para melhor observar o objeto por um outro ângulo e fazer anotações. Levantando os olhos da minha caderneta vi que o mesmo homem estava com uma câmera e que havia tirado uma foto minha junto ao disco. Intrigada segui em sua direção, mas ele sumiu junto aos outros visitantes do museu deixando-me preocupada e, ao mesmo tempo, curiosa.

Pernoitei em Hiráklion e logo ao amanhecer segui para o museu e dessa vez também munida da minha câmera fotográfica e disposta a reencontrar, se possível, aquele homem do dia anterior. Fiquei atenta ao percorrer o trajeto até o disco, pois, naquele horário, havia poucos visitantes e isso de certa forma era um ponto ao meu favor porque poderia observar todo o espaço livremente. Voltei a minha atenção para o objeto e verifiquei alguns detalhes que passaram despercebidos no dia anterior, anotei-os cada vez mais impressionada e determinada a descobrir o quê ou quem aqueles signos representavam. Não sei, exatamente, quanto tempo fiquei ali trabalhando, mas aquela



voz, novamente, veio me tirar do foco e ao olhar para o lado deparei-me com o homem já mencionado. Não prestei muita atenção ao que ele falou e imediatamente fiz a minha pergunta. – O seu interesse por esse objeto também é científico? – Ele encarou-me e pude perceber sinceridade em seu olhar. Apresentou-se a mim como Héktor Katsaros.

Rethymnon, Ilha de Creta. Grécia

Héktor Katsaros é museólogo, nascido em Rethymnon, Ilha de Creta. Grécia. Idade, aproximada, 35 anos. Embora resida em outra cidade, responde pela administração do Museu Arqueológico de Heráklion e, como eu, mantém interesse quanto ao Disco de Festo. Há muito tempo estuda, por curiosidade, o objeto; contudo sempre esbarra em signos confusos que o impede de seguir adiante. Ficou constrangido quando lhe perguntei sobre a foto do dia anterior, porém mostrou-se compreensivo com a minha observação e desculpando-se disse que muitas pessoas aproximam-se do disco com ares suspeitos e, por esse motivo, registra certos visitantes com fotos por precaução, mas no meu caso admitiu que sentiu-se atraído pelo meu comportamento diante do disco. A resposta não me convenceu muito, mas dei a ele a chance de conhecê-lo melhor.

Arquivos do Museu Arqueológico

Minhas reservas em relação a Héktor foram, aos poucos, se dissipando e fui convencida de que sua aproximação me seria muito benéfica, pois sendo administrador do museu poderia oferecer-me acesso, quem sabe, a documentos associados à minha pesquisa. Não estava enganada. Nos dias subsequentes o meu mais recente conhecido liberou a minha entrada a uma sala onde determinados arquivos eram restritos inclusive as suas próprias anotações sobre o referido objeto estavam ali trancadas. Iniciei uma busca incessante e à medida que me aprofundava naqueles manuscritos mais surpresa eu ficava, pois ficou claro que a inscrição no disco deveria ser decodificada de fora para dentro levando a várias interpretações impedindo, assim, o avanço do trabalho. Foram dias e dias de estudo, de anotações e referências; aquela sala passou a ser o meu habitat e vez por outra visitava o local onde o disco fora encontrado. Precisava sentir a energia daquele lugar.

Destroços do Palácio de Festo

Apesar de residir em Festo eu andava por aquelas ruínas como uma, arqueóloga, turista para poder ver com outros olhos todo aquele mistério, tentar intensificar o que já conhecia a respeito daquele ambiente e acrescentar ao que já havia encontrado sobre o disco. Foi em uma dessas visitas que me senti, mais uma vez, observada. Preocupada e com um pressentimento não muito bom resolvi voltar para casa seguindo por outro caminho, entretanto ouvia passos atrás de mim. Acelerei, mas minhas pernas pareciam não responder ao meu comando, acabei por perder as forças e tropecei. Foi então que vi dois homens se aproximando. Um pegou-me pelo braço, enquanto o outro vasculhava a minha bolsa. Desesperada, perguntei o que estava acontecendo, porém obtive como

resposta um, profundo, silêncio e olhares perversos. A bolsa foi jogada ao chão e sem falarem, absolutamente, nada seguiram em direção oposta à minha.

Perplexa, peguei a bolsa e alguns objetos que ficaram espalhados e só então dei falta da caderneta. A minha sorte é que eu a tinha comprado recentemente porque a outra havia acabado, portanto apenas poucos tópicos foram nela lançados para posteriores pesquisas, mas ainda assim eu estava em pânico. Ao chegar em casa tentei uma ligação para o Héktor antes de me dirigir às autoridades e registrar o ocorrido.

### Incógnita no Museu

Ao ligar para o museu, para falar com o administrador, uma voz grave do outro lado da linha disse-me que Héktor não poderia atender, pois não se encontrava no local. Perguntei se ele retornaria ainda naquele dia e apenas ouvi o desligar do telefone. Contudo achei melhor tentar relaxar e na manhã seguinte parti para Heráklion. De posse de uma nova caderneta transcrevi para ela os tópicos que foram levados fazendo algumas alterações necessárias. Encaminhei-me para o local onde estava o objeto de estudo e percebi a presença de alguns homens em torno dele. Minha aproximação os fez movimentarem-se de forma a proteger o disco. Estranhei aquele comportamento, mas nesse momento o administrador apareceu e com um sinal os vigilantes recuaram, mas permaneceram, ali, atentos. Disse-me, discretamente, que eram ordens do diretor do museu.

Em uma breve narrativa contei a Héktor o acontecido no dia anterior e ele, intrigado, pediu que o acompanhasse. Encaminhamo-nos à sala restrita e continuamos o assunto. Ele me perguntou o porquê de não ter entrado em contato logo após o incidente. Falei sobre o acontecido durante a ligação e a sua reação foi de espanto, pois ele acrescentou que não se ausentou do museu em nenhum momento. Desconfiado pediu-me para, mais uma vez, descrever a voz que atendeu o telefonema e assim o fiz. Pálido pediu-me que o aguardasse e se retirou. Para aproveitar o tempo recomencei os trabalhos de pesquisa nos arquivos que me foram permitidos acessar e ao tentar abrir uma das gavetas ela travou. Resolvi puxar a gaveta seguinte e consegui abrí-la. Curvei-me, olhei por baixo a anterior e notei que alguns rolinhos de papel, com aparência muito antiga, estavam quase que escondidos e travando a sua abertura. Empurrei o fundo da gaveta para cima e os papéis caíram. Peguei-os e ao abrí-los um arrepio percorreu todo o meu corpo, sentei-me e por mais que eu olhasse para aqueles documentos ainda não acreditava. Eram esboços do Disco de Festo, meticulosamente traçados e com inúmeras anotações, mas quase todos os segmentos pareciam incompletos. O que pude perceber é que não tiveram tempo hábil para terminar a pesquisa ou foram obrigados a abandoná-la. De imediato veio à minha mente aquele incidente do dia anterior. Será que eu estaria entrando em um campo adverso?

### Decodificando ideogramas

Com a demora de Héktor tive tempo para me recompor e fotografar aqueles manuscritos encontrados. Devolvendo-os ao local de origem, comecei por traçar

parâmetros entre as minhas anotações e a recente descoberta, porém ao ouvir passos guardei imediatamente a câmera e fiquei, apenas escrevendo. Decidi não comentar nada a respeito dos documentos com o administrador, pois ao retornar seu rosto transmitia raiva e nervosismo. Ele não quis entrar em detalhes, mas sua voz enigmática deixava transparecer apreensão em relação ao que me aconteceu. Aconselhou-me a ficar alerta e não visitar, sozinha, as ruínas de Festo. Perguntei o porquê da observação, porém ele apenas pediu que eu colaborasse e que não fizesse o registro do incidente às autoridades, pois mais adiante ele explicaria melhor. Muito tensa retornei a Festo.

Depois de um banho relaxante e comer alguma coisa abri a câmera e analisei demoradamente cada fotografia. Em minhas pesquisas já havia descoberto que o disco é uma peça que foi produzida pela civilização creto-minóica, entre os anos de 1,900 a.C. e 1.450 a.C. Os símbolos são agrupados e separados por uma barra, então pressupõe-se que cada grupo corresponda a uma palavra ou frase. Diante dessa constatação iniciei a decodificação de cada signo linguístico e a partir daí extraí o seu significante e cheguei ao significado; posso dizer que essa busca foi estafante, entretanto a cada decifração meus batimentos cardíacos aceleravam e pude entender que a minha missão seria concluída. A madrugada já havia avançado e acabei por adormecer em cima das pesquisas.

Os raios de sol invadiram o espaço lembrando-me de que o trabalho estava me aguardando, lavei o rosto e, embora ainda cansada, reiniciei. As horas voavam e quase ao final da tarde Héktor me fez uma ligação e parecia aflito. Disse que precisava, urgentemente, falar comigo, porém não quis adiantar o assunto; apenas perguntou se ele poderia vir encontrar-se comigo, aqui, em Festo. Concordei, mas senti um incômodo inesplicável. Fui encontrar-me com ele no horário e local marcado, pois embora confiasse nele não seria conveniente levá-lo à minha casa. Não me enganei sobre a sua aflição, afinal suas primeiras palavras foram: - Desista da pesquisa ou vá para bem longe daqui. - Sem conseguir entender, perguntei-lhe o motivo e a sua resposta saiu em um sussurro: - O diretor do museu, Panagiota Rethemiotaki, está envolvido no incidente ocorrido com você e foi ele quem atendeu a sua ligação impedindo-a de falar comigo. Há muito tempo ele vem tentando obter, de forma ilícita, a decodificação do Disco de Festo e esse foi um dos motivos pelo qual não dei segmento aos meus estudos, desconfiava das suas perguntas e insistências em ver meus escritos. - Pela primeira vez ouvi Héktor pronunciar o meu nome. - Alexia trouxe comigo os meus apontamentos sobre o disco e pode fazer uso deles se for de seu interesse.

Ao entregar-me o envelope, muito discretamente, disse-me para ter cautela, pois ela estava sendo observada desde que ficou claro, para o diretor do museu, o seu interesse pelo objeto a ser decifrado. Panagiota Rethemiotaki sabe que quem desvendar esse mistério receberá uma belíssima quantia do governo e ele não está interessado na descoberta científica, mas nas moedas que ela representa.

Em casa abri o envelope e deparei-me com os documentos que havia encontrado na sala do museu. Realmente a minha intuição estava certa, pois de alguma forma Héktor interrompeu as pesquisas por insegurança. Além dos documentos havia um endereço e um bilhete que dizia: - Em caso de necessidade sinta-se à vontade para hospedar-se nesse local, é seguro. - Passei algum tempo meio atordoada, mas nada e nem ninguém me faria desistir do meu propósito.

Os esboços traçados por Héktor me ajudaram um pouco, mas eram muito primários diante do avanço das minhas pesquisas. No entanto serviram para que eu me deslocasse mais efetivamente na trajetória espiral do disco. O que me levou a um calendário antigo. Aos poucos fui percebendo que aqueles signos e seus significados levavam à Mitologia. É como se Cronos, senhor do tempo, em sua grandeza que pode ser medida por horas, minutos, dias, semanas, meses e anos chamasse por Kairós, aquele que representa o tempo que não pode ser cronometrado ou previsto, pois se trata da oportunidade. Era um chamado, em forma de hino, direcionado à contemplação convergindo toda a pressa humana para um foco. Como os dois lados do disco continham os símbolos, logo cada um desses lados representava um ser mítico e como as inscrições giravam em sentido horário o encontro deles teria que ser no centro e como um pêndulo esse calendário tinha o poder do equilíbrio entre o cronômetro e a oportunidade.

Mistério desvendado e uma grande perda.

Nesse momento estou péssima. Após a entrega do envelope, eu mantive contato com Héktor através de cartas, mas desde a última correspondência não obtive mais notícias dele e ninguém sabia onde ele se encontrava. Segui suas instruções e concluí minhas pesquisas no lugar indicado por ele, então resolvi acionar as autoridades e relatar tudo desde o início. Voltei a Festo sob proteção, fomos à minha casa e a encontramos toda revirada. Percorrendo os cômodos encontramos o corpo de Héktor, que parecia já estar ali por algum tempo. As autoridades presentes não me deixaram chegar mais próximo a ele, mas entregaram-me uma carta que estava em um bolso camuflado de sua roupa. Era a última correspondência que eu havia enviado a ele com o meu endereço de Festo.

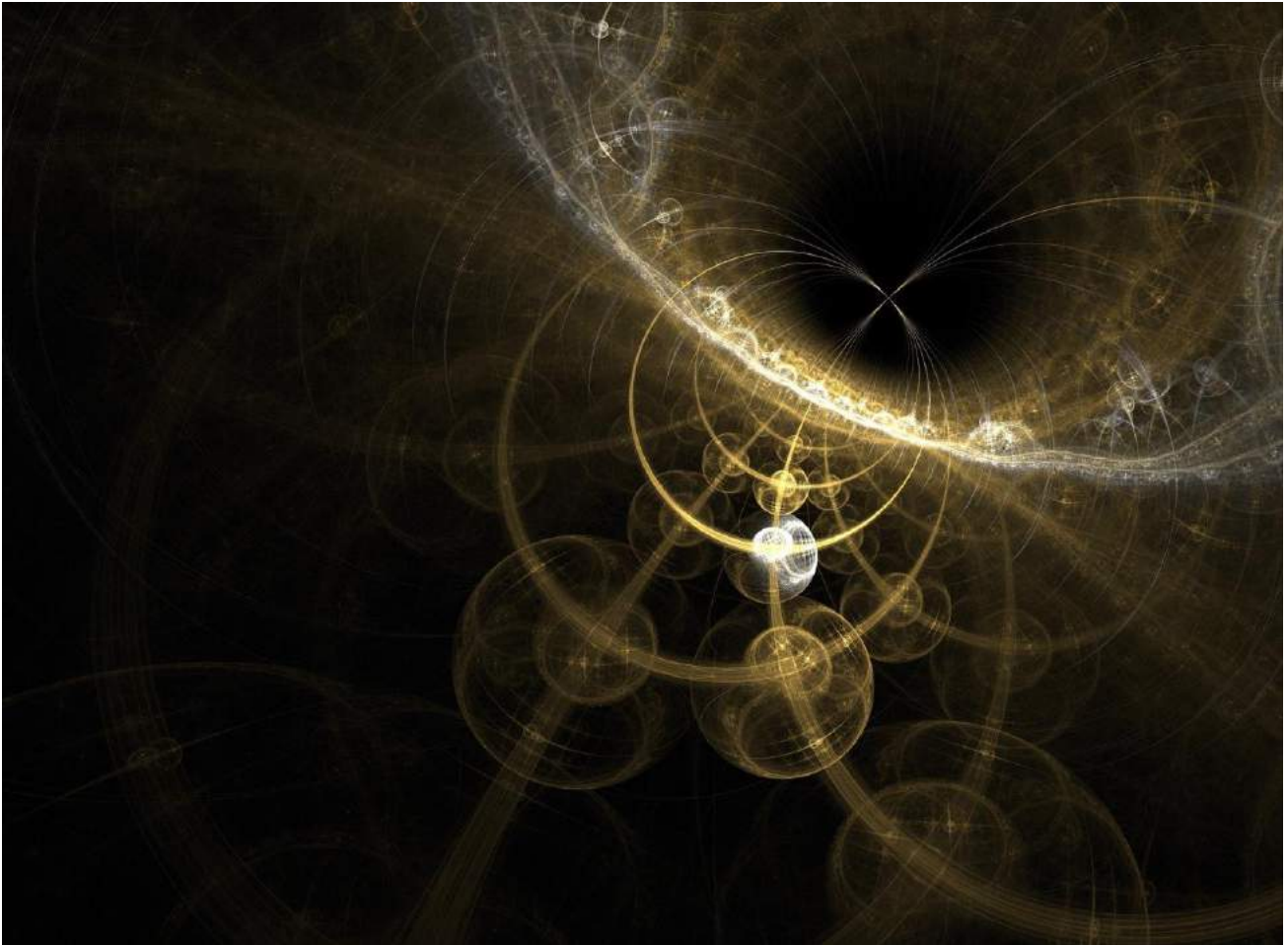
*Ilha de Creta, Festo. 1920*

*Héktor, meu grande amigo*

*O que estou prestes a contar-lhe deverá ficar entre nós até que tudo esteja, de fato, concluído. Mas devo alertá-lo de que dependendo dos resultados entraremos em uma nova Era. [...]*

Não consegui ler o restante, pois as lágrimas teimavam em precorrer a minha face abundantemente. Um dos presentes ajudou-me a sentar e pacientemente contou que sabiam o que estava acontecendo, pois Héktor havia feito a denúncia contra o diretor do museu. Ofereceram proteção, mas ele alegou não ser necessário. As investigações continuaram e, pelas indicações do meu bom amigo, sabiam que eu estava segura. Porém Héktor agiu impensadamente, quando resolveu ir, sozinho, até à minha casa para retirar qualquer pista sobre o direcionamento da pesquisa, pois ele sabia onde encontrar a chave. Infelizmente as autoridades não conseguiram impedir que fosse assassinado tão brutalmente. As notícias foram divulgadas. Panagiota Rethemiotaki foi preso e condenado junto com os seus cúmplices. Quanto a Héktor, o museu não é mais o mesmo sem a presença dele, mas a porta do local restrito recebeu uma placa onde está gravado “Sala Héktor Katsaros”.

Passado algum tempo a minha pesquisa foi reconhecida e registrada no meio arqueológico como Disco de Festo a nova Era. Também eu estou pronta para recomeçar quantas vezes forem necessárias e não é o ego que está falando mais alto, mas sim a força e a determinação, afinal sou Alexia Deskalakis a atual diretora do Museu Arqueológico de Heráklion.



**Lúcia Lebre** é professora de Língua Portuguesa e Literatura; pós-graduada em Gestão do Trabalho Pedagógico. Reside no Rio de Janeiro e o amor pelos livros a levou à escrita, Já participou de várias Antologias com os seguintes contos: "O Condado de Landon", "A Máscara da Tormenta", "Mademoiselle Chermont", "Anarina", "Aqueles Olhos Negros" e "Vida Efêmera".

# CONTO: O SÉTIMO SELO

POR LUIZ F. HAIML



**Conto**

---

Cheirava a cigarros. Muitos cigarros.

— Entra.

A claridade insuportável de uma tarde de verão que recém iniciava sumiu quando fechei a porta. A sirene de uma velha fábrica apitou a primeira hora.

Mergulhamos na sala grande, ampla, fresca e quase escura. Ela procurou o sofá laranja onde costumava sentar, não o achou. Havia sido trocado por outro não muito após sua partida. Eu busquei outro lugar. Posicionei-me ficando de lado para ela. Observei-a curvada, braços caídos sobre os joelhos, mãos cruzadas, dedos entrelaçados, roupas simples revelando-se folgadas e de um uso bastante contínuo.

— Você continua morando aqui?

Veio devagar a voz que, em outros tempos, chegava a mim sempre empolgada de ideias e curiosidades.

— Ainda.

Perscrutava o ambiente onde uma vez estivera.

— Sua mãe está?

— Saiu.

— Ela vai bem?

Olhou-me. Já não eram resplandcentes e motivadores os seus olhos, mas cavernas escuras pelas quais tentava vir à tona alguma luz. Seu sorriso, companheiro meu por vários dias da minha vida, não o achava mais em seu rosto, do qual a brejeirice e a estranha beleza também tinham se ido. Emagrecera. Sempre fui fisicamente de poucas carnes, mas a minha frente estava algo que se transformara num inquietante exagero de mim.

— Vai, vai bem, uma coisinha ou outra da idade.

— Será que demora?

— Acho que sim.

Ela então olhou para baixo, daí para a porta e disse:

— Eu casei.

— Pois é — mirei a porta também — eu não.

— Mas namorou? Tem filhos?

Tentou mostrar-se alegre. Percebi que perdera alguns dentes.

— Não.

— Faz quase trinta anos.

O sorriso ainda tentava vir.

— É, o tempo passa rápido.

— Tenho dois.

Olhava agora para o chão.

— Puxa.

— Um já vai fazer dezoito.

— E o pastor?

Agitou-se desprevenida com a súbita mudança de assunto.

— Não sei, voltei para minha terra quando o levaram.

— Foi uma pena.

— É, uma pessoa como ele.

— Pensava muito aquele cara, era muito inteligente!

O pastor já não morava em nossa cidade quando sua obsessão em decifrar o Apocalipse finalmente abriu-lhe os céus e os segredos dos sete selos, e ao enxergar o que tão incansavelmente buscava, enlouqueceu. Tiraram-lhe o púlpito, a família, levaram-no a tratamento e há tempos nada mais sabíamos dele.

Havia cigarras alucinadas lá fora.

Ela ainda não se recostara, as mãos retorciam-se, longas vagens eram seus dedos — eu sempre os vira assim, acho que é porque ela tinha vindo do interior, do campo, das colônias — e agitavam-se como que percorridos pelos vermes de uma vida que não almejava.

De repente fiquei com vergonha de mim. Envergonhei-me por estar em melhor aparência do que ela, por sermos ricos eu e minha mãe, e por ainda me achar a esmo pela luxuosa casa materna.

Troquei de sofá, aproximando-me de seu ser ainda não totalmente aniquilado. Parei o movimento de suas mãos com as minhas e naquele momento não respeitei sua aliança — para ambos, creio, ela não fez diferença — assim como não me importou sua boca profanada pelo cheiro do cigarro, por um hálito forjado na doença da tristeza.

Atravessei essas névoas em busca daquilo que queria ver ressuscitado, daquilo que acreditava ser capaz de trazer de volta à vida, daquilo que esperava não estar ainda totalmente perdido.

Passei meu braço em torno dela, que se refugiou em mim e então a busquei de novo, agora de modo mais urgente e completo. Isso talvez sanasse o meu remorso.

Porém, outra culpa havia, eu tratara com cruel indiferença sua irmã mais nova, mais bela, mais quieta, e que a substituíra em nossa casa.

Ela, a substituta, era silencioso fantasma, a quem eu tornava ainda mais invisível pelo total desprezo que lhe dispensava.

Eu não passava, na ocasião, de um adolescente, digo isso a mim mesmo até hoje, acreditando que tal pensamento um dia me convencerá e me libertará do que fiz, assim como tento crer que minhas atitudes tenham vindo de uma raiva inconsciente por ela ter deixado outra pessoa em seu lugar e voltado à casa do pastor, a pedido dele. Mas ela era mais velha e eu, um rapazinho; ficaria se eu lhe dissesse o que sentia?

Anos mais tarde soube que a irmã morrera, suicídio.

Antes de abrir a porta dei-lhe algum dinheiro, depois ela seguiu para dentro da algazarra febril das cigarras e seus contornos se consumiram na claridade ainda forte que diluía as coisas lá fora.

*Dedicado ao médico Fernando Neubarth*

**Luiz F. Haiml**, 56 anos, mora em Taquara (RS). Atualmente tem coluna (Haiml & etc.) no Jornal Panorama On-line, na qual escreve sobre assuntos diversos. Professor de Ensino Religioso e Literatura Brasileira, tem resultados positivos em vários concursos e antologias literários de gêneros e temas diversos.





**CONTO: ENTRE MUNDOS**  
POR MÍRIAM SANTIAGO

**Conto**

---

*Não estava cá nem lá, ou seja,  
Nem na terra ou no Céu  
E tamanha era a quantidade de seres  
que tramitavam no vácuo  
(Míriam Santiago)*

**H**á dois dias sem dormir direito em razão da enorme quantidade de serviço, assim como tantas pessoas também estão carregadas de atividades, principalmente as em home Office. Mas no meu caso era diferente, lidando com relatórios e números para atualização de uma agência de saúde, aprendi a me dedicar aos males e a importância de combater a doença do momento, a fazer parte dessa interminável guerra invisível, cuja “munição” é estar usando máscara, álcool em gel e ter higiene impecável lavando as mãos assim que tocar em algum objeto ou alimento que não faça parte de sua casa ou cozinha.

Ao redigir no final de junho de 2021, lá pelo dia 26, o número de mortes pela fatídica Covid-19 no mundo, não consegui prosseguir com o trabalho, fechando o notebook e encerrando as atividades assim que atualizado o site da agência.

O dia ficara pesado demais a suportar tantos zeros, milhões de pessoas sem rostos que entram para as estatísticas, assim como suas famílias que padecem aumentando diariamente os números da morte, da carga negativa que ronda por todos os lados. E essa doença não escolhe situação financeira, cor de pele ou sexualidade, tão pouco, a idade do corpo físico, apenas àqueles que não possuem grande imunidade ou que não seguem os protocolos de combate; tão simples de entender e de cumprir, mas as pessoas complicam. E nesse dilema adormeci com o rosto em cima da mesa de trabalho, vencida pelo cansaço mental.

Em algum momento do descanso sonhei ou acordei para me dirigir à minha cama, cambaleando pelo corredor do pequeno apartamento de um quarto localizado no Jardim da Saúde, em São Paulo, quando me deparei com três portas. Esfreguei os olhos sem saber o que acontecia, já que no corredor apenas duas portas me conduzia a algum lugar, ao quarto ou banheiro.

E num impulso, apenas seguindo o instinto da curiosidade, tomei coragem me dirigindo à terceira maçaneta, ao abaixá-la, a porta se abriu...

\*\*\*

Já não estava mais dentro de um quarto, meu sentimento naquele momento fazia parte do Universo, daqueles inúmeros pontos brilhantes no céu; e eram centenas, milhares. Com o corpo leve fui sendo absorvida e fui deixando o espaço físico do apartamento. De poucos metros acima observei meu corpo imóvel, os braços estendidos na mesa de trabalho, e mesmo assim, não tive medo, sendo conduzida lentamente para a vastidão que mantinha a órbita da Terra.

E assim que meu corpo era guiado cada vez mais para cima, os pontos brilhantes iam ficando um pouco maiores de tamanho e de quantidade. E subi muito. Lá do alto não conseguia ver muita coisa da superfície, já que ultrapassara as nuvens do céu. Subi mais um pouco e senti que naquele momento podia conduzir meu corpo me deslocando para onde quisesse. E fiquei observando todas aquelas luzes em volta da Terra, como se o planeta estivesse envolto por um manto brilhante. Intrigada com tudo aquilo, fui me dirigindo para tentar saber o que era, me envolvendo a tal ponto que agora tinha uma nítida visão, e quanto mais conseguia chegar perto, mais e mais os rostos e corpos apareciam diante de meus olhos, eram milhares! E mergulhando mais naquela loucura, entendi que eram as vítimas da Covid-19!

Então me veio à mente números e gráficos de pessoas que ontem levavam a vida saudavelmente, e hoje enterravam seu corpo físico para fazerem parte de estatísticas. Eram rostos sofridos e amargurados e “presos” aos sentimentos familiares, a todas as pessoas que perderam seus entes queridos e amigos e não conseguiam partir, presos entre mundos não sabiam o que fazer.

Quanto mais os familiares sofriam com a perda, a energia pesada que circundava ao redor do planeta aumentava. Foi quando um feixe de luz penetrou aquela escuridão de sofrimento e foi ampliando, dando rumo a todos os espíritos, impulsionando-os cada vez mais para cima até que os perdi de vista.

Vi também ao me aproximar da superfície, familiares das vítimas enxugarem as lágrimas dos rostos libertando-se com amor do sofrimento, da perda, deixando apenas as boas recordações fluírem em seus corações.

\*\*\*

Já eram quase nove horas da manhã quando despertei. Estava atrasada para trabalhar, mas me sentindo mais leve.

Do que vivi na noite anterior, aos poucos as lembranças foram se dissipando ao vento e antes que me esquecesse, purifiquei os ambientes com aromatizante de alecrim deixando entrar boas vibrações, me despedindo do apego e da tristeza de amigos que também se foram por conta dessa doença.

**Miriam Santiago:** jornalista - atua em Assessoria de Comunicação - e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, porém, sua predileção é o fantástico. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog:  
<http://miriammorganuns.blogspot.com>  
 Contato: [miriammorganuns@hotmail.com](mailto:miriammorganuns@hotmail.com).



# CONTO: O CAMINHO DAS POÇAS D'ÁGUA

POR MOLLERO TOMÉ

**Conto**

---

**L**á pelos lados da costa sul do litoral norte de São Paulo, existe uma praia quase deserta, na planície do mangue, onde poucas ruas foram abertas na areia pelos caiçaras, distante das montanhas, antes do rio que separava as terras da aldeia indígena com as da vila, aos pés da serra do mar. As poucas casas existentes nessa vila na sua grande maioria eram casas de veraneio, ocupadas somente nas férias, feriados ou finais de semana por famílias da cidade grande e as outras eram residências dos caiçaras, que viviam da pesca e cultivo de bananeiras.

Foi em uma dessas casas, na esquina da rua leste com a rua principal e que levava á ponte para a aldeia indígena, que um garotinho viveria uma das aventuras mais espetaculares de sua vida.

Nas férias escolares muita gente seguia para o litoral, os que não tinham casa, acampavam na praia, as crianças se misturavam e brincavam livremente nas ruas de areia, soltando pipa, pegando jacaré nas ondas, andando de bicicleta ou jogando bola. Vindo de cidades diferentes, Thi junto com seus amigos, os irmãos Fepe e Mosquito, mais o Fininho só se encontravam nessa praia, nem sempre chegando ou partindo no mesmo dia.

Ao amanhecer Thi montava em sua bike e saia pedalando, chamando os outros para brincar e ganhou o apelido de Superthi, eles brincavam da manhã até quase o anoitecer e em uma tarde, em que um chute torto do Fepe fez Superthi sair atrás da bola, que seguia em direção de um velho índio que vinha caminhando pela rua, ele parou a bola com um pedaço de madeira que trazia em mãos. Quase no mesmo momento uma pancada d'água, pingos grossos e fortes começou a cair e todos correram para suas casas, Superthi deu um chute na bola em direção a sua casa e correu também.

A bola parou numa poça d'água e Superthi abaixou para pegar, olhou para trás e o velho índio havia sumido. Por um tempo ficou parado procurando pelo velho índio, mas nem sinal, ele havia desaparecido por completo da rua.

Molhado e sujo, antes de entrar em casa deu um mergulho na piscina para se limpar, evitando assim levar bronca da sua mãe. Choveu a noite toda e na manhã seguinte, Superthi pegou sua bike para pedalar com a tropa, eles adoravam quando as ruas ficavam cheias de poças d'água, se enchiam de barro e areia passando com as bicicletas dentro de todas as poças pelo caminho.

Decidiram chamar o dia de “Dia para Descobertas”, e se aventuraram pelo mangue, explorando ruas que não conheciam, em determinado momento se separaram, Fepe e seu irmão Mosquito foram para a esquerda, Fininho fez o retorno e Superthi continuou em frente pela rua até perto do rio, onde viu uma poça d'água borbulhando, abriu um sorriso enorme decidindo passar com a bicicleta nessa poça e bummmm, um tombo.

A roda da bike bateu num pedaço de madeira, caindo na areia ao lado se assustou ao ver o um vulto surgir de dentro da poça d'água, aos poucos percebeu que era o velho índio.

— Você se machucou? — Perguntou o velho índio

— Não, só me assustei. — Respondeu Superthi

— Você não pode ficar passando com esse brinquedo nas poças d'água, é perigoso. — Advertiu o velho índio

— Eu sempre fiz isso, mas nunca tinha visto ninguém aparecer de dentro da poça d'água. — Respondeu Superthi

— É que você não sabe os caminhos do mangue. — Afirmou o velho indo

— Eu conheço quase todas as ruas dessa praia. — Disse Superthi

— Mas não conhece os caminhos das poças d'água. — Falou o velho índio

— Então foi assim que você desapareceu ontem? — Perguntou Superthi

— Sim, eu entrei num caminho que me levou até o outro lado da serra.

— Como isso é possível, o senhor me ensina? — Perguntou Superthi

— Um dia, agora tenho que ir para aldeia fazer meu Tacape antes que essa madeira seque.

— Meu nome é Superthi e o do Senhor. — Perguntou

— Eu te conheço desde que você era bebezinho, eu já ajudei teu pai na estrada uma vez.

Antes de poder falar qualquer coisa, o velho índio desapareceu em outra poça D'água, deixando Superthi abismado, pegou sua bicicleta e voltou para casa a toda velocidade para conversar com seu pai.

— Pai, pai. — Gritando ao chegar a casa, jogando a bicicleta no gramado próximo da piscina, onde seu pai estava brincando com seu irmãozinho.

— Eu encontrei um velho índio que saiu de dentro de uma poça d'água, falou comigo e depois sumiu em outra poça d'água, ele falou que me conhece e já te ajudou na estrada uma vez. — Disse Superthi

— Ah, você deve estar falando do Ikal, o velho índio que vive nessa praia desde sempre. — Respondeu seu pai.

— Acho que é como ele faz isso? — Perguntou Superthi

— Eu não sei, os caiçaras dizem que é místico, que tem poderes de feitiçaria, mas quando ele me ajudou a trocar o pneu numa noite de chuva, não teve nada de magia, foi trabalho de braço e ferramentas.

— Como eu faço para encontrar ele

— Às vezes, nas tardes que o vento vai para o mar, ele costuma ir à ponta da praia do segredo, sentar nas pedras para cantar para sua amada.

— Praia do segredo, onde fica essa praia?

— Amanhã eu te levo até lá.

A praia dos segredos é um dos segredos mais bem guardados do litoral norte, com acesso somente pelo mar ou por uma trilha de um quilometro pela mata atlântica, e poucas pessoas conhecem, perto da região entre Toque-Toque Grande e Guaecá. Uma praia pequena com areia dourada, águas cristalinas e uma linda vista para a Ilhabela.

— Ikal! — Gritou Superthi quando chegou à praia acompanhando de seu pai.

O velho índio olhou para os dois e acenou, conversaram por um bom tempo antes de o pai voltar para casa, deixando Superthi e Ikal nas pedras da praia.

— Coragem, só isso não basta é preciso ter paciência e concentração para aprender. — Disse Ikal

— Eu aprendo.

— Senta aqui ao lado e observe.

Superthi sentou-se ao lado de Ikal, depois de algum tempo perguntou:

— Observar o quê?

— O vento, sentir o vento, é através do vento que se pode abrir o caminho pelas poças d'água. — Respondeu Ikal

— É pela direção do vento que vamos para outro lugar? — Perguntou Superthi.

Preste atenção, a coragem não impede ninguém de sentir medo, o caminho das poças d'água não é para qualquer pessoa, é preciso paciência e concentração. Ikal começou a ensinar Superthi os segredos para os caminhos nas poças d'águas. Sobre os tamanhos, as profundidades e os formatos das poças formadas pelas chuvas nas ruas, as grandes, medias e pequenas, as fundas e as rasas, as formas, redondas, oblongas, as quadradas e as triangulares.

As grandes que são as mais fáceis, porem mais longas e demoradas.

As medias são difíceis de achar e fáceis de chegar

As pequenas são as rápidas como num estalar de dedos e também são as mais perigosas.

É preciso prestar muita atenção no formato, prefira sempre às poças oblongas e sem pedras, mas evite as de três pontos ou as que tenham alguma pedra aparecendo na superfície da água.

Com o vento mudando de direção Ikal voltou para a mata avisando que no dia seguinte depois da chuva ele continuaria o ensinamento.

Na tarde do dia seguinte, perto da bica no pé de serra, Ikal fez com Superthi a primeira viagem pelos caminhos das poças d'água, saiu da praia e em questão de segundos chegaram até o meio da floresta na Mata Atlântica, cercada por rochas dentro de uma gruta na sagrada região da Grande Arvore guardiã das magias na floresta, onde Ikal pegou algumas folhas.

Fazendo uma reza em Tupi misturando com as águas que saíam do tronco da árvore, jogando nas pernas, nos braços do Superthi que assim teria a proteção dos espíritos da floresta para transitar pelas poças d'água, e que também funcionaria como um código genético, impedindo que ele sáísse da região e não deixando que ninguém o visse ou soubesse desse caminho pelas poças d'água.

Foram dois anos e todas as vezes que viajava para praia, Superthi esperava pelas chuvas de verão para se aventurava nas poças d'água, cada vez mais confiante, mesmo que uma vez quase se encencou nas pedras do Sino em Ilhabela e Ikal o ajudou, acabou conhecendo as grutas de São Sebastião, o buraco do cação em Ilhabela, a caverna dos morcegos, a toca da grande cobra, porém o caminho de volta era o mesmo, sempre retornando para a mais linda, mais bela de todas as praias, a praia do segredo.

Até que no verão em que completou onze anos de idade, a magia acabou. Ikal veio em seu sonho para dizer, que a partir daquele instante, conforme costume da Mata Atlântica terminaria a magia para caminhar pelas poças d'água para os não nativos restando somente, as aventuras vividas em sua mente. Ao acordar na manhã seguinte, somente seu pai e Ikal se lembravam das aventuras do Superthi pelos caminhos das poças d'água.

Dizem que ainda hoje é possível ouvir o canto do velho índio Ikal para a sua amada Haikã, que retornava da busca de ervas medicinal e desapareceu no mar, no dia da grande onda que invadiu e varreu a ilha de Guaiaó. Desde então, quando o vento oeste sopra para o mar, em dias nublados e chuvosos, nas águas geladas do outono as baleias que cruzam o canal entre Ilhabela e São Sebastião fazem um espetáculo saindo para fora d'água e dançando ao ouvir esse canto.

Qualquer dia desses, eu conto a historia do Jovem Ikal e sua amada Haikã.

**Mollero Tomé** o pseudônimo de Roberto Molero nascido em 1960 na cidade de Santo André em São Paulo, filho de um pedreiro e uma tecelã, teve uma infância discreta na classe media andreense, estudando sempre em escolas publicas. Técnico em Comercio iniciou sua vida profissional aos 18 anos, atuando em empresas da região do Grande ABC nas áreas de Produção, Manutenção, Qualidade e Projetos Avançados, desde que se afastou das atividades nas indústrias, dedicou-se a recuperar as paixões de adolescência, fotografia em preto e branco, contar historia ou poemas.

Desse reencontro surgiu o primeiro conto publicado na revista Conexão Literatura em dezembro de 2020 e agora este novo conto.



# CONTO: SERENA SOBERANIA

POR ROBERTO MINADEO



**Conto**

Veneza passava por décadas de crescimento; ao longo da História contou com mais de cem Doges, que adotaram os melhores moldes republicanos no governo, ao aliarem as melhores tradições dos governantes anteriores com sábias inovações ao longo do tempo. Suas rotas comerciais dominavam o Mediterrâneo, trazendo especiarias e seda do Oriente à Europa e fazendo com que a sereníssima cidade-estado ampliasse as suas fronteiras e as suas riquezas. Apenas as caravelas, século e meio depois, descobririam novas rotas, minando esse ciclo de bonança.

Aurora era jovem, bela e recém-casada. Ela e Martino descendiam de famílias ilustres e ricas. O casal, amigo do Doge reinante, obteve uma posição de representação junto ao Sacro Império Romano-Germânico, em Viena.

O casal teve três anos maravilhosos, com inúmeras recepções e encontros oficiais — perfeitos para que os pombinhos consolidassem seus laços. Entretanto, o Doge sofreu um golpe e caiu do poder. O casal perdeu o posto e, decepcionado, teve que retornar.

Enquanto avaliava a possibilidade de assumirem algum dos negócios da família compareceram a um baile diante do novo Doge, apenas para evitarem qualquer mal-estar em função de seus laços com o governo anterior. Ela, esfuziante, dançou como nunca e encantou a todos, propiciando uma ocasião privilegiada de conversa do casal com o novo governante — que mal escondeu ter ficado cativado por ela, um perfeito exemplar da beleza contida em uma embalagem de morena baixinha com olhos castanho-claros, tão comuns entre o seu povo.

O Doge se impressionou especialmente com a sagacidade e a inteligência dela; e fez uma proposta: Martino seria seu conselheiro privado. Com esse arranjo, o governante julgou, de forma perspicaz, que os problemas seriam discutidos a dois, sendo a ele trazida a preciosa opinião dela — que, compreendeu imediatamente o alcance da proposta. Enquanto isso, o seu marido, envaidecido, pensou que a proposta se devia apenas às suas próprias qualidades. A República ampliou o seu crescimento, aproximando-se de seu apogeu.

Durante esses anos, vieram os filhos do casal. Aurora estava feliz em contribuir a temas vitais para a sua pátria, além de garantir a estabilidade da família, tudo isso em sua própria casa.

Em algumas ocasiões, porém, o Doge gostaria de ter acesso às ideias de Aurora com maior agilidade: nem sempre Martino compreendia sua pressa e às vezes também não discutia alguns temas com ela. Outra causa de desgosto, mais difícil de ser admitida: o Doge estava cada vez mais doído por ela, inventando desculpas para poder vê-la mais vezes, em vão. Tratava-se de uma paixão nascida da mais platônica das origens — a das ideias. O Doge e Aurora cresciam em sintonia, mesmo separados pela distância e pelos seus respectivos cônjuges.

Dessa forma, se fez natural que um segundo conselheiro fosse nomeado, um experiente ex-embaixador. O governante fez de tudo para que ninguém percebesse a existência de tais assessores — inclusive por ser limitado e crescentemente dependente de seus preciosos auxiliares, Martino-Aurora e o recém-escolhido.

O segundo conselheiro sagazmente percebeu as limitações de Martino e adivinhou as motivações que teriam influenciado em sua escolha. O Doge, por sua vez, percebeu que seu novo assistente estava próximo de uma verdade explosiva, e teve que pressioná-lo, exigindo lealdade e o mais absoluto silêncio, em nome da confiança nele depositada, em nome da República.

As coisas estavam nesse precário equilíbrio quando veio a Peste Negra, que levou sem a menor cerimônia um terço da população da Europa, Ásia e África. O Doge perdeu em uma única ocasião a sua esposa e o segundo conselheiro, ficando inconsolável.

O governo passou por maus momentos, devido ao mais absoluto caos que se instaurou. A perda de gente na República foi fulminante. Houve famílias inteiras dizimadas pela doença e vilarejos totalmente riscados do mundo dos vivos. A evolução da situação era informada de forma tão lenta que servia para ampliar sobremaneira a sensação de ingovernabilidade, trazendo a mais total e completa exasperação aos pobres encarregados dos negócios. O Doge enfrentou o pior momento de sua vida: às perdas pessoais se uniram os momentos de maior tensão e dificuldade de governar.

Quando Martino, após passarem os piores momentos, voltou a visitar o Palácio regularmente, o Doge mal conseguia esconder que sua paixão por Aurora e o fato de estar viúvo representavam uma ocasião privilegiada de se livrar desse tonto e fútil conselheiro. Todavia, a mais remota existência de algum ato de violência contra o marido de Aurora, levaria a toda a República perceber que o marido saíra de cena devido à sua intervenção pessoal. Dessa forma, por total ironia do destino, tanto a vida de Aurora quanto a de Martino se revestiam do status dos maiores interesses nacionais.

O Doge convocou diversas figuras de destaque para a escolha do sucessor do falecido conselheiro: homens de negócios e pessoas que haviam se destacado na defesa dos interesses da República — civis e militares. Evitou chamar novamente diplomatas aposentados, para evitar criar ciúmes junto a outros extratos da sociedade, e especialmente para que não surgisse o costume de que seus assessores tivessem que ser de tal origem.

Apesar das tentativas de fazer com que o processo seletivo fosse algo discreto, surgiram boatos, que ganharam peso em função da recente crise pela qual a República atravessara. A escolha recaiu sobre um banqueiro ilustre, dos mais renomados de toda a Europa, e cuja família era amiga de longa data tanto de Martino.

Aurora, feliz pela escolha e pelo fato de ver que a sua família havia saído ilesa, continuou a prestar os seus preciosos e ocultos conselhos à Sereníssima.

Um belo dia, o novo conselheiro descobriu papéis secretos do falecido conselheiro, que aludiam a Martino como detentor da condição de mero leva-e-traz das ideias de Aurora ao Doge. Como banqueiro e assessor do Doge, o dever de guardar sigilo se tratava de algo habitual em sua vida, e absolutamente imperativo neste caso.

Todavia, quis o destino que Martino ingressasse na sala no exato minuto em que a pasta havia sido descoberta. A reação do amigo em tentar disfarçar o assunto não escapou à perspicácia do “conselheiro”, que passou a inquirir sobre o que se continha naqueles documentos. O banqueiro disfarçou como pôde, colocou tudo em sua valise, alegou uma desculpa bastante esfarrapada para se retirar e se foi.

Não era preciso ser um gênio para Martino se dar conta de que algo daqueles papéis se referia a si próprio. Seguiu o amigo e o abordou quando iria entrar em seu palácio. Foi direto ao ponto, perguntando pelo conteúdo daquela pasta, alegando a centenária amizade que unia ambas as famílias. O banqueiro disse que estava sendo criada uma tempestade em copo d'água. Convidou-o para entrar e acompanhar a família no jantar.

Beberam. Martino conhecia o ponto fraco do amigo. Assim, em um momento de fraqueza, obteve relatos incongruentes a respeito do que o ex-embaixador escrevera. Apesar de bêbado, o banqueiro ainda tentou tirar importância de todo o episódio, classificando-o de mero conjunto de boatos, causados pela inveja.

Martino se perdeu pela curiosidade. Alegando a necessidade de ir à toalete, foi atrás da fatídica pasta, encontrando os documentos. Não queria trair seu amigo, perpetrando um furto, de modo que leu ali mesmo o que o ex-embaixador escrevera sobre si e Aurora.

Fora de si, conteve-se a custo, apenas o necessário para se despedir de seus anfitriões. Não quis ir a casa, percorreu as ruas a esmo, imaginando o pior: começou pela certeza de que Aurora saberia de tudo. Depois, sua febril imaginação traçou o quadro mais negro possível. Sim, claro que sua amada esposa não tivera outra opção senão aceitar os ataques do Doge. Dessa forma, os “conselhos” da esposa certamente iriam acompanhados das carícias da traição.

Martino criou todo esse monstro pelo simples fato de não aceitar a mais elementar dedução que inclusive se encontrava nos documentos que acabara de ler; ou seja, as habilidades intelectuais da esposa superavam as suas. A vaidade o cegou. Jamais ele poderia admitir uma coisa dessas. Não havia a menor possibilidade de dúvidas, o Doge estava buscando em Aurora substituir a falecida esposa. Pior, a traição certamente teria sido iniciada antes.

Uma noite nas ruas, algo que jamais fora visto na existência de alguém de uma ilustre família como a de Martino — que deixou Aurora e os filhos absolutamente transidos de medo e preocupação. Afinal, haviam presenciado a recente perda de tantos amigos e conhecidos pela mais terrível doença que os anais da história haviam registrado. Ele não chegou, apenas encaminhou um aviso ao início do dia: estando perto de sua mansão, chamou de longe um dos criados, e rabiscou uma nota, dizendo estar bem, tendo sido atraído por graves e urgentes negócios. Completou dizendo que não o aguardassem naquele dia.

Aurora perdeu a tranquilidade, pois tinha o suficiente discernimento para captar a impossibilidade de “negócios” que tivessem absorvido seu marido durante a noite, e pior, que o compelissem a continuar tratando deles durante o nascente dia. Preparou seu ânimo para o pior.

Indignado, Martino foi tirar satisfações ao governante. Este, confuso e assustado, tentou acalmá-lo, atribuindo a causa dos incendiários escritos à inveja do ex-embaixador por seus sábios conselhos. Péssima abordagem, pois Martino imaginou estar sendo vítima da tradicional ironia de alguém imbuído de autoridade para aplacar um reles servidor.

Ao vislumbrar que o Doge o tratava com atitude condescendente, seu ânimo azedou ao limite: Martino explodiu e desafiou o governante máximo da República a um duelo — algo inusitado nos anais da história. O Doge tentou argumentar, dizendo que

muito sangue já fora derramado de forma involuntária pela Peste, e que não seria razoável um conflito em função de bobagens imaginadas por um ex-embaixador, aliás, já falecido. Contudo, quanto mais o Doge tentou argumentar, mais enfurecido deixava Martino.

O banqueiro percebeu logo cedo o que ocorrera. Ainda antes de tomar qualquer atitude, soube do fatídico evento que iria ocorrer. Sentiu-se um verme, causador de tudo. Afinal, o maldito documento que tanto mal-estar provocara deveria ter sido logo destruído, pelo simples fato de não ter a menor serventia após ter sido lido por ele. Como poderia perdoar-se de tal falta? Foi ao Doge e pediu imediata cessação de seus serviços. Ato contínuo foi informar Aurora do que havia ocorrido, tentando prepará-la para o que viria pelas próximas horas.

Aurora não ficou nada satisfeita com o andar dos acontecimentos: ou perderia o marido ou o Doge. Claro que as chances de Martino eram muito maiores — o que representava nada menos que entrar no olho do furacão, ela seria vista como a traidora causadora de tudo, como alguém que o Doge usara. Além de tudo, seu matrimônio correria risco, pois uma traição não costumava ser perdoada. Em qualquer dos casos, a sua situação e a de seus filhos enfrentaria considerável desprestígio.

Já ao final da manhã, veio o duelo. Martino, mais jovem e destemido, era o franco favorito, dominando as casas de apostas à proporção de sete por um. O Doge, todavia, se via no dever de defender não apenas a própria honra, mas também a da República.

Como se esperava, Martino estava completamente ensandecido, e começou a luta de forma por demais agressiva, o Doge se defendeu, e logo causou um pequeno ferimento na perna do atacante. Este continuou suas tentativas de definir o combate o quanto antes, sem perceber que em vários golpes defensivos, o Doge lhe impunha mais e mais chagas — pequenas ou mais consideráveis.

A estratégia de Martino de tentar cansar o Doge, por considerá-lo idoso, não estava funcionando. Em pouco mais de dez minutos de combate, quase exausto, Martino começou a cambalear, seus ataques não levavam mais risco algum. O Doge avaliou a situação: Martino iria espalhar aos quatro ventos a sua falsa versão a respeito da traição da própria esposa — ou seja, havendo alguma chance, em nome da governabilidade, fazia-se imperativa a vitória total, ou seja, abater o ofensor. Este não tinha a defesa como um ponto forte e continuou cego, tentando obter uma vitória total rápida. Todavia, veio a sucumbir ante um golpe decisivo do governante, que saiu ileso da luta.

Aurora vestiu luto por primeira vez. Viúva, rica e jovem, se preparou às inoportunas propostas que viria a receber. Alguns primos distantes foram os primeiros, imbuídos dos mais nobres deveres de manterem a honra e o patrimônio sob o manto da unidade familiar. Para sorte dela, o Doge se antecipou. Fez uma festa, chamando ao palácio os mais destacados nomes da República. Naturalmente, ela foi convidada. Diante de todos, afirmou ter sido Martino o provocador do duelo, com as mais falsas acusações de traição. Dessa forma agora estavam livres para unirem os seus destinos.

O argumento crucial não foi dito: ela estaria ao seu lado, aconselhando-o em todos os momentos — o que se fazia necessário nesse delicado momento de reconstrução da Sereníssima.

O casamento foi a festa mais notável dos anais de Veneza, tendo sido fonte de inspiração para romancistas de toda a Europa. A Ponte dos Suspiros foi construída

especialmente para a ocasião. O Doge não teve mais dificuldades em acessar as ideias de Aurora — que em muito contribuíram para a República ampliar mais e mais os seus domínios, antecedendo três décadas que a levaram ao seu apogeu.



**Roberto Minadeo** fez revisões e traduções de obras técnicas sobre negócios, além de publicar obras sobre Marketing e Estratégia.

Em 2020 lançou a antologia onírica "Sonhos Fulgurantes", na Amazon. Link dessa obra:

<https://www.amazon.com.br/dp/B088P8D8RK>

Em 2021 lançou o romance/drama "Duas Irmãs".

Escreve habitualmente para diversas coletâneas. É membro da ANE – Associação Nacional de Escritores, criada em 1963, em Brasília.

Sua página profissional de Escritor é:

<https://www.facebook.com/Roberto-Minadeo-Escritor-105594060914033>

Seu e-mail: [rminadeo@gmail.com](mailto:rminadeo@gmail.com)

Outras redes sociais em que participa:

<https://www.instagram.com/robertominadeo>

[researchgate.net/profile/Roberto\\_Minadeo](https://www.researchgate.net/profile/Roberto_Minadeo)

A long-exposure photograph of a city street at night. The street is lined with tall buildings, some with lit windows. The road is filled with light trails from cars, creating a sense of motion. The sky is dark, and the overall atmosphere is urban and vibrant.

# CONTO: AMANHECE NA CIDADE GRANDE

POR ROBERTO SCHIMA

## Conto

*A*manhecia na cidade grande.  
 Havia o silêncio de uma espera sem fim.  
 O ar estava límpido e sem seus odores habituais.  
 Nos cruzamentos, não havia sinal de ladrões ou flanelinhas.  
 As ruas estavam tranquilas como, provavelmente, jamais estiveram.

*Sem automóveis, sem pedestres, sem fuligem, sem buzinas, sem lojas abertas, sem rostos carrancudos reiniciando o dia e rezando para que fosse o último.*

*Porém, que não se dissesse que era um lugar deserto, pois não era. Os edifícios residenciais estavam apinhados de gente, pessoas que viram-se subitamente obrigadas a conviver com o cônjuge e os próprios filhos em razão da quarentena. Aqueles que passavam mais tempo ao lado de colegas que pouco deveriam representar no contexto particular de suas vidas, agora encaravam aqueles que deveriam ser as razões de suas existências, mas revelavam-se quase como estranhos aos quais viram-se forçados a serem apresentados, a ter de ouvir, falar, educar, ser ensinado.*

*A pandemia esparramara-se para o mundo lentamente a princípio feito nuvens tênues de algodão. Gradualmente, porém, tais nuvens avolumaram-se e converteram-se em ruidosa tempestade. E a tormenta desabara sobre nações e continentes. Relâmpagos enraivecidos fulminaram os ares. Trovões ribombaram nos céus como as trombetas do Juízo Final.*

*Quarentenas foram decretadas e populações inteiras viram suas rotinas serem drasticamente alteradas e seu mundo virado do avesso ou de ponta-cabeça, reduzindo-se a pouco mais do que quatro paredes.*

*Paredes que apagavam o alvorecer.*

*Paredes que obstruíam as suas visões.*

*Paredes que faziam-nos olhar a si próprios.*

\*\*\*

Na guia da calçada de um dos cruzamentos normalmente mais movimentados daquela cidade, Daniel acomodou-se ao lado de seu irmão, Samuel. Aquele encheu prazerosamente os pulmões e falou:

— Estou boquiaberto.

— Por que, "bro"?

— Nem em meus mais delirantes devaneios, eu imaginei que, um dia, estaríamos aqui tão sossegados, admirando a alvorada.

Samuel, mais velho e rechonchudo, concordou num aceno de focinho.

— É verdade, "bro". Aliás, há quanto tempo a gente não via o nascer do Sol?

— Nem me recordo. Os esgotos são sempre tão escuros e fétidos... Nem me lembrava do quão delicioso era inspirar o frescor do orvalho, sem pressa de viver e, principalmente, sem medo de morrer.

— Pode ter algum gato por perto.

— Sem essa, Sam. Gatos de rua são raros e os domésticos têm medo da gente.

— De fato, "bro", de fato...

— Larga mão desse "bro"!



— Tá certo "bro"... Digo, tá certo, Dan. Você sempre foi o filósofo da família, o sonhador. Talvez por isso os seus pelos sejam mais claros. Fico contente de que pelo menos este sonho tornou-se realidade.

— Eu nunca sonhei que isso pudesse acontecer...

— Então, fala mais baixo para não dar azar e terminar.

— ... Mas fico contente que tenha acontecido.

— Somos dois, irmão.

Samuel sorriu e seus longos bigodes subiram e desceram feito limpadores de para-brisa. Fechou a matraca e cuidou de limpar seus próprios pelos, a longa cauda pelada e o focinho. Vida de ratazana nunca fora fácil, até surgir essa tal de quarentena. Agora, podia até dar-se ao luxo de cuidar da própria higiene em plena luz do dia. Seus pelos eram de um cinzento muito escuro, quase pretos, o que sempre o livrara de muitas encrencas ao confundir-se às sombras. Daniel, pelo contrário, além de ter o pelo de uma tonalidade clara, era traído por uma enorme mancha branca que ocupava a maior parte das costas, as patas traseiras e a barriga. Coisas da genética. Isso o forçara a ser mais esperto do que os demais por ser um alvo mais evidente. Os outros irmãos, agora falecidos, evitavam a sua companhia. Samuel, pelo contrário, sempre se dera bem com o caçula e, a bem da verdade, a maior sagacidade e inteligência de Daniel livrara-o de apuros a perder de vista. Não por acaso, sobreviveram às adversidades.

Samuel e Daniel eram os únicos que restaram da família. Se vez ou outra pensavam nisso, evitavam comentar. Era um acordo tácito a fim de não despertar memórias ruins.

Seus pais tiveram várias e numerosas proles ao longo da existência, mas cada membro fora sendo abatido pelas circunstâncias da vida. A maioria perecera pelas mãos dos humanos das formas mais terríveis, grotescas e traiçoeiras possíveis: ratoeiras, envenenamento, afogados, sufocados, devorados, a tijoladas, a pauladas. Era uma lista sem fim.

Não era a toa que Samuel regozijava-se pelo fato dos humanos estarem sendo vitimados por uma doença que somente a eles atingia. Saberiam, agora, o significado de ser perseguido por um inimigo implacável que não fazia distinção de tamanho, cor, procedência, personalidade, crença. Só desejava eliminá-los da face da Terra.

— É castigo — disse, aproveitando o calor do Sol e mirando o azul do céu. — Justiça divina. Falam de nós com nojo e raiva, mas foram eles que dizimaram todas as terras de onde nossos antepassados extraíam o seu alimento. Por causa disso os roedores foram forçados a viver na imundície produzida pelos humanos e a devorar os seus restos de comida.

— Verdade, irmão — concordou Daniel, também acenando o seu focinho. — Usam o termo "rato" e "ratazana" para indicar alguém desprezível, porém, ao longo da história, qual das espécies revelou-se a mais vil? Culpam-nos pela Peste Negra, mas temos responsabilidade pelas pulgas que carregamos? Oxalá pudéssemos nos livrar delas! Eles empestearam outros de sua própria espécie, por vezes intencionalmente. Quem é a maior praga? Nossos ancestrais já eram forçados a viver nos ambientes mais sujos da sociedade humana para poderem sobreviver. E, se eles se alastraram por outras partes do mundo, viajaram nas embarcações de quem? A Peste Negra deve ter sido outro castigo divino,

Sam. Mas a humanidade nunca aprendeu com seus erros e sempre buscaram por bodes expiatórios.

— O que um bode tem a ver com isso?

— Ah, é só força de expressão...

Samuel parou de desembaraçar os pelos de seu peito. Admirou um bando de pardais disputando um pedaço de pão velho e, sem se voltar ao irmão, disse:

— Ah, Dan, você sempre foi tão eloquente e sabido. Deve ser por causa de todos aqueles livros que roeu na biblioteca. Não foi? Creio que foi por culpa sua os humanos terem inventado o termo "rato de biblioteca"!

E pôs-se a rir, sentindo-se muito perspicaz.

Daniel riu também, talvez plenamente feliz pela primeira vez na vida.

O Sol subia no céu como uma moeda de ouro.

As folhagens brilhavam, livres da fuligem.

Fiapos de nuvens deslizavam devagar.

Flores perfumadas desabrochavam.

— Daqui a pouco irá bater a fome — falou Daniel casualmente.

Samuel acariciou o ventre roliço.

— Minha barriga já tá roncando, Dan.

— Sua pança já nasceu roncando!

E riram gostoso outra vez. Quando recuperaram o fôlego, Daniel continuou:

— Precisaríamos ir até o supermercado. Porém, lá está perigoso.

Samuel sentiu calafrio.

— Mas é lá que os humanos estão indo!

Daniel apoiou a mandíbula sobre a pata dianteira direita, pensativo.

— É verdade. Eles mandaram fechar o pequeno comércio e impediram as feiras livres, onde nós conseguíamos boa parte da comida, mas autorizaram os grandes supermercados a continuarem abertos. Por um lado, isso é bom para nós, pois lá é o verdadeiro paraíso. Todavia, além de ser mais longe, lá os humanos estão mais aglomerados...

— Peraí, "aglomerados"? Ué, mas não proibiram aglomerações? Você contou que estão prendendo gente nas ruas!

Daniel fez uma careta.

— E estão. Mas quem consegue entender os humanos? Ainda mais os daqui. José da Silva é obrigado a fechar o seu pequeno comércio, a ficar trancado dentro de casa com a família sem ter de onde tirar o seu sustento e nem como pagar seus funcionários, mas os grandes empresários podem manter abertas as suas redes de supermercados... Por quê? Os clientes esparsos que frequentavam os pequenos estabelecimentos, agora, somam-se à aglomeração que já havia nos supermercados com seus clientes habituais. E, se não era para aglomerar, por que permitiram a realização do carnaval? Lembra-se disso, Sam?

— Se lembro: um mundaréu de humanos, um por cima do outro, berrando feito doidos. E aquelas músicas infernais... Bêbados. Suados. Fedidos. Todos pulando feito malucos. Não podíamos sequer colocar as patas para fora dos esgotos... Quem é José da Silva???

Daniel ignorou a pergunta. Depois cuidaria de explicar certas sutilezas.

— A imprensa só falava disso: carnaval, carnaval e carnaval. Se colocavam algo da nova doença, mal passava de notas de rodapé. E, mesmo quando davam algum destaque, garantiam que tudo estava tranquilo em relação à folia. Foi um período no qual a irresponsabilidade, a ignorância e a estupidez de foliões, artistas, imprensa e as tais "otoridades" caminharam lado a lado.

Samuel fez brilhar de admiração seus grandes olhos pretos.

— Poxa, "bro"... digo, Dan, até os jornais dos humanos você andou lendo! Azar o deles, sorte a nossa.

Se tivesse ombros, Daniel teria dado de ombros.

— Precisamos conhecer nosso adversário para viver. É uma lição que aprendi. Contudo, os humanos são incompreensíveis. Uma mistura de inventividade e estupidez impossível de entender. Caminham a passos largos para a própria destruição e não fazem nada para impedir.

Samuel riu, exibindo os dentes salientes, enquanto balançava as patinhas traseiras na guia.

— Isso não é tão ruim assim... Para nós, pelo menos. Eles que se ferrem. Olhe ao redor: ruas tranquilas, ar mais limpo, até as flores estão felizes! Como é que chamam essa doença?

— Tem um nome difícil, mas pode-se dizer pandemia.

— Ah, foi essa palavra que eu escutei... Pandemia.

De repente, ouviu-se uma voz esganiçada:

— Eu também ouvi!

Os dois se assustaram, colocando-se em alerta.

— Quem foi? — gritou Samuel.

— Relaxa! — veio a voz de dentro de um bueiro. — Sou eu, Leopoldo.

A barata saiu e suspirou, sentindo-se, porém, ofuscada pela luz.

Havia muito tempo que Daniel, Samuel e seus semelhantes conviviam com esses insetos.

— Não precisava meter medo na gente.

— Foi sem querer, balofo.

— Quem você chamou de balofo, Leo... como é mesmo seu nome?

— Leopoldo! LE-O-POL-DO... Leopoldo.

Samuel pôs-se a rir.

— Ah, ah, ah... Uma coisinha tão pequena com um nome tão grande.

— "Coisinha" é uma pata no seu traseiro — retrucou a barata, ofendida. — Só sei que nós, baratas, existimos há muito mais tempo neste mundo do que os humanos, vocês e até os famosos dinossauros. E continuaremos a viver depois de todos terem partido. Por isso, cuide-se, gorducho!

— "Gorducho"? Ora, sua...

Mas a barata tornara a sumir bueiro abaixo.

— Acalme-se, irmão — pediu Daniel. — Você conhece as baratas.

— Debochadas e convencidas, isso é o que são.

— Voltemos à pandemia, Sam. Esse é o nome que os humanos dão para um mal que se alastrou fora de controle. Mas a pior e mais antiga pandemia que existe por aqui eles já têm ciência faz tempo. Chama-se corrupção.

— "Corrupção"?

— Sim. Imagine se, quando éramos pequenos, nossos pais fizessem a gente sair por aí a cata de comida, e, depois, somente eles devorassem tudo. Ou só dessem migalhas para nós, o suficiente para não morrermos de fome, caso contrário, não teriam quem apanhasse alimento para eles depois. Estaríamos à míngua, enquanto eles engordavam.

Samuel arregalou os olhos.

— Isso seria monstruoso! Eles nunca fariam isso. Importavam-se com os filhos. Pelo contrário, desdobravam-se para alimentar nossas bocas e até passaram fome para isso que eu sei.

— É verdade. — Por um momento, Daniel arrependeu-se de mencionar os pais devido à lembrança que evocavam. — Só que existem humanos que agem do jeito que eu falei. E eles ocupam a liderança dos outros humanos.

— Então, por que o que estão nessa tal de "míngua" não expulsam os responsáveis?

— Pois foram os próprios oprimidos que colocaram os corruptos no poder.

— Eles são loucos?

— O que foi que eu disse há pouco? São impossíveis de compreender. E existem regiões longínquas que sofrem mais do que outras, como a África. Ela nunca foi lembrada pelos humanos mais ricos, exceto quando puderam explorar algo dela. Eles criam números, tabelas, gráficos e estatísticas para contar seus contaminados e mortos.

— Como num jogo do bicho? — indagou Samuel, um tanto entediado, barrigando.

— Ah, Sam, você conhece isso?

— Fala de bichos, não tem como eu não saber...

— Bom, é isso mesmo, como num jogo de bicho. Entretanto, minimizam o fato de que por trás de cada algarismo existem outros seres humanos, histórias, sonhos interrompidos, dor e tristezas... São tão contraditórios! Vejo-os agora numa ânsia de conversar, de abraçar, de viver. Estão todos de máscara, mas sem outras máscaras. E, num beijo separado por muralhas de tecido, redescobrem o amor que julgavam perdido.

— Poxa, Dan, você fala tão difícil e bonito... É um poeta! Faz a gente quase ter dó deles. Quase...

Dessa vez, Daniel não riu.

Repentinamente, viram sinal de movimento e correram para trás de um poste.

Não era nenhuma barata.

Dois homens caminhavam de maneira furtiva, sob as sombras de umas árvores, de olho em uma loja envidraçada.

Samuel, sempre impulsivo, foi o primeiro a falar:

— Ué, Dan, você não tinha dito que as pessoas não podem sair às ruas, senão são presas?

— Nesse caso é diferente...

— Diferente como? Não são pessoas?

Daniel viu um dos humanos apanhar um tijolo e atirar de encontro a vidraça. O estrondo assustou o irmão mais velho cuja cauda estirou-se toda, pelos arrepiados.

— Que @#\$%!!! — praguejou Samuel.

Daniel estreitou seus olhos pretos. Assentiu.

— São pessoas sim, Sam, mas são presos que a Justiça deles mandou soltar para não ficarem doentes. Libertaram milhares deles. São chamados de criminosos porque fizeram algo considerado ruindade.

— Como assim? Estão prendendo pessoas boas — ao menos entre eles — que andam pela rua, mas soltam gente ruim que estão nas ruas fazendo malvadezas?

— Exatamente.

— Que doideira!

— Não adianta, Sam. Não me peça para explicar porque eu não entendo. Até onde li, só aqui usaram a doença como desculpa para libertar bandidos.

Samuel estreitou os olhos e enrugou o focinho. Seus dentes surgiram num sorriso malicioso.

— Isso cheira a conluio...

— Não sei ao que cheira, Sam, mas, certamente, o cheiro não é bom, não é nada bom.

— E nós é que somos as "ratazanas"...

— Pois é.

Dessa vez, Daniel deu um meio sorriso.

E, enquanto os dois homens fugiam com os braços cheios de mercadorias, Daniel deu um tapinha nas costas de Samuel.

— Ei, veja lá, Sam! Tem um velho ali colocando o lixo pra fora. Está cheio de frutas e legumes que, provavelmente estão ficando passados e ele não tem como vender. Aliás, está proibido de fazê-lo.

— Não tem sentido!

— Não adianta esquentar a cabeça. Somos apenas animais irracionais, segundo eles. Vamos lá, vamos comer. Melhor e mais seguro do que ir lá longe, no supermercado.

Enquanto caminhavam calmos para o banquete, Daniel concluiu:

— Acho que a questão da humanidade não é ver o seu problema resolvido, mas conseguir enxergar que *elas* é que são o problema.

Foi a vez de Samuel dar um tapinha nas costas do irmão.

— Garoto esperto. Vamos logo comer. Está uma manhã bonita demais para desperdiçarmos em coisas ruins.

— Verdade... Bom apetite!

E lá se foram as duas ratazanas, uma cinza escura, quase negra, e outra cinza clara com manchas brancas.

Seguiram velozes pela calçada, rente às paredes, até a entrada de um beco onde a lata de lixo havia sido colocada.

Era um lindo amanhecer na cidade grande e ficaria mais bonito ainda de barrigas cheias.

O Sol brilhava.

As nuvens passavam.

O vento fresco soprava.  
Era, de fato, uma bela manhã.  
Por trás das janelas, espremiavam-se rostos tristonhos.

\*\*\*

*Sem pretender ressuscitar Thomas Malthus, talvez fosse relevante uma análise das principais pandemias que assolaram o planeta, a população mundial que havia em cada época e o intervalo de tempo decorrido entre uma pandemia e outra até os dias atuais.*

*A grosso modo, seria errôneo concluir que o aumento populacional desenfreado — e conseqüente intercâmbios ou migrações — foi diretamente proporcional ao número de pandemias ocorridas em intervalos de tempo progressivamente menores?*

*Em caso afirmativo, seria plausível prever que, sem alguma forma de controle demográfico, a tendência futura será a eclosão de novas epidemias a intervalos mais e mais reduzidos não obstante futuros avanços na medicina e no saneamento básico?*

*Por ocasião da Peste Negra, entre 1347 e 1353, a população mundial foi estimada em 385 milhões de habitantes. Durante a Gripe Espanhola, entre 1918 e 1920, a população era de 1,9 bilhão de habitantes. Quando surgiu a doença do vírus Ebola, em 1976, a população contava 4,15 bilhões de habitantes. Prevê-se uma população mundial de 8 bilhões em 2023 ou 2024.*

*Quando se trata de reprodução desenfreada, costumou-se comparar ou fazer metáforas em relação aos ratos e às baratas. Não seria hora da humanidade mirar-se no espelho?*

*Em um mundo outrora cheio de certezas e lugares-comuns, a pandemia causada pela Covid-19 trouxe o temor pelo desconhecido em relação a um mal que não fazia discriminações. A segurança, aparentemente sólida, mostrou-se frágil e desmoronou. A Economia entrou em colapso. O sistema público de saúde, que já fazia das tripas coração, revelou heróis verdadeiros, escolhas amargas e lágrimas sem despedidas.*

*Sem automóveis, sem pedestres, sem fuligem, sem buzinas, sem lojas abertas.*

*As ruas estavam tranquilas como, provavelmente, jamais estiveram.*

*Nos cruzamentos, não havia sinal de ladrões ou flanelinhas.*

*Por algum tempo, baratas e ratazanas foram felizes.*

*O ar estava limpo e sem seus odores habituais.*

*Houve o silêncio de uma espera sem fim.*

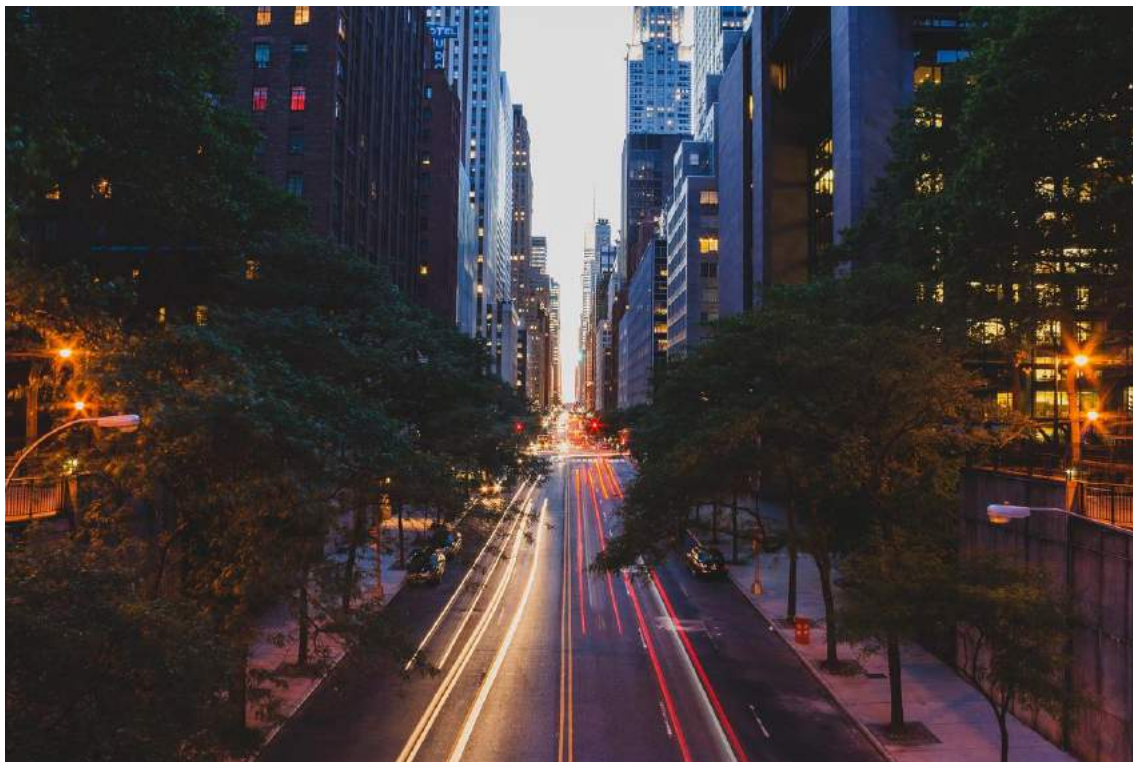
*E amanheceu na cidade grande.*

\*\*\*

## NOTA DO AUTOR:

A presente história foi originalmente publicada em outubro de 2020 na "Coletânea 2020: O Mundo Parou!!", Projeto Apparere, composta por 241 textos em 642 páginas, entre contos, crônicas, poemas e artigos relacionados à pandemia. Esta constitui-se uma obra relevante sobre o turbulento período que atravessamos, apresentando as mais diferentes facetas e pontos de vista. Reproduzo "Amanhece na Cidade Grande" também aqui para

os leitores que não tiveram acesso à coletânea, do mesmo modo que "Corônica de um Mal", publicada em abril de 2020 na edição nº 58 da "Conexão Literatura" ([http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao\\_literatura58.pdf](http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura58.pdf)) foi duplicada no livro "A Humanidade Pós Pandemia", publicado em novembro de 2020 pelo mesmo Projeto Apparere.



Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fui um garoto que amava os monstros, sobrenaturais ou do espaço. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu* etc. Participei de mais de oitenta antologias. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br). Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

**NO AR  
DESDE 2015**

# CONECTANDO AUTORES E LEITORES

**DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
01.08.2021**

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

**Fanpage** @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura